A LUZ QUE NÃO SE APAGA

KRISHNAMURTI

ICK

ÍNDICE

Titulo do original:
THE URGENCY OF CHANGE

A LUZ QUE NÃO SE APAGA

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Tradução de Hugo Veloso

A LUZ QUE NÃO SE APAGA

1. PERCEBIMENTO

Interrogante:*Eu desejava saber o que entendeis por percebimento, porquanto dizeis com freqüência que percebimento é, em verdade, o que estais ensinando. Tenho tentado compreendê-lo, ouvindo vossas palestras e lendo vossos livros, mas parece que não posso ir muito longe. Sei que não é um exercício e compreendo a razão por que tão decididamente repudiais toda espécie de exercício, adestramento, sistema, disciplina ou rotina. Percebo a importância disso, pois, de contrário, o percebimento se torna uma coisa mecânica e o resultado final é a mente tomar-se embotada, entorpecida. Se é possível, eu gostaria de investigar esta questão até o fim, junto convosco. Que é "percebimento"? Aparentemente, atribuís a essa palavra um significado especial, profundo, e, no entanto, a mim se me afigura estarmos sempre cônscios do que se passa. Sei quando me irrito; bem sei quando me entristeço; e sei também quando sou feliz.*

Krishnamurti: Estamos realmente cônscios da cólera, da tristeza, da felicidade? Ou delas só nos tornamos cônscios depois de passadas? Comecemos como se nada soubéssemos do assunto - da estaca zero. Não façamos asserções de espécie alguma, dogmáticas ou sutis, mas tratemos de explorar esta questão, pois, se realmente a penetrarmos, esse exame poderá revelar-nos um estado extraordinário que a mente provavelmente jamais atingiu, uma dimensão ainda não alcançada pelo percebimento superficial. Partamos, pois, desse percebimento superficial e daí penetremos até o fim.

Nós vemos com os olhos, percebemos com os sentidos as coisas que nos cercam - a cor da flor, o colibri que sobre ela adeja, a luz deste Sol californiano, os sons inúmeros e de diferentes qualidades e graus de sutileza, as alturas e as profundezas, a sombra da árvore e a própria árvore. De modo idêntico percebemos o nosso corpo - o instrumento dessas diferentes espécies de percepção superficial, sensória. Se tais percepções permanecessem no nível superficial, não haveria confusão nenhuma. Aquela flor, aquele amor-perfeito, aquela rosa, estão ali, diante de nós, pura e simplesmente. Não há preferência, comparação, gostar e não gostar: só aquela coisa à nossa frente, sem nenhuma complicação psicológica. É perfeitamente clara essa percepção sensória, superficial? Ela pode estender-se às estrelas, às profundezas dos oceanos, e ao extremo limite da observação científica, com o auxílio dos instrumentos da moderna tecnologia.

Interrogante:*Sim, creio que estou compreendendo.*

Krishnamurti: Vedes, pois, que a rosa, e o universo e seus habitantes, e vossa própria esposa, se a tendes, e as estrelas, os mares, as montanhas, os micróbios, os átomos, os nêutrons, esta sala, aquela porta, existem realmente. Agora, o segundo passo: o que pensais ou sentis a respeito dessas coisas é vossa reação psicológica a elas. A essa reação chamamos "pensamento" ou "emoção". Conseqüentemente, o percebimento superficial é uma coisa muito simples: ali está aquela porta. Mas a descrição da porta não é a porta, e quando emocionalmente vos deixais enredar na descrição, não vedes a porta. Essa descrição pode ser uma palavra, ou um tratado científico, ou uma forte reação emocional; nada disso constitui a própria porta. É muito importante compreender isso desde o começo. Se não o compreendermos, tornar-nos-emos cada vez mais confusos. A descrição.nunca é a coisa descrita. Embora neste momento estejamos fazendo uma descrição - não podemos evitá-lo - a coisa que estamos descrevendo não é a descrição que dela estamos fazendo. Peço-vos, pois, ter isto em mente, em toda a duração desta palestra. A palavra nunca é o real, mas facilmente nos deixamos arrebatar ao alcançarmos o segundo grau do percebimento, aquele em que o percebimento se torna pessoal e, por influência da palavra, nos tornamos emocionais.

Temos, pois, o percebimento superficial da árvore, do pássaro, da porta, e temos a reação a esse percebimento, ou seja o pensamento, o sentimento, a emoção. Pois bem; ao nos tornarmos cônscios dessa reação, podemos chamá-la um segundo grau de profundidade do percebimento. Há o percebimento da rosa, e o percebimento da reação à rosa. Muitas vezes, não temos percebimento dessa reação à rosa. Na realidade é o mesmo percebimento que vê a rosa e vê a reação. Trata-se de um só movimento, e é errôneo falar de percebimento externo e percebimento interno. Quando há a percepção visual da árvore, sem nenhuma complicação psicológica, não há divisão nessa relação. Mas, quando há uma reação psicológica à árvore, esta é uma reação condicionada, a reação das lembranças e experiências passadas, sendo essa reação uma divisão na relação. É ela a origem disso que chamamos "eu", em relação com o "não eu". É dessa maneira que vos pondes em relação com o mundo. É assim que se cria o indivíduo e a coletividade. O mundo é percebido, não como é em si, porém em suas

diferentes relações com o "ego" nascido da memória. Essa divisão é a vida e o florescimento disso que chamamos "nosso ser psicológico", e dela procedem todas as contradições e divisões. Estais percebendo isso com toda a clareza? No percebimento da árvore, não há avaliação de espécie alguma. Mas, quando há uma reação à árvore, quando a árvore é julgada com agrado ou desagrado, ocorre, então, nesse percebimento, a divisão em "eu" e "não eu" - sendo o "eu" diferente da coisa observada. Esse "eu" é a reação, nas relações, das lembranças e experiências do passado. Ora, pode haver um percebimento, uma observação da árvore, sem nenhuma espécie de julgamento, e pode haver uma observação da "resposta", das reações, inteiramente isenta de julgamento? Desse modo, erradicamos o princípio da divisão, o princípio do "eu" e "não eu", tanto quando olhamos a árvore, como quando olhamos a nós mesmos.

Interrogante:*Estou tentando seguir-vos. Vejamos se compreendi bem. Há o percebimento da árvore; este eu compreendo. Há a reação psicológica à árvore; também esta compreendo. A reação psicológica se constitui das lembranças e experiências passadas; é de agrado e de desagrado; é a divisão em "a árvore" e "eu". Sim, penso que tudo isso compreendo.*

Krishnamurti: Está tão claro como a própria árvore, ou é simplesmente a clareza da descrição? Lembrai-vos de que, como já dissemos, a coisa descrita não é a descrição. Que compreendestes, a coisa ou sua descrição?

Interrogante:*Acho que compreendi a coisa.*

Krishnamurti: Por conseguinte, no ver esse fato não existe "eu", que é a descrição. No ver qualquer fato, não existe "eu". Ou há "eu", ou há "ver": não pode haver os dois ao mesmo tempo. "Eu" é "não ver". O "eu" não pode ver, não pode estar cônscio.

Interrogante:*Podemos parar aqui? Creio que apanhei o sentido exato da coisa, mas tenho de deixá-lo "assentar". Posso voltar amanhã?*

***

Interrogante:*Creio ter compreendido, real e não verbalmente, o que ontem dissestes. Há o percebimento da árvore, a reação condicionada à árvore, e essa reação condicionada é conflito, ação da memória e das experiências passadas, é agrado e desagrado, é preconceito. Compreendo também que essa reação do preconceito é a origem do que chamamos "eu" ou "censor". Vejo claramente que o "ego", o "eu", existe em todas as relações. Mas, existe um "eu" fora das relações?*

Krishnamurti: Já vimos o quanto são condicionadas as nossas reações. Se se pergunta se existe um "eu" fora das relações, tal pergunta será puramente especulativa, enquanto não se estiver livre daquelas reações condicionadas. Percebeis? Assim, a primeira questão não é se existe, ou não, um "eu" fora das reações condicionadas, porém, sim, se a mente, que inclui todos os nossos sentimentos, pode libertar-se desse condicionamento, que é o passado. O passado é o "eu". Não há "eu" no presente. Enquanto a

mente funciona no passado, existe "eu" e a mente é esse passado, é esse "eu".

Não se pode dizer "isto é a mente" e "isto é o passado", seja o passado de alguns dias, seja o de há dez mil anos. Portanto, perguntamos: Pode a mente libertar-se do ontem? Ora, há várias coisas implicadas nesta questão, não é verdade? Primeiro, o percebimento superficial; depois, o percebimento da reação condicionada; em seguida, o percebimento de que a mente é o passado, de que a mente é aquela reação condicionada; e, por fim, a questão de se a mente pode libertar-se do passado. Tudo isso constitui um ato unitário de percebimento, porque nele não há conclusões. Ao dizermos que a mente é o passado, esse percebimento não é uma conclusão verbal, porém um percebimento real do fato. Os franceses têm uma palavra para o percebimento de um fato:*constatation* . Ao perguntarmos se a mente pode libertar-se do passado, esta pergunta é feita pelo censor, o "eu", que é o próprio passado?

Interrogante:*Pode a mente libertar-se do passado?*

Krishnamurti: Quem está fazendo essa pergunta? A entidade resultante de inúmeros conflitos, memórias e experiências - é essa entidade que está fazendo a pergunta, ou a pergunta vem por si, por efeito da percepção do fato? Se é o observador quem faz a pergunta, neste caso ele está tentando fugir do fato, ou seja de si próprio, porque, diz ele, há tanto tempo vivo em sofrimento, tribulação, tristeza, que gostaria de sair desta luta constante. Se faz a pergunta por efeito desse "motivo", a "resposta" será a de buscar um certo refúgio. Ou fugimos a um fato, ou o enfrentamos. A palavra e o símbolo representam fuga a ele. Com efeito, o simples enunciar de tal pergunta já é um ato de fuga, não? Tratemos de perceber se essa pergunta é, ou não, um ato de fuga. Se é, ela é barulho. Se não há observador, há então silêncio - a negação completa de todo o passado.

Interrogante:*Aqui, fico desorientado. Como posso apagar o passado em poucos segundos?*

Krishnamurti: Tenhamos em mente que estamos tratando do percebimento. Estamos conversando sobre a questão do percebimento.

Existe a árvore e a "reação condicionada" à árvore, reação que é o "eu" em relação, o "eu" que constitui o centro mesmo do conflito. Pois bem; é esse "eu" quem está fazendo a pergunta? - esse "eu" que, conforme dissemos, é a estrutura mesma do passado? Se a pergunta não vem da estrutura do passado, se não é feita pelo "eu", não há então nenhuma estrutura do passado. Quando a estrutura faz a pergunta, está operando em relação ao fato - que é ela própria - está com medo de si própria e atua com o fim de fugir de si própria. Quando não é a estrutura quem faz a pergunta, não está atuando em relação a si própria. Recapitulando: Existe a árvore, existe a palavra, a reação à árvore, ou seja o "censor" ou "eu", vindo do passado; e, a seguir, faz-se a pergunta: Posso livrar-me de toda esta agitação e agonia? Se é o "eu" quem faz essa pergunta, está perpetuando a si próprio.

Pois bem; percebendo isso, ele não faz a pergunta! Percebendo-se isso e todas as suas conseqüências, tal pergunta não pode ser feita. O "eu" não a faz, porque percebe a armadilha. Estais vendo agora que esse percebimento é todo superficial? É idêntico ao percebimento que vê a árvore.

Interrogante:*Existe outra espécie de percebimento? Existe outra dimensão do percebimento?*

Krishnamurti: Mais uma vez, sejamos cautelosos, vejamos com toda a clareza se não estamos fazendo esta pergunta com algum "motivo". Se há motivo, estamos novamente na armadilha da reação condicionada. Quando o observador está em silêncio, mas não foi posto em silêncio, está então a despontar um percebimento de diferente natureza.

Interrogante:*Que ação seria possível, em quaisquer circunstâncias, sem o observador; que pergunta ou que ação?*

Krishnamurti: Mais uma vez, estais fazendo a pergunta deste lado do rio ou vem ela da outra margem? Se vos achais na outra margem, não fareis tal pergunta; se vos achais na outra margem, vossa ação provirá daquela margem. Trata-se, pois, de um percebimento desta margem, com sua estrutura, sua natureza e suas armadilhas, e procurar fugir da armadilha é cair noutra armadilha. Que coisa monótona! O percebimento nos mostrou a natureza da armadilha e, por conseguinte, há a negação de todas as armadilhas; a mente, portanto, está agora vazia. Vazia do "eu" e da armadilha. Essa mente tem uma natureza diferente, uma diferente dimensão de percebimento. Esse percebimento não está cônscio de "estar cônscio".

Interrogante:*Deus meu! Isso é difícil demais. Estais dizendo coisas que parecem verdadeiras, que soam como verdadeiras, mas ainda não as alcancei. Podeis dizê-lo de outra maneira? Podeis puxar-me para fora de minha armadilha?*

Krishnamurti: Ninguém pode puxar-vos para fora da armadilha - nenhum guru, nenhuma droga, nenhum mantra, pessoa alguma, inclusive eu próprio - principalmente eu próprio. O que vos cumpre fazer é apenas manter-vos cônscio do começo ao fim, não vos tornardes desatento no meio do caminho. Essa nova qualidade de percebimento é a atenção, e nessa atenção não existe nenhuma barreira levantada pelo "eu". Essa atenção é a mais elevada forma da virtude e, por conseguinte, é amor. É a inteligência suprema, e não pode haver atenção, se não fordes sensível à estrutura e natureza dessas armadilhas construídas pelo homem.[ÍNDICE]

2. EXISTE DEUS?

Interrogante:*Desejo deveras saber se existe Deus. Se não, a vida é sem significação. Desconhecendo Deus, o homem o inventou mediante crenças e imagens inúmeras. A divisão e o medo gerado por essas crenças o separaram de seus semelhantes. Para fugir às penas e aos malefícios dessa divisão, criou ele mais crenças ainda, e a crescente aflição e confusão o engolfaram. Porque ignoramos, cremos. Posso conhecer Deus? Fiz esta pergunta a vários*

"santos", tanto na Índia como aqui, e todos exaltaram a crença. "Crede, e O conhecereis; sem crença, jamais O conhecereis". E vós, que pensais?

Krishnamurti: É necessária a crença para se conhecer Deus? Aprender é muito mais importante do que saber. O aprender a respeito da crença é o fim da crença. Livre da crença, tem a mente a possibilidade de olhar. É a crença ou a descrença que escraviza - pois crença e descrença são a mesma coisa, as faces opostas da mesma moeda. Podemos, pois, rejeitar de todo a crença, positiva ou negativa; o crente e o descrente são idênticos. Após essa rejeição, tem então um significado diferente a pergunta "Existe Deus?" - A palavra "Deus", com sua soma de tradição e memória, suas implicações intelectuais e sentimentais, não é Deus. A palavra não é o real. Pode, pois, a mente libertar-se da palavra?

Interrogante:*Não sei o que isso significa.*

Krishnamurti: A palavra é a tradição, a esperança, o desejo de descobrir o absoluto, a luta por alcançar a realidade última, o movimento que dá vitalidade à existência. Toma-se, assim, a própria palavra a realidade última; mas, pode-se ver que a palavra não é a coisa real. A mente é a palavra, e a palavra é pensamento.

Interrogante:*E vós me estais pedindo que me despoje da palavra? Como posso fazê-lo? A palavra é o passado; é memória. A esposa é a palavra, e a casa é a palavra. "No começo, era o "Verbo". A palavra é também o meio de comunicação, de identificação. Vosso nome não é vós, mas, se não sei vosso nome, não posso pedir informações a vosso respeito. E vós me estais perguntando se a mente pode libertar-se da palavra - quer dizer, se a mente pode libertar-se de sua própria atividade.*

Krishnamurti: No caso da árvore, o objeto está diante de vossos olhos, e a palavra se aplica à árvore, por consenso geral. Ora, com relação à palavra "Deus" não existe nada a que ela possa aplicar-se, de modo que cada homem pode criar sua própria imagem da coisa designada por tal palavra. O teólogo o faz por uma certa maneira, o intelectual por outra, e o crente e o não crente por suas próprias e diferentes maneiras. A esperança gera a crença e, em seguida, a busca. Essa esperança é produto do desespero - o desespero de todos os que nos cercam neste mundo. Do desespero nasce a esperança - também as duas faces da mesma moeda. Quando não há esperança, há o inferno, e o medo ao inferno dá-nos a vitalidade da esperança. Começa, então, a ilusão. A palavra, por conseguinte, levou-nos à ilusão e não a Deus. Deus é a ilusão que adoramos; e o descrente cria a ilusão de outro Deus que ele venera - o Estado, ou uma certa utopia, ou um certo livro que ele pensa conter toda a verdade. Por isso vos perguntamos se podeis libertar-vos da palavra e de sua ilusão.

Interrogante:*Preciso meditar sobre isso.*

Krishnamurti: Se não há ilusão, que resta?

Interrogante:*Apenas "o que é".*

Krishnamurti: "O que é" é o que há de mais sagrado.

Interrogante:*Se "o que é" é o que há de mais sagrado, então a guerra é sacratíssima, e o são o ódio, a desordem, a dor, a avareza, a pilhagem. Não há então necessidade de falarmos em transformação. Se é sagrado "o que é", nesse caso todos os assassinos e salteadores e exploradores poderão dizer: "Não me toqueis; o que estou fazendo é sagrado".*

Krishnamurti: A própria simplicidade desta asserção, "O que é é o que há de mais sagrado", leva a muita incompreensão, porque não percebemos a verdade que ela encerra. Quando se vê que "o que é" é sagrado, não se mata, não se faz guerra, não se espera nada, não se explora. Quem praticou tais coisas não tem direito a imunidade, porquanto violou uma verdade. O branco que diz ao negro amotinado: "O que é é sagrado; não o perturbes, não te exaltes" - não viu aquela verdade, porque, se a tivesse visto, o negro seria sagrado para ele e não haveria necessidade de exaltação. Assim, se cada um de nós perceber essa verdade, haverá transformação. Esse ver da verdade é transformação.

Interrogante:*Vim ter convosco para descobrir se há Deus, e me tornastes totalmente confuso.*

Krishnamurti: Viestes perguntar se há Deus, e nós respondemos: A palavra leva à ilusão que adoramos, e por causa dessa ilusão estamos prontos a matar-nos mutuamente. Quando não há nenhuma ilusão, "o que é" é então sacratíssimo. Pois bem; olhemos o que realmente é. Num dado momento, "o que é" pode ser medo, ou extremo desespero, ou passageira alegria. Essas coisas variam constantemente. E há também o observador que diz: "Tudo o que me cerca varia, mas eu permaneço o mesmo". É fato isso, é realmente o que é? Ele também não varia, acrescentando a si próprio, subtraindo de si próprio, modificando-se, ajustando-se, "vindo a ser", "não vindo a ser"? Vemos, pois, que tanto o observador como a coisa observada variam constantemente. "O que é" é variação. Isso é um fato. É "o que é".

Interrogante:*O amor é então variável? Se tudo é variação, o amor não faz também parte desse movimento? E, se o amor é variável, nesse caso posso amar uma mulher hoje e dormir com outra amanhã.*

Krishnamurti: Isso é amor? Ou quereis dizer que o amor é diferente de sua expressão? Ou estais dando à expressão mais importância do que ao amor e, por conseguinte, criando uma contradição e um conflito? Pode o amor prender-se à roda da mudança? Se pode, nesse caso ele pode também ser ódio; então amor é ódio. Só quando não há ilusão nenhuma, é sacratíssimo "o que é". Não havendo ilusão, "o que é" é Deus - ou outro nome que se preferir. Assim, Deus - ou o nome que lhe derdes - existe quando vós não existis. Quando vós existis, Ele não existe. Quando vós não existis, existe o amor. Quando há vós, não há amor.[ÍNDICE]

3. O MEDO

Interrogante:*Tive o hábito de tomar drogas, mas dele já me libertei. Porque tenho tanto medo de tudo? De manhã, desperto paralisado de terror. Mal posso erguer-me do leito; tenho medo de sair de casa e tenho medo de ficar em casa. Subitamente, quando estou a dirigir o meu carro, esse medo se apodera de mim; passo o resto do dia a suar, nervoso, apreensivo e à noite estou completamente exausto. Por vezes, embora isso muito raramente aconteça, quando em companhia de amigos íntimos ou em casa de meus pais, perco este medo; sinto-me então tranqüilo, feliz, livre de toda tensão. Quando vinha hoje para cá, senti medo de ver-vos, mas, enquanto percorria o drive(1) e ao dirigir-me à porta, perdi repentinamente o medo e agora, sentado aqui, nesta sala aprazível e tranqüila, sinto-me tão feliz que nem sei de que é que estava com tanto medo. Não sinto mais medo nenhum. Posso sorrir e dizer sinceramente: Folgo muito em ver-vos! Mas, não posso permanecer aqui para sempre e sei que, quando me for embora, de novo me envolverá a nuvem do medo. Eis o problema que estou enfrentando. Já consultei não sei quantos analistas e psiquiatras, aqui e no estrangeiro, mas o que eles fazem é só exumar memórias de minha infância; disso estou farto, porque o medo não desapareceu,absolutamente.*

Krishnamurti: Deixemos de parte as memórias da infância e outras futilidades, e vamos ao presente. Aqui estais, e dizeis que já não sentis medo; por ora, vos sentis feliz e mal podeis imaginar aquele medo que estivestes sentindo. Porque não o sentis agora? Esta sala tranqüila, clara, bem proporcionada, mobiliada com gosto, e o serdes recebido amistosamente - é por isso que não tendes medo agora?

Interrogante:*Em parte. Talvez seja também por causa de vossa pessoa. Já vos ouvi na Suíça, e já vos- ouvi aqui, e sinto por vós uma certa e profunda amizade. Mas, não quero depender de casas bonitas, de atmosferas acolhedoras e de bons amigos, para não sentir medo. Ao visitar meus pais, tenho este mesmo sentimento confortante. Mas, em casa é terrível; todas as famílias são terríveis, com suas atividades insignificantes e isoladas, suas brigas, suas banalidades e hipocrisia. De tudo isso estou farto. Todavia, quando visito os meus e há uma certa cordialidade, sinto-me, deveras, temporariamente livre deste medo. Os psiquiatras não podem explicar-me a razão dele. Chamam-no um "medo flutuante". Ele é como um abismo tenebroso e sem fundo. Já gastei grandes somas de dinheiro e de tempo com análises que, em verdade, não serviram para nada. Que devo fazer?*

Krishnamurti: Será que, sendo uma pessoa sensível, necessitais de um certo abrigo, uma certa segurança e, não conseguindo encontrá-la, sentis medo deste mundo brutal? Sois sensível?

Interrogante:*Sim, creio que sim. Talvez não o seja na vossa maneira de entender, mas sou sensível. Não gosto do barulho, da agitação, da vulgaridade desta existência moderna, da maneira como o sexo é posto em evidência, hoje em dia, em toda parte aonde vamos, e da competição para obter-se um emprego detestável e insignificante - o que não significa que eu seja incapaz de lutar para conquistar um lugar para mim também, mas essa luta me põe doente de medo.*

Krishnamurti: A maioria das pessoas sensíveis têm necessidade de um refúgio tranqüilo, de uma atmosfera cordial, amigável. Ou eles a criam para si próprios ou ficam dependendo de outros que lha podem dar - da família, da esposa, do marido, do amigo. Tendes algum amigo desses?

Interrogante:*Não. Tenho medo de ter um amigo desses. Tenho medo de ficar dependendo dele.*

Krishnamurti: Eis, pois, a questão: Uma pessoa é sensível, necessita de um certo abrigo, e depende de outros para o obter. Sensibilidade e dependência são duas coisas que, muitas vezes, andam juntas. E depender de outra pessoa é ter medo de a perder. Fica-se, assim, dependendo mais e mais, e o medo cresce proporcionalmente à dependência. Um círculo vicioso. Já investigastes porque dependeis? Nós dependemos do carteiro, do conforto físico, etc.; isto é bem simples. Dependemos de pessoas e coisas para nosso bem estar físico e nossa sobrevivência, isto é perfeitamente natural e normal. Temos de depender disso que se pode chamar "o lado orgânico da sociedade". Mas, dependemos também psicologicamente e essa dependência, embora confortante, gera medo. Porque dependemos psicologicamente?

Interrogante:*Estais agora a falar-me de dependência, mas eu vim para conversarmos sobre o medo.*

Krishnamurti: Examinemos ambas as coisas, porque, como veremos, elas estão relacionadas uma com a outra. Objetais a que tratemos de ambas? Estávamos falando de dependência - que é dependência? Porque dependemos psicologicamente de outra pessoa? A dependência não é a negação da liberdade? Tirem-se-lhe a casa, o marido, os filhos, as posses - que é um ente humano, se tudo isso lhe é retirado? Em si próprio, ele é insuficiente, vazio, sem rumo. Assim, por causa desse vazio, de que tem medo, ele depende de posses, pessoas e crenças. Podeis sentir-vos tão seguro das coisas de que dependeis que não possais imaginar a possibilidade de perdê-las - o amor de vossos filhos, e o conforto que ele proporciona. Todavia, o medo continua existente. Portanto, deve ficar-nos bem claro que qualquer forma de dependência psicológica gera inevitavelmente medo, ainda que as coisas de que dependemos possam parecer-nos quase indestrutíveis. O medo se origina dessa insuficiência interior, dessa pobreza e vazio interiores. Assim, estais vendo que temos agora três questões: a sensibilidade, a dependência e o medo? Três coisas relacionadas entre si. Consideremos a sensibilidade: Quanto mais sensível a pessoa (a menos que saiba ser sensível sem dependência, saiba ser vulnerável, sem angústia), tanto mais depende. Agora, a dependência: Quanto mais a pessoa depende, tanto maior o seu desprazer e a necessidade de libertar-se. Essa necessidade de liberdade dá mais força ao medo, porque é uma reação, e não libertação da dependência.

Interrogante:*E vós - dependeis de alguma coisa?*

Krishnamurti: Decerto, fisicamente dependo de alimentação, roupas e morada, mas, psicologicamente, interiormente, não dependo de coisa alguma - nem de deuses, nem da moralidade social, nem de crenças, nem de pessoas. Mas, não é relevante saber se eu sou ou não sou dependente. Portanto, continuemos. O medo é o percebimento de nosso vazio, de nossa solidão e pobreza interiores, e de não haver possibilidade de fazermos alguma coisa a tal respeito. O que nos interessa aqui é só esse medo que gera a dependência e, por sua vez, é aumentado pela dependência. Se compreendemos o medo, compreendemos também a dependência. Portanto, para compreendermos o medo, é indispensável a

sensibilidade, para descobrirmos, percebermos como ele se origina. Se o indivíduo é suficientemente sensível, torna-se cônscio de sua medonha vacuidade - desse abismo sem fundo que não se pode encher com o vulgar entretenimento das drogas, nem com o entretenimento das igrejas ou das diversões sociais; nada o preencherá. Sabendo-se disso, cresce o medo. Este nos impele à dependência, a esta dependência torna-nos cada vez mais insensíveis. E, vendo que assim é realmente, sentimos medo. A questão, pois, agora, é de ultrapassarmos esse vazio, essa solidão, e não de aprendermos a depender de nós mesmos, ou de disfarçarmos permanentemente o nosso vazio.

Interrogante:*Porque dizeis que a questão não é de dependermos de nós mesmos?*

Krishnamurti: Porque, dependendo de vós mesmo, perdeis a sensibilidade; vos tornais endurecido, indiferente e "fechado". Viver sem dependência, ultrapassar a dependência, não significa tornar-se dependente de si próprio. Pode a mente enfrentar aquele vazio e com ele viver, sem fugir em direção alguma?

Interrogante:*Eu enlouqueceria, só de pensar em viver com ele para sempre.*

Krishnamurti: Todo movimento para nos afastarmos desse vazio é uma fuga. E essa fuga de uma coisa, essa fuga de "o que é" é medo. O medo é a fuga a alguma coisa. "O que é" não é o medo, a fuga é que é o medo, e esta fuga é que poderá enlouquecer-vos, e não o próprio vazio. Que é, pois, esse vazio, essa solidão? Como surge ele? Ele surge, decerto, por causa da medição e comparação. Comparo-me com o santo, o Mestre, o grande músico, o erudito, o homem que se "realizou". Nessa comparação, vejo-me incompleto, insuficiente; não tenho talento, sou inferior, não me "realizei"; eu não sou, e aquele homem é. Assim, em conseqüência do medir e comparar, vem-nos o horrível sentimento de vacuidade, de sermos "nada". E a fuga a esse vácuo é medo. E o medo nos impede de compreender esse abismo sem fundo. E uma neurose que de si própria se nutre. E, também, a medida, a comparação, é a essência mesma da dependência. Eis-nos, pois, de volta à dependência; um círculo vicioso.

Interrogante:*Percorremos uma longa distância nesta nossa palestra, e as coisas se tornaram mais claras. Há dependência; é possível não dependermos? Sim, acho que é possível. Em seguida o medo; é possível não fugirmos de maneira nenhuma ao vazio, isto é, não fugirmos por medo? Sim, creio-o possível. Isso significa que ficamos com o vazio. E, então, possível enfrentar esse vazio, já que deixamos de fugir dele por medo? Sim, creio-o possível. E, por último, é possível não medir, não comparar? Porque, se chegamos até este ponto - e acho que chegamos - resta-nos então, unicamente, o vazio, e vemos que ele é o resultado de comparação. E vemos, também, que a dependência e o medo provêm desse vazio. Temos, pois, a comparação, o vazio, o medo, a dependência. Posso realmente viver uma vida isenta de comparação, de medida?*

Krishnamurti: Naturalmente, tendes de tirar medidas para colocar um tapete no soalho!

Interrogante:*Sim. Quero dizer: Posso viver sem comparação psicológica?*

Krishnamurti: Sabeis o que significa viver sem comparação psicológica, quando em toda a vossa vida

fostes condicionado para comparar - na escola, nos jogos, na universidade, no escritório? Tudo é comparação. Viver sem comparação! Sabeis o que isso significa? Significa que não há dependermos de outros nem de nós mesmos, não há buscar nem indagar; por conseguinte, significa -- amar. O amor desconhece a comparação e, portanto, o amor desconhece o medo. O amor não tem consciência de si próprio como "amor"; porque a palavra não é a coisa.[ÍNDICE]

---

(1) Calçada para automóveis, nos terrenos baldios de uma propriedade.-(N. do T.).

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

4. COMO VIVER NESTE MUNDO

Interrogante:*Por favor, senhor, podeis dizer-me como posso viver neste mundo? A ele não quero pertencer e, todavia, nele tenho de viver. Tenho de ter casa para morar e de ganhar o meu sustento. E meus vizinhos estão presos a este mundo; meus filhos brincam com os deles e, assim, temos de tomar parte nesta medonha confusão, quer queiramos, quer não. Eu desejo descobrir como viver neste mundo sem dele fugir, sem recolher-me a um mosteiro ou dar a volta ao mundo num iate. Desejo educar os meus filhos de maneira diferente, porém antes desejo saber viver rodeado de tanta violência, avidez, hipocrisia, competições e brutalidade.*

Krishnamurti: Não façamos disso um problema. Quando uma coisa se torna um problema, ficamos empenhados em achar-lhe a solução e o problema se toma então uma gaiola, uma barreira à exploração mais penetrante e à compreensão. Portanto, não reduzamos a vida a um vasto e complexo problema. Se fazeis essa pergunta com o fim de superar a sociedade em que viveis ou de descobrir um substituto para ela, ou de tentar fugir-lhe, embora nela vivendo, isso inevitavelmente levará a uma vida contraditória e hipócrita. Esta questão requer também total negação da ideologia, não achais? Se em verdade desejais investigar, não podeis começar com uma conclusão, e todas as ideologias são conclusões. Por conseguinte, devemos começar verificando o que entendeis por viver.

Interrogante:*.Por favor, senhor, vamos devagar.*

Krishnamurti: Muito folgo que possamos caminhar devagar, pacientemente, com a mente e o coração aplicados à investigação. Pois bem; que entendeis por "viver"?

Interrogante:*Nunca tentei expressá-lo em palavras. Vejo-me confuso, atônito, sem saber o que fazer, como viver. Perdi a fé em tudo - religiões, filosofias e utopias políticas. Há guerra entre os indivíduos e as nações. Nesta sociedade licenciosa tudo se permite -matanças, motins, a cínica opressão de uma nação por outra, e ninguém ousa fazer nada, porque qualquer interferência pode*

significar guerra mundial. Em face de tudo isso, não sei o que fazer; não sei de que modo viver. Não desejo viver no meio de tamanha confusão.

Krishnamurti: Que é que desejais - uma vida diferente ou uma vida nova, nascida da compreensão da velha vida? Se desejais viver uma vida diferente, sem terdes compreendido a causa desta confusão, vos vereis sempre em contradição, em conflito, em confusão. E isso, naturalmente, não é, de modo nenhum, uma vida nova. Assim, desejais uma vida nova ou uma "continuidade modificada" da velha, ou compreender a velha vida?

Interrogante:*Não estou nada certo do que desejo, mas começo a ver o que não desejo.*

Krishnamurti: O que não desejais se baseia em vossa livre compreensão ou no desejo de prazer e de evitar a dor? Estais julgando por causa de vossa revolta, ou vedes os fatores que estão causando este conflito e aflição, e, porque os vedes, os rejeitais?

Interrogante:*Estais a perguntar-me muitas coisas. O que sei é só que desejo viver uma vida de espécie diferente. Eu não sei o que ela significa, não sei porque a estou buscando e, como disse, vejo-me completamente desnorteado.*

Krishnamurti: Vossa pergunta básica é "como viver neste mundo?" - não é esta? Antes de o averiguarmos, vejamos o que é este mundo. O mundo não é só as coisas que nos rodeiam, é também a nossa relação com essas coisas, com pessoas, com nós mesmos, e com idéias. Isto é, nossa relação com nossas posses, com pessoas, com conceitos, enfim, nossa relação com a corrente de fatos que chamamos "vida". Isso é o mundo. Vemos divisão em nacionalidades, religiões, grupos econômicos, políticos, sociais e étnicos; o mundo está todo fragmentado, e tão fragmentado está, exteriormente, como nós, entes humanos, o estamos interiormente. Em verdade, essa fragmentação exterior é a manifestação da divisão interior dos entes humanos.

Interrogante:*Sim, percebo claramente essa fragmentação, e começo também a ver que o ente humano é por ela responsável.*

Krishnamurti: Vós sois o ente humano!

Interrogante:*Posso, então, viver diferentemente do que eu próprio sou? Subitamente, estou percebendo que, se quero viver de uma maneira totalmente diferente, deve ocorrer em mim um renascimento, com uma nova mente, novo coração, novos olhos. E percebo também que isso não aconteceu. Vivo conforme eu próprio sou, e o que sou tornou a vida o que ela é. Mas, daí partindo, aonde chegamos?*

Krishnamurti: Não chegais a parte alguma, partindo daí! Não há possibilidade de ir a parte alguma. O "ir", ou a busca do ideal, daquilo que pensamos ser melhor, dá-nos a impressão de que estamos progredindo, de que estamos em movimento para um mundo melhor. Mas, esse movimento nenhum

movimento é, porque o alvo foi projetado de nossa aflição, confusão, ambição e inveja. Assim, esse alvo, que supomos ser o oposto de "o que é", é em verdade idêntico ao que é, gerado pelo que é. Por conseguinte, ele cria o conflito entre "o que é" e "o que deveria ser". É aqui que se origina a nossa básica confusão e conflito. O alvo não está lá, do outro lado do muro; o começo e o fim estão aqui.

Interrogante:*Um momento, senhor, por favor; não estou compreendendo isso. Quereis dizer que o ideal - o que deveria ser - é o resultado da incompreensão de "o que é"? Quereis dizer que "o que deveria ser" é "o que é", e que esse movimento de "o que é" para o que "deveria ser" não é, na realidade, movimento nenhum?*

Krishnamurti: "O que deveria ser" é uma idéia, uma ficção. Se compreendeis "o que é", que necessidade tendes do que "deveria ser"?

Interrogante:*É mesmo assim? Eu compreendo "o que é". Compreendo a bestialidade da guerra, como é horrível matar, e é porque o compreendo que tenho o ideal de não matar. O ideal nasceu de minha compreensão de "o que é" e, por conseguinte, não é uma fuga.*

Krishnamurti: Se compreendeis que matar é horrível, tendes necessidade do ideal para vos absterdes de matar? Talvez não nos esteja bem clara a palavra "compreensão".

Quando dizemos que compreendemos uma coisa, isso implica que aprendemos tudo o que ela tem para dizer-nos, não é verdade? Exploramo-la, e descobrimos sua verdade ou falsidade. Implica isso, também, que a compreensão não é um fato intelectual, mas que a sentimos bem no íntimo do coração, não é mesmo? Só há compreensão quando a mente e o coração estão em perfeita harmonia. Dizemos, então: "Compreendi esta coisa, e para mim ela está acabada"; a coisa já não tem vitalidade para gerar mais conflito. Estamos dando, nós dois, o mesmo significado à palavra "compreensão"?

Interrogante:*Antes eu não dava, mas percebo agora que o que estais dizendo é verdadeiro. Entretanto, sinceramente falando, não compreendo, por essa maneira, a desordem total existente no mundo, a qual, como bem dissestes, é minha própria desordem. Como posso compreendê-la? Como aprender tudo o que diz respeito à desordem e confusão reinantes no mundo e em mim mesmo?*

Krishnamurti: Por favor, não useis a palavra "como".

Interrogante:*Porque não?*

Krishnamurti: O "como" implica que alguém pode dar-vos um método, uma receita, a qual, se a observardes, criará a compreensão. Pode a compreensão ser produzida por um método? Compreensão significa amor e sanidade mental. E o amor não pode ser praticado nem ensinado. A sanidade mental só é possível quando há claro percebimento, quando se vêem as coisas tais como são, sem emocionalismo, nem sentimentalidade. Nenhuma dessas duas coisas pode ser ensinada por outra pessoa ou por um

sistema inventado por vós mesmo ou por outrem.

Interrogante:*Sois persuasivo ou lógico demais. Estais procurando influenciar-me para ver as coisas como as vedes?*

Krishnamurti: Deus me livre! A influência, em qualquer forma, é destrutiva do amor. A propaganda que visa a tornar a mente sensível, alertada, só poderá torná-la embotada e insensível. Portanto, de modo nenhum estamos tentando influenciar-vos ou persuadir-vos ou tornar-vos dependente. Estamos apenas "apontando as coisas", explorando juntos: E, para explorarmos juntos, deveis estar livre tanto de mim como de vossos próprios preconceitos e temores. De outro modo, ficaremos a rodar e rodar, em círculos. Voltemos, pois, à pergunta inicial: Como viver neste mundo? Para vivermos neste mundo, temos de negar o mundo. Com isso queremos dizer: negar o ideal, a guerra, a fragmentação, a competição, a inveja, etc. etc.; não, negar o mundo assim como um estudante que se revolta contra os seus pais negá-lo porque o compreendemos. Esta compreensão é negação.

Interrogante:*Já não tomo pé, nestas águas.*

Krishnamurti: Dissestes que não desejais viver no meio da confusão, da insinceridade e brutalidade deste mundo. Por conseguinte, o negais. Mas, com que base o negais, porque o negais? É porque desejais viver uma vida tranqüila, uma vida de completa segurança e isolamento, ou o negais porque vedes o que ele é realmente?

Interrogante:*Penso que o nego porque vejo o que se passa em redor de mim. Naturalmente meus preconceitos e temores entram também em linha de conta. Trata-se, pois, de uma mistura do que se está passando e de minha própria ansiedade.*

Krishnamurti: Qual dos dois predomina, vossa ansiedade ou o verdes o que realmente se passa em torno de vós? Se é o medo que predomina, nesse caso não podeis ver o que se passa, porque medo é escuridão, e na escuridão nada se pode ver. Se compreenderdes isso, vereis o mundo tal como é, vereis a vós mesmo tal como sois. Porque vós sois o mundo, e o mundo é vós; não sois duas entidades separadas.

Interrogante:*Podeis explicar mais completamente o que entendeis por "o mundo é eu, e eu sou o mundo"?*

Krishnamurti: Mas isso requer explicação? Quereis que eu vos descreva com todos os detalhes o que sois e vos mostre que isso que sois é a mesma coisa que o mundo? Essa descrição irá convencer-vos de que '*vós sois o mundo"? Desejais ser convencido por uma explicação lógica e conseqüente que vos mostre a causa e o efeito? Se fordes convencido por uma explicação detalhada, isso vos dará a compreensão? Far-vos-á sentir que sois o mundo, far-vos-á responsável pelo mundo? Parece perfeitamente claro que nossa humana avidez, inveja, agressividade e violência criaram a sociedade em que estamos vivendo, uma aceitação "legalizada" do que somos. Isso, com efeito, se me afigura suficientemente claro e não percamos mais tempo com esta questão. Vede, nós não sentimos essa

verdade, nós não amamos e, conseqüentemente, existe esta separação entre mim e o mundo.

Interrogante:*Posso voltar amanhã?*

***

Voltou, no dia seguinte, muito entusiasmado. Nos olhos lhe luzia o interesse em investigar.

Interrogante:*Desejo, se tiverdes vontade de fazê-lo, penetrar mais nesta questão de "como viver neste mundo". Compreendo agora, com a mente e o coração, como ontem dissestes, a total insignificância dos ideais. Tive de sustentar uma longa luta, para chegar a perceber a trivialidade dos ideais. Dizeis - não é exato? - que quando não há ideais ou fugas, só há o passado, os milhares de "ontens" que constituem o "eu". Assim, perguntando "como viver neste mundo?", não só fiz uma pergunta errônea, mas também expressei uma contradição, porquanto coloquei o mundo e "eu" em oposição um ao outro. E essa contradição é o que chamo "viver". Assim, com a pergunta "como viver neste mundo?" estou procurando remediar essa contradição, justificá-la, modificá-la, porque ela é a única coisa que conheço; nada mais conheço.*

Krishnamurti: Então, nossa questão fica sendo esta: Há necessidades de vivermos sempre. no passado, de todas as nossas atividades emanarem do passado, e todas as nossas relações resultarem do passado? O viver é essa complexa memória do passado? É só este o viver que conhecemos: o passado a modificar o presente. E o futuro é produto desse passado, de sua ação através do presente. Portanto, passado, presente e futuro - tudo é só passado. E esse passado é o que chamamos "viver". A mente é o passado, o cérebro é o passado, os sentimentos são o passado, e a ação que deles vem é a ação positiva do conhecido. Este processo total constitui a vossa vida e todas as relações e atividades que conheceis. Assim, ao perguntardes "como viver neste mundo?", estais pedindo uma troca de prisões.

Interrogante:*Não é isso o que quero dizer. Quero dizer que vejo muito claramente que meu processo de pensar e de agir é o passado a atuar através do presente para o futuro. Isso é tudo o que sei, e é um fato. E percebo que, a menos que ocorra uma mudança nessa estrutura, nela ficarei aprisionado, a ela pertenço. Daí vem, inevitavelmente, a pergunta: Como operar essa mudança?*

Krishnamurti: Para viver sãmente neste mundo, torna-se necessária uma mudança radical da mente e do coração.

Interrogante:*Sim, mas que entendeis por "mudança"? Como posso mudar, se tudo o que faço é movimento do passado? Só eu posso transformar-me, ninguém mais pode fazê-lo. E não percebo o que isso significa - mudar.*

Krishnamurti: De modo que a pergunta "como viver neste mundo?" passou a ser "como mudar?" - tendo-se em mente que o "como" não significa "método", porém uma investigação, a fim de

compreender. Que é "mudança"? É possível alguma mudança? Ou só se pode perguntar se é possível alguma mudança, depois de se ter verificado uma total transformação, uma revolução? Voltemos ao começo, para vermos o que esta palavra significa. Mudança implica um movimento de "o que é" para alguma coisa diferente. Essa coisa diferente é apenas um oposto ou pertence a uma ordem inteiramente nova? Se é apenas um oposto, neste caso não é diferente, porque todos os opostos são mutuamente dependentes, como o calor e o frio, o alto e o baixo. O oposto está contido no outro oposto e é por ele determinado; ele só existe pela comparação, e as coisas resultantes de comparação têm diferentes medidas para a mesma qualidade e, por conseguinte, são similares. Assim, a mudança para um oposto não é mudança nenhuma. Ainda que esse movimento para aquilo que parece diferente vos dê a impressão de estardes realmente fazendo alguma coisa, trata-se de uma ilusão.

Interrogante:*Dai-me um momento para absorver isso.*

Krishnamurti: Assim, que é que nos interessa agora? É possível promovermos em nós mesmos o nascimento de uma ordem inteiramente nova, não relacionada com o passado? O passado é irrelevante, trivial, para esta investigação, porque é irrelevante para a nova ordem.

Interrogante:*Como podeis dizer que ele é irrelevante, quando estivemos dizendo até agora que o passado e o único problema?*

Krishnamurti: O passado parece ser o único problema porque é a única coisa que nos está prendendo a mente e o coração. Só ele é importante para nós. Mas, porque lhe darmos importância? Porque se tornou tão importante esse espaço insignificante? Se nele vos vedes inteiramente imerso, preso, nesse caso nunca desejareis ouvir falar em mudança. Só o homem que não está de todo aprisionado é capaz de escutar, de investigar, de indagar. Só ele poderá perceber a trivialidade desse limitado espaço. Assim, estais totalmente imerso, ou vossa cabeça está acima da superfície? Se vossa cabeça está acima da superfície, podeis ver então que ele é uma coisa trivial. Tendes então a possibilidade de olhar em torno. Até onde estais mergulhado? Ninguém, senão vós mesmo, pode responder a esta pergunta. No próprio ato de fazê-la, já há liberdade e, por conseguinte, não há medo. Vossa visão é então ampla. Quando o padrão do passado vos tem firmemente seguro pela garganta, então aquiesceis, aceitais, obedeceis, seguis, credes. Só quando ficais cônscio de que isso não é liberdade, começais a libertar-vos. Assim, tornamos a perguntar: Que é mudança, que é revolução? Mudança não é um movimento do conhecido para o conhecido, e todas as revoluções políticas o são. Não é dessa espécie de mudança que estamos falando. Evolver de pecador a santo é passar de uma ilusão para outra. Pois bem; agora já estamos livres da mudança como um movimento disto para aquilo.

Interrogante:*Terei compreendido isso realmente? Que me cumpre fazer com a cólera, a violência, o medo, quando se manifestarem em mim? Devo soltar-lhes as rédeas? Como proceder em relação a eles? Aí, é necessária a mudança, senão continuo como antes.*

Krishnamurti: Está bem claro para vós que essas coisas não podem ser superadas por seus opostos? Se está, então só tendes a violência, a inveja, a cólera, a avidez. O sentimento surge em conseqüência de um desafio, e então se lhe dá um nome. Este dar nome ao sentimento o confirma no velho padrão. Se não lhe dais nome, o que significa que não vos identificais com ele, então o sentimento é novo e desaparecerá por si. O dar-lhe nome fortalece-o e dá-lhe uma continuidade, que é o movimento do

pensamento.

Interrogante:*Vejo-me empurrado para um canto(1) ao perceber-me tal como sou e ao ver como sou trivial. Que vem, a seguir?*

Krishnamurti: Qualquer movimento que se afaste do que sou fortalece o que sou. Assim, a mudança não é movimento nenhum. "Mudança" é a negação de mudança, e só agora posso perguntar: Existe mudança? Só se pode fazer esta pergunta quando cessou todo o movimento do pensamento, porque o pensamento deve ser negado para que surja a beleza da "não mudança". Na negação total do movimento de pensamento que se afasta do que é, está o fim de "o que é".[ÍNDICE]

---

(1) Driven into a corner: posto à força numa posição embaraçosa ou difícil. (Dic. Funk & Wagnals) - (N. do T.)

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

5. RELAÇÕES

Interrogante:*Fiz uma longa viagem a fim de ver-vos. Embora eu seja casado, com filhos, tenho vivido afastado deles, a peregrinar, a meditar, como mendicante. Muito me tem dado o que pensar este complicadíssimo problema das relações. Quando chego a uma aldeia, e lá me dão comida, estou em relação com a pessoa que a dá, tal como estou em relação com minha esposa e meus filhos. Quando, noutra aldeia, me dão roupas, estou em relação com a fábrica que as produziu. Estou em relação com o chão que piso, com a árvore a cuja sombra me abrigo, com tudo. No entanto, estou só, isolado. Junto a minha mulher, dela estou separado, até durante o ato sexual - que é um ato de separação. Ao entrar num templo, sou ainda o devoto em relação com o objeto da devoção; outra vez, separação. Assim, a meu ver, em todas as relações há esta separação, esta dualidade, e atrás ou através dela ou em redor dela, um peculiar sentimento de unidade. Ao ver o mendigo, sinto dor, porque sou seu semelhante e me sinto como ele se sente - só, desesperado, doente, faminto. Sinto por ele e com ele a sua existência sem significação. Passa um homem rico, em seu esplêndido automóvel, e me oferece condução; sinto-me constrangido em sua companhia, mas, ao mesmo tempo, me condôo dele, e com ele estou em relação. Como vedes, tenho meditado nesse estranho fenômeno das relações. Podemos nós, nesta bela manhã, neste local sobranceiro àquele vale profundo, considerar juntos esta questão?*

Krishnamurti: Procedem todas as relações desse isolamento? Pode haver relações enquanto há separação, divisão? Pode haver relações com outrem, quando não há contato, não apenas físico, mas também em todos os níveis de nosso ser? Podemos estar segurando a mão de uma pessoa e dela estar a mil léguas de distância, absortos em nossos próprios pensamentos e problemas. Podemos achar-nos

num grupo e ao mesmo tempo estar dolorosamente sós. Assim, perguntamos: Pode haver alguma espécie de relação com a árvore, a flor, o ente humano, ou com o céu e o belo pôr do Sol, quando a mente, com suas atividades, está a isolar-se a si própria? E pode em algum tempo haver contato com o que quer que seja, mesmo que a mente não esteja a isolar-se?

Interrogante:*Cada coisa e cada pessoa tem sua existência própria. Cada coisa e cada pessoa está "amortalhada" em sua própria existência. Jamais poderei penetrar esse isolamento de um outro ser. Por mais que eu ame outra pessoa, sua existência é separada da minha. Do exterior, posso talvez tocá-la, mental ou fisicamente, mas sua existência é dela própria, e a minha será sempre exterior à dela. Identicamente, ela não pode me atingir. Teremos de permanecer sempre duas entidades separadas, cada um em seu próprio mundo, com suas próprias limitações, dentro da prisão de sua própria consciência?*

Krishnamurti: Cada um vive dentro de sua própria teia, vós na vossa, a outra pessoa na dela. Haverá alguma possibilidade de nos libertarmos dessa teia? Essa teia, essa mortalha, esse invólucro, é a palavra? Constitui-se esse invólucro de vosso interesse em vós mesmo e do interesse da outra pessoa em si própria, de vossos desejos, opostos aos dela? Essa cápsula é o passado? Ë tudo isso junto, não achais? Não é uma só coisa que a mente está levando, porém um feixe inteiro. Vós levais vossa própria carga, e o outro a sua. Podemos, em algum tempo, largar essas cargas, a fim de que a mente se encontre com a mente, o coração com o coração? Eis a questão real, não achais?

Interrogante:*Ainda que larguemos todas essas cargas se nos fosse possível largá-las - mesmo assim o outro permanece dentro de sua própria pele, com seus pensamentos, e eu dentro da minha, com meus pensamentos. Às vezes é estreito o intervalo que nos separa, outras vezes largo, mas somos sempre duas ilhas separadas. O intervalo parece mais largo do que nunca quando com ele nos preocupamos em demasia e procuramos lançar uma ponte sobre ele.*

Krishnamurti: Vós podeis identificar-vos com aquele aldeão ou aquela chamejante buganvília - sendo isso um truque mental para simular a unidade. A identificação com alguma coisa é um dos estados mais hipócritas que há. Identificar-se com uma nação, com uma crença e, contudo, continuar só, é uma das maneiras favoritas de enganar a solidão. Ou, tão completamente vos identificais com vossa crença, que sois a crença; e este é um estado neurótico. Ora, ponhamos de parte esse impulso a identificar-nos com uma pessoa, idéia ou coisa. Assim, não há harmonia, unidade, amor. A outra questão, portanto, é esta: Podeis libertar-vos do invólucro, de maneira que ele deixe de existir? Só então haveria possibilidade de contato total. Como podemos libertar-nos do invólucro? Esse "como" não significa método, porém antes uma indagação que poderá abrir-nos a porta.

Interrogante:*Sim, nenhum outro contato pode ser chamado "relação", embora digamos que o é.*

Krishnamurti: Rasgamos o invólucro pedaço por pedaço ou o rompemos e dele saímos imediatamente? Se o rasgamos pedaço por pedaço - como certos analistas dizem fazer - esse trabalho nunca terá fim. Não é por meio do tempo que se pode destruir essa separação.

Interrogante:*Posso penetrar no invólucro de outrem? E seu invólucro não é a sua própria*

existência, as batidas de seu coração, seu sangue, seus sentimentos e lembranças?

Krishnamurti: Não sois vós mesmo o invólucro?

Interrogante:*Sou.*

Krishnamurti: O próprio movimento para penetrardes no outro invólucro, ou estender-se para fora do vosso, é determinado por vosso próprio invólucro: vós sois o invólucro. Sois, portanto, o observador do invólucro e sois também o próprio invólucro. Nesse caso, sois o observador e a coisa observada; o mesmo é ele - e nisso ficamos. E vós tentais alcançá-lo e ele tenta alcançar-vos. E possível isso? Sois a ilha cercada pelo mar, e ele também é a ilha cercada pelo mar. Vedes que sois tanto a ilha como o mar; não há separação entre ambos; vós sois a terra inteira com o mar. Por conseguinte, não há divisão em "a ilha" e "o mar". A outra pessoa não vê isso. Ele é a ilha cercada pelo mar; tenta alcançar-vos, ou vós, se sois bastante desassisado, tentais alcançá-lo. Isso é possível? Como pode haver contato entre uni homem livre e outro que está aprisionado? Visto que sois o observador e a coisa observada, sois o inteiro movimento da terra e do mar. Mas, a outra pessoa, que não compreende isso, continua a ser a ilha cercada de água. Ele tenta alcançar-vos, mas nunca o consegue, porque mantém o seu estado insular. Só depois de deixá-lo e, como vós, estar aberto ao movimento do céu, da terra e do mar, poderá haver contato. Aquele que vê que a barreira é ele próprio, não terá mais barreira nenhuma. Por conseguinte, ele, em si próprio, não é separado. O outro não percebeu que ele próprio é a barreira e, por isso, mantém a crença na sua separação. Como pode esse homem alcançar o outro? Impossível.

***

Interrogante:*Se possível, eu gostaria de prosseguir de onde paramos ontem. Dissestes que é a mente que fabrica o seu próprio invólucro, e que este invólucro é a mente. Sinceramente, não compreendo isso. Intelectualmente, posso concordar, mas falta-me a percepção. Eu gostaria, deveras, de compreendê-lo, não verbalmente, porém senti-lo realmente, para que não haja conflito em minha vida.*

Krishnamurti: Há o espaço entre isso que a mente chama o invólucro por ela criado, e ela própria. Há espaço entre o ideal e a ação. Nesses diferentes fragmentos de espaço entre o observador e a coisa observada, ou entre as diferentes coisas que ele observa, acham-se todo o conflito e luta, e todos os problemas da vida. Há a separação entre o meu invólucro e o invólucro de outrem. Nesse espaço está toda a nossa existência, todas as nossas relações e nossa luta.

Interrogante:*Quando falais da separação entre o observador e a coisa observada, vos referis a esses fragmentos de espaço existentes em nosso pensar e em nossas ações diárias?*

Krishnamurti: Que é esse espaço? Há espaço entre vós e vosso invólucro, espaço entre ele (o outro) e o seu invólucro, e há espaço entre os dois invólucros. Todos esses espaços se deparam ao observador. De que são feitos eles? Como se tornam existentes? Qual a qualidade e natureza desses espaços divididos? Se pudéssemos remover esses espaços fragmentários, que aconteceria?

Interrogante:*Haveria então o verdadeiro contato, em todos os níveis de nosso ser.*

Krishnamurti: Só?

Interrogante:*Então não haveria conflito, porque todo conflito representa as relações através desses espaços.*

Krishnamurti: Nada mais? Quando esse espaço desaparece de fato - não verbal ou intelectualmente, porém desaparece realmente, há completa harmonia, união entre vós e o outro. Nessa harmonia, vós e ele deixais de existir e há apenas aquele vasto espaço que jamais pode ser fragmentado. A limitada estrutura da mente deixa de existir, porque a mente é fragmentação.

Interrogante:*Sou realmente incapaz de compreender isso, embora tenha, intimamente, o sentimento de que assim é. Posso ver que quando há amor, isso acontece realmente, mas eu não conheço esse amor. Ele não está sempre a meu lado. Não se encontra em meu coração. Vejo-o como através de um vidro embaciado. Sinceramente, não consigo apreendê-lo com todo o meu ser. Poderíamos, como sugeris, considerar de que são feitos esses espaços, como se tornam existentes?*

Krishnamurti: Certifiquemo-nos de que ambos compreendemos a mesma coisa quando empregamos a palavra "espaço". Há o espaço físico entre pessoas e coisas, e há o espaço psicológico entre pessoas e coisas. E há também o espaço entre a idéia e o real. Tudo isso, pois, o físico e o psicológico, é espaço, mais eu menos limitado e definido. Não estamos agora tratando do espaço físico. Estamos falando do espaço psicológico existente entre pessoas e o espaço psicológico existente no próprio ente humano, em seus pensamentos e atividades. Como se torna existente esse espaço? É ele fictício, ilusório, ou é real? Senti-o, ficai cônscio dele, certificai-vos de que não tendes dele apenas uma imagem mental, lembrando-vos de que a descrição nunca é a coisa. Certificai-vos de que sabeis do que estais falando. Ficai bem cônscio de que esse limitado espaço, essa divisão, existe em vós; não vos afasteis daí, se não o compreenderdes. Ora, como se torna existente esse espaço?

Interrogante:*Vemos o espaço físico entre as coisas ...*

Krishnamurti: Não expliqueis nada, ide penetrando cuidadosamente. Estamos perguntando como esse espaço se tornou existente. Não apresenteis nenhuma explicação ou causa, porém "ficai" com esse espaço, e senti-o. Então, a causa e a descrição terão muito pouca significação e nenhum valor. Esse espaço se tornou existente por causa do pensamento, que é o "eu", e da palavra, que é a divisão. O próprio pensamento é essa distância, essa divisão. Está sempre a fragmentar-se e a criar divisão. O pensamento sempre divide em fragmentos aquilo que ele observa no espaço - em vós e eu, vosso e meu, eu e meus pensamentos, etc. Esse espaço que o pensamento criou entre as coisas que observa, se tornou real; e é esse espaço que separa. Procura então o pensamento lançar uma ponte sobre essa separação, iludindo dessa maneira a si próprio, na esperança de alcançar a unidade.

Interrogante:*Isso me lembra o velho conceito a respeito do pensamento: Ele é um ladrão disfarçado em policial para pegar o ladrão.*

Krishnamurti: Não vos deis ao trabalho de citar conceitos, por mais veneráveis que sejam. Estamos considerando o que na realidade está sucedendo. Percebendo-se a verdade sobre a natureza do pensamento e de suas atividades, o pensamento se torna quieto. Com o pensamento quieto - não, posto quieto - existe espaço?

Interrogante:*É o pensamento que agora acode para responder a essa pergunta.*

Krishnamurti: Exatamente! Por conseguinte, não façamos sequer a pergunta. A mente se acha agora em perfeita harmonia, não fragmentada; o espaço limitado deixou de existir, e só há espaço. Quando a mente está de todo quieta, há a vastidão do espaço e do silêncio.

Interrogante:*Começo, pois, a ver que minha relação com outrem é entre pensamento e pensamento; o que quer que eu responda é barulho do pensamento e, percebendo isso, fico em silêncio.*

Krishnamurti: Esse silêncio é a bem-aventurança.[ÍNDICE]

6. CONFLITO

Interrogante:*Vejo-me em grande conflito com tudo o que me cerca; e, dentro de mim, tudo está também em conflito. Fala-se em ordem divina; a natureza é harmoniosa; o homens parece ser o único animal que viola essa ordem, criando tanta aflição para outros e para si próprio. Quando desperto, de manhã, vejo de minha janela passarinhos a brigar uns com os outros, mas eles logo se separam e se vão, a voar, ao passo que eu levo dentro de mim, a todas as horas, essa guerra contra mim mesmo e contra os outros; mas, não há fugir dela. Pergunto a mim próprio se alguma vez poderei ficar em paz comigo mesmo. Eu bem gostaria de me ver em perfeita harmonia com as coisas que me rodeiam e comigo mesmo. Ao olharmos por esta janela o mar tranqüilo e a luz sobre as águas, temos, em nosso intimo, o sentimento de que deve haver uma maneira de viver sem essas perpétuas disputas com nós mesmos e com o mundo. Existe realmente harmonia em alguma parte? Ou só há desordem perpétua? Se existe harmonia, em que nível pode ela existir? Ou só se encontra ela no alto de alguma montanha, - essa harmonia que os vales tumultuosos jamais conhecerão?*

Krishnamurti: Pode-se ir de uma coisa para outra? Pode-se mudar aquilo que é para o que não é? Pode a desarmonia transformar-se em harmonia?

Interrogante:*O conflito é então necessário? Ele talvez seja, afinal de contas, a ordem natural das coisas.*

Krishnamurti: Se admitíssemos isso, teríamos de admitir tudo o que a sociedade defende: as guerras, a competição ambiciosa, um modo de vida agressivo,- toda a brutal violência dos homens, dentro e fora dos seus chamados santuários. Isso é natural? Poderá criar alguma unidade? Não seria melhor considerarmos estes dois fatos: o conflito, com suas complicadas lutas, e a mente, a exigir ordem, harmonia, paz, beleza, amor?

Interrogante:*Eu nada sei de harmonia. Vejo-a nos espaços, nas estações do ano, na ordem matemática do universo. Mas isso não põe em ordem meu próprio coração e minha própria mente. A ordem absoluta da matemática não é minha ordem. Não há em mim ordem nenhuma - só desordem profunda. Sei que há diferentes teorias sobre um gradual evolver para a chamada perfeição das utopias políticas e do reino dos céus religioso, mas isso me deixa onde realmente estou. O mundo poderá ser perfeito daqui a dez mil anos, mas, por enquanto, é para mim um inferno.*

Krishnamurti: Vemos desordem em nós mesmos e desordem na sociedade. Uma e outra são muito complexas. Não há, em verdade, soluções. Podemos examinar esta questão mui cuidadosamente, analisá-la rigorosamente, procurar as causas da desordem existente em nós mesmos e na sociedade, expô-las à luz, e talvez ficar crentes que dela podemos libertar a mente. Esse processo analítico é o que a maioria das pessoas sempre fez, inteligente ou ininteligentemente, e ele não leva ninguém muito longe. O homem tem analisado a si próprio há milhares de anos e nada produzido senão matéria impressa! Os numerosos santos entorpeceram a si próprios, em seus conceitos prisões ideológicas; também eles têm conflito. A causa de nosso conflito é essa eterna dualidade do desejo: a interminável-galeria dos opostos geradores da inveja, da avidez, da ambição; da agressão, do medo, etc. Ora, eu desejo saber se existe alguma maneira diferente de considerar este problema. A aceitação desta luta e todos os nossos esforços para dela sairmos se tornaram tradicionais. Nosso método de exame é todo tradicional. Nesse exame tradicional a mente está ativa, mas, como vemos, o exame tradicional pela mente cria mais desordem. O problema, portanto, não é como pôr fim à desordem, porém, sim, se a mente pode olhá-la libertada da tradição. Então, talvez não haja mais problema algum.

Interrogante:*Não vos estou entendendo.*

Krishnamurti: Existe o fato - a desordem. A esse respeito não há dúvida nenhuma; trata-se de um fato real. A maneira tradicional de examinar esse fato consiste em analisá-lo, procurar descobrir-lhe a causa e superar essa causa, ou, ainda, intentar o seu oposto e lutar para o alcançar. Esse o método tradicional, com suas disciplinas, exercícios, controles, repressões, sublimações. Isso o homem vem fazendo há milhares e milhares de anos, sem chegar a parte alguma. Podemos abandonar completamente esse método, para considerarmos o problema de maneira inteiramente diferente - isto é, sem tentar ultrapassá-lo, resolvê-lo, superá-lo, ou dele fugir? Pode a mente fazer isso?

Interrogante:*Talvez...*

Krishnamurti: Não respondais tão prontamente! Esta é uma pergunta importantíssima que vos estou fazendo. Desde o começo dos tempos, o homem tem tentado resolver os seus problemas, ultrapassando-os, superando-os ou deles fugindo. Não penseis que tudo isso pode ser afastado facilmente, com uma simples concordância verbal. Trata-se da própria estrutura da mente de todos. Pode agora a mente, compreendendo isso não verbalmente, libertar-se deveras da tradição? Essa maneira tradicional de tratar do conflito não o resolve, porém apenas traz mais conflito: sendo violento, que é conflito, acrescento a esse estado o conflito próprio do tornar-me não violento. Toda a moralidade social e todos os preceitos religiosos são assim. Estamos andando juntos?

Interrogante:*Estamos.*

Krishnamurti: Estais vendo então até onde já chegamos? Depois de, pela compreensão, terdes repudiado todos os métodos tradicionais, qual é agora o estado real da vossa mente? - porque o estado da mente é muito mais importante do que o próprio conflito.

Interrogante:*Em verdade, não sei.*

Krishnamurti: Porque não o sabeis? Se de fato abandonastes o método tradicional, porque não conheceis o estado de vossa mente? Porque? Ou vós o abandonastes ou não o abandonastes. Se o fizestes, deveis sabê-lo. Se o fizestes, vossa mente se tornou inocente, para olhar o problema. Podeis olhar o problema como se fosse pela primeira vez. E, assim fazendo, existe algum problema de conflito? Visto que olhais o problema com os olhos velhos, ele não só se torna mais forte, mas também continua a seguir o seu já muito trilhado caminho. O importante, pois, é a maneira como olhais o problema - se o olhais com olhos novos ou com olhos velhos. Os olhos novos estão livres das reações condicionadas ao problema. Mesmo o "dar nome" ao problema, reconhecendo-o, é abeirar-se dele pela maneira tradicional. A justificação, a condenação ou a tradução do problema em termos relativos a prazer e dor, estão compreendidas nesse método tradicional, consistente em fazer alguma coisa a respeito dele. Isso em geral se chama ação positiva com relação ao problema. Mas, quando a mente afasta tudo isso para o lado, por ineficaz, ininteligente, ela se tornou então altamente sensível, altamente ordenada e livre.

Interrogante:*Pedis demais, eu não posso fazer isso. Estais a pedir-me que me torne um super-homem!*

Krishnamurti: Criais dificuldades para vós mesmo, fechando o caminho a vós mesmo, ao dizerdes que precisais tornar-vos um super-homem. Nada disso. Continuais a olhar as coisas com olhos que querem interferir, fazer alguma coisa a respeito do que vedes. Abstende-vos disso, porque o que quer que façais pertence ao método tradicional. Só isso. Sede simples. É este o milagre da percepção - perceber com um coração e uma mente completamente purificados do passado. A negação é a ação mais positiva.
[ÍNDICE]

7. A VIDA RELIGIOSA

Interrogante:*Eu gostaria de saber o que é uma vida religiosa. Morei vários meses em mosteiros, meditando, levando uma vida disciplinada, lendo muito. Freqüentei templos, igrejas e mesquitas. Tenho tentado viver uma vida muito simples e inofensiva, sem fazer mal a pessoas ou a animais. Decerto, não é só isso o que constitui uma vida religiosa. Venho praticando ioga, estudando o budismo Zen e seguindo disciplinas religiosas. Sou, e sempre fui, vegetariano. Como vedes, já estou envelhecendo, tendo privado com alguns "santos" em diferentes partes do mundo, mas de alguma maneira sinto que tudo isso constitui apenas a orla da coisa real. Assim, gostaria de saber se poderíamos conversar, hoje, sobre o que para vós é uma vida religiosa.*

Krishnamurti: Há dias, um sannyasi veio visitar-me, e mostrava-se triste. Disse-me que fizera voto de celibato e abandonara o mundo para se tornar mendicante, peregrinar de aldeia em aldeia, mas tão imperiosos eram os seus desejos sexuais que, certa manhã, resolveu mandar amputar os seus órgãos sexuais. Durante muitos meses sofreu dores constantes, mas afinal restabeleceu-se, e só vários anos mais tarde compreendeu claramente o que fizera. Por isso, veio visitar-me e, naquela pequena sala, perguntou-me o que podia fazer agora, mutilado como estava, para se tornar de novo normal - não fisicamente, decerto, porém interiormente. Praticara aquilo porque a atividade sexual era considerada contrária à vida religiosa. Era considerada mundana, própria do mundo dos prazeres, que o verdadeiro sannyasi deve a todo custo evitar. Disse ele: "Aqui me vedes, completamente desorientado e privado de minha virilidade. Lutei com todas as forças contra meus desejos sexuais, tentando controlá-los e, por fim, aconteceu aquela coisa terrível. E agora, que posso fazer? Sei que cometi um erro. Minha energia acha-se quase esgotada e estou chegando ao fim de minha vida na escuridão." Tomou da minha mão e ficamos sentados em silêncio, por algum tempo.

Isso é vida religiosa? A negação do prazer ou da beleza pode levar a uma vida religiosa? Negar a beleza do céu e dos montes e das formas humanas - isso leva a uma vida religiosa? É isso, todavia, o que crêem quase todos os santos e monges. Com essa crença, torturam-se a si próprios. Pode uma mente torturada, deformada, descobrir o que é vida religiosa? Entretanto, todas as religiões garantem que o único caminho que conduz à realidade ou Deus, ou como o chamem, é essa tortura, essa deformação. Todas fazem distinção entre o que chamam vida religiosa ou espiritual e o que chamam vida mundana.

O homem que vive só para o prazer, com fortuitos momentos de tristeza e de piedade, cuja vida está dada inteiramente às diversões, aos entretenimentos, é decerto um homem mundano, ainda que seja muito talentoso e erudito e preencha a sua vida com pensamentos alheios ou próprios. E é também mundano o homem que possui um certo dom e o exerce em benefício da sociedade ou para satisfação própria, e ganha fama, pondo em prática esse dom. Esse homem, decerto, é também mundano. Mas é também mundanidade ir à igreja, ao templo ou à mesquita, para rezar, todo entranhado de preconceito e intolerância, e completamente alheio à brutalidade que isso implica. É mundanidade ser patriota, nacionalista, idealista. O homem que se fecha num mosteiro, ergue-se a horas certas com um livro na mão, e passa o tempo a ler e a rezar, esse homem é também mundano. E aquele que sai a campo para

realizar boas obras, como reformador social ou missionário, é tal qual o político em seu interesse pelo mundo. A divisão entre vida religiosa e o mundo é a essência mesma da mundanidade. A mente de toda essa gente - monges, santos, reformadores não difere muito da mente daqueles que só se interessam nas coisas que dão prazer.

Importa, por conseguinte, não dividir a vida em mundanidade e não mundanidade. Importa não fazer distinção entre o homem mundano e o chamado religioso. Se não fosse a matéria, o mundo material, não estaríamos aqui. Sem a beleza do céu e da árvore solitária no alto do monte, sem a mulher ou o cavaleiro que passa por nós, na estrada, não seria possível a vida. O que nos interessa é a totalidade da vida e não uma determinada parte dela, considerada religiosa e oposta ao resto. Começamos, pois, a ver que uma vida religiosa está em relação com o todo e não com a parte.

Interrogante:*Compreendo o que dizeis. Temos de dar atenção à totalidade do viver: não podemos separar o mundo do chamado espírito. A questão, por conseguinte, é esta: Como agir religiosamente em relação a todas as coisas da vida?*

Krishnamurti: Que se entende por "agir religiosamente"? Não se entende uma maneira de vida inteiramente livre de divisão - divisão entre mundano e religioso, entre o que deveria ser e o que não deveria ser, entre mim e vós, entre prazer e desprazer? Divisão é conflito. Uma vida de conflito não é uma vida religiosa. Uma vida religiosa só é possível quando compreendemos a fundo o conflito. Essa compreensão é inteligência. Essa inteligência é que atua corretamente. O que a maioria das pessoas chama inteligência é, tão-só, competência para exercer uma certa atividade técnica, ou sagacidade nos negócios, ou trapaçaria política.

Interrogante:*Portanto, na realidade, minha pergunta significa: Como viver sem conflito, fazendo aparecer aquele sentimento da verdadeira santidade, que não é mera piedade sentimental, condicionada por uma certa gaiola religiosa - por mais antiga e venerável que seja tal gaiola?*

Krishnamurti: Um homem que vive sem demasiado conflito, numa aldeia, ou a sonhar numa caverna, numa encosta "sagrada", não está decerto vivendo a vida religiosa a que nos referimos. Pôr fim ao conflito é uma coisa sobremodo complexa. Requer auto-observação e sensível percebimento tanto das coisas exteriores como das interiores. O conflito só pode cessar ao compreendermos a contradição existente em nós mesmos. Essa contradição existirá sempre se não nos libertarmos do conhecido, ou seja do passado. Estar libertado do passado significa estar vivendo no agora, que não pertence ao tempo e onde só existe o movimento da liberdade, não atingido pelo passado, pelo conhecido.

Interrogante:*Que entendeis por "estar libertado do passado"?*

Krishnamurti: O passado são todas as nossas memórias acumuladas. Essas memórias atuam no presente e criam nossas esperanças e temores do futuro. Essas esperanças e temores são o futuro psicológico: sem eles não há futuro. O presente, portanto, é a ação do passado, e a mente é esse movimento do passado. O passado, atuando no presente, cria o que chamamos "o futuro". Essa reação do passado é involuntária, não é chamada nem "convidada", ela "cai sobre nós", antes de a pressentirmos.

Interrogante:*Nesse caso, como iremos libertar-nos do passado?*

Krishnamurti: Estar cônscio desse movimento, sem nenhuma escolha (porque a escolha é mais um aspecto desse mesmo movimento do passado), é observar o passado em ação. Essa observação não é movimento do passado. Observar sem a imagem formada pelo pensamento é uma ação na qual já não existe o passado. Observar a ação do passado é também ação livre do passado. Observar a árvore sem pensamento é ação sem o passado. O estado de ver é mais importante do que aquilo que se vê. Estar cônscio do passado, nessa observação sem escolha, significa não só agir diferentemente, mas ser diferente. Nesse percebimento a memória atua desimpedida, e eficazmente. Ser religioso é estar cônscio, sem escolha, de que estamos libertados do conhecido, mesmo quando o conhecido atua onde deve atuar.

Interrogante:*Mas, às vezes, o conhecido, o passado, atua mesmo quando não deve atuar; e ele sempre atua para causar conflito.*

Krishnamurti: Estar cônscio disso é achar-se também num estado de inação diante do passado que está atuando. A vida libertada do conhecido é, portanto, a verdadeira vida religiosa. Isso não significa apagar o conhecido, porém ingressar numa dimensão totalmente diferente, da qual se observa o conhecido. Essa ação de ver sem escolha é a ação do amor. A vida religiosa é tal ação, todo viver é essa mesma ação, ação essa que constitui a mente religiosa. Assim, religião, mente, vida e amor equivalem a uma só coisa.[ÍNDICE]

8. VER O TODO

Interrogante:*Quando vos ouço, parece-me que compreendo o que estais explicando, não apenas verbalmente, mas também num nível muito mais profundo. Participo no que estais dizendo; percebo claramente, com todo o meu ser, a verdade que estais expondo. Minha audição se aguça, e o ato mesmo de ver as flores, as árvores e aquelas montanhas cobertas de neve faz sentir-me como uma parte delas. Nesse percebimento, estou inteiramente livre de conflito, de contradição. Sinto-me capaz de fazer qualquer coisa, e sinto que qualquer coisa que eu fizesse seria verdadeira, não traria conflito nem dor. Mas esse estado infelizmente não dura. Talvez dure uma ou duas horas, enquanto estou a ouvir-vos. Quando saio, após as palestras, tudo parece evaporar-se e me vejo na mesma situação de antes. Procuro tornar-me cônscio de mim mesmo; fico a lembrar-me do estado em que me encontrava quando vos ouvia, procuro tenazmente alcançar e conservar esse estado, e isso se torna uma luta. Dizeis: "Ficai cônscio de vosso conflito, "escutai" o vosso conflito, vede as causas de vosso conflito, vosso conflito sois vós mesmo." Estou cônscio de meu conflito, de minha dor, de minha tristeza, de minha confusão, mas esse percebimento não dissolve, de maneira nenhuma, essas coisas. Pelo contrário, o estar cônscio delas parece dar-lhes*

vitalidade e duração. Falais em percebimento sem escolha, e isso, também, gera em mim outra batalha, porque eu estou a transbordar de escolha, decisões e opiniões. Apliquei esse percebimento a um certo hábito que tenho, e ele não desapareceu. Quando estamos cônscios de algum conflito ou tensão, esse mesmo percebimento está sempre a olhar se ele desapareceu, e isso parece no-lo trazer à lembrança, e, assim, jamais conseguimos livrar-nos dele.

Krishnamurti: O percebimento não é um ato de nos prendermos a uma certa coisa. O percebimento é uma observação, tanto exterior como interior, na qual cessou a direção. Estais cônscio, mas a coisa de que estais cônscio não está sendo avivada ou nutrida. Percebimento não é concentração numa coisa. Não é um ato volitivo, consistente em escolhermos o de que queremos estar cônscios, e em analisá-lo, para obtermos um certo resultado. Quando o percebimento se foca deliberadamente num determinado objeto, tal seja o conflito, isso é ação da vontade, concentração. Quando vos concentrais, isto é, quando pondes toda a vossa energia e pensamento dentro dos limites que escolhestes, seja para ler um livro ou para observar a vossa cólera, então, em virtude dessa escolha, a coisa em que vos concentrais é fortalecida, nutrida. Cumpre-nos, pois, compreender a natureza do percebimento: precisamos saber o que estamos dizendo ao empregarmos a palavra "percebimento". Ora, podeis estar cônscio de uma coisa, separadamente, ou dela estar cônscio como parte do todo. A parte, em si, é sem significação, mas quando vedes o todo, então a parte está com ele relacionada. Só nessa relação a parte adquire o seu verdadeiro significado; não se torna sumamente importante, não se lhe dá exagerada significação. A verdadeira questão, pois, é esta: Estamos vendo o processo total da vida, ou estamos concentrados na parte e, portanto, perdendo de vista o campo inteiro da vida? Estar cônscio do campo inteiro é também ver a parte, mas, ao mesmo tempo, compreender a sua relação com o todo. Se estais irritado, e interessado em pôr fim a essa irritação, focalizais a atenção na vossa cólera, de modo que o todo vos escapa e a cólera se torna mais forte, Assim, quando separamos a parte do todo, a parte gera seus problemas próprios.

Interrogante:*Que entendeis por "ver o todo"? Que é essa totalidade de que falais, esse percebimento total em que a parte é um detalhe? É uma experiência misteriosa, mística? Se é, perdemos completamente o rumo. Ou o que estais dizendo é mais ou menos isto: que existe um campo total da existência, do qual a cólera constitui uma parte, e que preocupar-se com a parte é vedar a percepção total? Mas, que é essa percepção total? Eu só posso ver o todo por meio de suas partes. E que "todo" tendes em mente? Quereis referir-vos à totalidade da mente, ou à totalidade da existência, ou à totalidade de mim mesmo, ou à totalidade da vida? Que todo é esse, e como posso vê-lo?*

Krishnamurti: O inteiro campo da vida: a mente, o amor, tudo o que na vida existe.

Interrogante:*Como poderei ver tudo isso?! Posso compreender que tudo o que vejo é parcial, que meu percebimento é só da parte e, portanto, fortalece a parte.*

Krishnamurti: Digamos assim: Percebeis com vossa mente e vosso coração, separadamente, ou vedes, ouvis, sentis, pensais, globalmente, não fragmentariamente?

Interrogante:*Não sei o que quereis dizer.*

Krishnamurti: Ouvis uma certa palavra e vossa mente vos diz que é um insulto, vossos sentimentos vos dizem que ela é desagradável; mais uma vez vossa mente intervém, para controlar, justificar, etc.; e, de novo, o sentimento entra em ação, no ponto em que a mente se deteve. Dessa maneira, um fato provoca uma reação em cadeia, de diferentes partes de vosso ser. O que ouvistes dizer foi dividido e, se vos concentrais num desses fragmentos, perdeis de vista o "processo total" do ouvir aquela palavra. O ouvir pode ser fragmentário ou pode efetuar-se com todo o vosso ser, efetuar-se totalmente. Assim, por "percepção do todo" entende-se percepção com os olhos, com os ouvidos, com o coração, com a mente; não, percepção com cada uma dessas coisas, separadamente. É atenção integral. Nessa atenção, a parte, tal a cólera, tem um significado diferente, uma vez que está relacionada com muitas outras coisas.

Interrogante:*Assim, quando dizeis "ver o todo", entendeis "vermos com a totalidade de nosso ser"; é uma questão de qualidade e não de quantidade. Exato?*

Krishnamurti: Sim, exato. Mas, de fato, vedes totalmente, dessa maneira, ou estais apenas a verbalizar? Vedes a cólera com vosso coração, vossa mente, vossos ouvidos e vossos olhos? Ou vedes como uma coisa não relacionada com o resto de vós e, por conseguinte, muito importante? Quando dais importância ao todo, não vos esqueceis da parte.

Interrogante:*Mas, que sucede à parte, à cólera?*

Krishnamurti: Estais cônscio da cólera com todo o vosso ser? Se estais, existe cólera? A desatenção é cólera, e não a atenção. Assim, a atenção, com todo o vosso ser, é ver o todo, e a desatenção é ver a parte. Ficar cônscio do todo e da parte, e da relação entre ambos - eis o problema inteiro. Separamos a parte do resto e queremos dissolvê-la. E, assim, o conflito aumenta e não há solução.

Interrogante:*Então, quando dizeis "ver apenas a parte", como, por exemplo, a cólera, entendeis "olhá-la apenas com uma parte de nosso ser"?*

Krishnamurti: Quando olhais a parte com um fragmento de vosso ser, aumenta a separação entre essa parte e o fragmento que a está olhando e, portanto, aumenta o conflito. Quando não há separação, não há conflito.

Interrogante:*Quereis dizer que não há separação entre a cólera e mim, quando a olho com a totalidade de meu ser?*

Krishnamurti: Exatamente. É isso o que realmente estais fazendo, ou estais meramente compreendendo as palavras? Que está realmente sucedendo? Isso é muito mais importante do que vossa pergunta.

Interrogante:*Vós me perguntastes o que está sucedendo. Estou apenas tentando compreender-vos.*

Krishnamurti: Estais procurando compreender-me ou estais vendo a verdade do que estamos dizendo, a qual é independente de mim? Se realmente percebeis a verdade do que estamos dizendo, sois então vosso próprio guru e vosso próprio discípulo, e isso significa: compreender a vós mesmo. Essa compreensão não pode ser aprendida de outrem.[ÍNDICE]

9. MORALIDADE

Interrogante:*Que é "ser virtuoso"? Que é que nos faz agir virtuosamente? Qual a base da moralidade? Como alcançar a virtude, sem luta? É ela um fim em si?*

Krishnamurti: Podemos pôr de parte a moralidade social que, na verdade, é completamente imoral? A moralidade social se tornou uma coisa respeitável, aprovada por sanções religiosas; e a moralidade da revolta da juventude contra a atual moral social se tornará tão imoral e respeitável como a desta sociedade bem estabilizada. Essa moralidade é ir para a guerra, matar, ser agressivo, buscar o poder, dar ensanchas ao ódio; é a crueldade e injustiça da autoridade estabelecida. É uma moralidade sem moral. Mas, podemos realmente dizer que ela não é moral? Porque, consciente ou inconscientemente, nós fazemos parte dessa sociedade. A moralidade social é nossa moralidade, e podemos pô-la de lado facilmente? A facilidade com que a pomos de lado é o sinal de nossa moralidade; não o esforço que nos custa o pô-la de lado, não a recompensa ou a punição desse esforço, mas a extrema facilidade com que a abandonamos. Se nossa conduta é dirigida pelo ambiente em que vivemos, por ele moldada e controlada, então essa conduta é mecânica e fortemente condicionada. E se nossa conduta resulta de nossa própria reação condicionada, é moral? Se vossa ação se baseia no medo à punição e no desejo de recompensa, é virtuosa? Se procedeis virtuosamente em conformidade com um certo conceito ou princípio ideológico, pode-se considerar virtuosa tal ação? Assim, cumpre-nos descobrir até que ponto nos emancipamos da moralidade ditada pela autoridade, da imitação, do ajustamento e da obediência. Não é o medo a base de nossa moralidade? A menos que estas perguntas nos sejam fundamentalmente respondidas, não teremos possibilidade de saber o que é "ser virtuoso". Como dissemos, a facilidade com que podemos desembaraçar-nos dessa hipocrisia é da máxima importância. Se apenas a desprezais, isso não indica que sois moral: podeis ser meramente um psicopata. Se viveis uma vida de rotina e satisfação, isso tampouco é moralidade. A moralidade do santo que se ajusta e observa a tradição de santidade firmemente estabelecida, não é evidentemente moralidade. Pode-se ver, pois, que todo ajustamento a um padrão, sancionado ou não pela tradição, não representa conduta virtuosa. Só da liberdade pode vir a virtude.

Pode uma pessoa libertar-se com toda a facilidade dessa rede que chamamos "moralidade"? A facilidade, na ação, vem com a liberdade, e do mesmo modo a virtude.

Interrogante:*Posso libertar-me da moralidade social, sem sentir medo, com aquela inteligência que é facilidade? Assusta-me a simples idéia de ser considerado imoral pela sociedade. Os jovens podem fazê-lo, mas eu sou um homem de meia idade, chefe de família, e me está na massa do sangue a respeitabilidade - a essência do burguês. Por isso, tenho medo.*

Krishnamurti: Ou aceitais a moral social ou a rejeitais. Não podeis "pôr dois proveitos num saco", estar com um pé no inferno e o outro no céu.

Interrogante:*Então que me cumpre fazer? Vejo o que é moralidade e, entretanto, estou sempre a proceder imoralmente. Quanto mais envelheço, mais hipócrita me torno. Desprezo a moralidade social e ao mesmo tempo quero suas vantagens, seu conforto, sua segurança psicológica e material, suas maneiras elegantes. Eis o meu verdadeiro e deplorável estado. Que me cabe fazer?*

Krishnamurti: Nada podeis fazer senão continuar como sois. É muito melhor deixar de tentar ser moral, deixar de preocupar-se com a virtude.

Interrogante:*Mas isso não posso fazer; desejo "a outra coisa"! Vejo-lhe a beleza, o vigor e a pureza. O que estou segurando nas mãos é uma coisa sórdida e feia, mas não posso largá-la.*

Krishnamurti: Então não há problema algum. Não podeis ter as duas coisas - virtude e respeitabilidade. Virtude é liberdade. Liberdade não é uma idéia, um conceito. Quando há liberdade, há atenção, e só nessa atenção pode a bondade florescer.[ÍNDICE]

10. SUICÍDIO

Interrogante:*Desejo conversar sobre o suicídio - não porque haja alguma crise em minha vida ou porque eu tenha alguma razão para suicidar-me, mas porque é um assunto que necessariamente vem à tona quando se considera a tragédia da velhice - a desintegração física, o quebrantamento do corpo, a perda da verdadeira vida, nas pessoas, quando ela chega. Há alguma razão para prolongarmos a vida ao atingirmos esse estado, para continuarmos arrastando o que dela resta? Não seria um verdadeiro ato de inteligência reconhecer o momento em que cessou a utilidade da vida?*

Krishnamurti: Se fosse a inteligência que vos inspirasse a pôr termo à vida, essa mesma inteligência teria impedido o vosso corpo de deteriorar-se prematuramente.

Interrogante:*Mas, não há um momento em que nem a inteligência da mente pode impedir a deterioração? O corpo acaba gastando-se; como reconhecer a aproximação desse momento?*

Krishnamurti: Precisamos penetrar com certa profundeza nesta questão. Ela implica várias coisas, não? - deterioração do corpo, do organismo, senilidade mental, extrema incapacidade. Incessantemente, abusamos do corpo, por influência do costume, do paladar e da negligência. O paladar dita sua vontade -- e o prazer que ele proporciona molda e controla as atividades do organismo. Quando isso acontece, é destruída a natural inteligência do corpo. Nos armazéns vê-se uma enorme variedade de comestíveis, tentadoramente coloridos, convidando aos prazeres do paladar, e não ao que é benéfico para o corpo. Assim, da mocidade em diante, amortece-se esse instrumento que deveria ser altamente sensível, ativo, capaz de funcionar como uma perfeita máquina. Esta é uma parte da questão. Em seguida, temos a mente que, durante vinte, trinta ou oitenta anos, viveu num constante estado de luta e resistência. Ela só conhece contradição e conflito - emocional ou intelectual. Qualquer forma de conflito é, não só uma deformação, mas traz consigo a destruição. São estes, pois, alguns dos fatores básicos, interiores e exteriores, da deterioração- a atividade sempre egocêntrica, com seus processos de isolamento.

Há naturalmente, o desgaste físico do corpo, e há o seu desgaste inatural. O corpo perde suas capacidades e memórias, e a senilidade gradualmente dele se apodera. Perguntais se uma pessoa não deveria suicidar-se, tomar um comprimido para morrer. Quem está fazendo essa pergunta, os que são senis, ou os que estão a observar a senilidade com tristeza, com desespero e medo de sua própria deterioração?

Interrogante:*Naturalmente, de meu ponto de vista, a pergunta é motivada pelo pesar de observar a senilidade em outras pessoas, já que, presumivelmente, ela ainda não começou em mim. Mas, não há também uma certa ação da inteligência que prevê uma possível derrocada do corpo e indaga se não seria inútil prosseguir vivendo, quando o organismo já não é capaz de vida inteligente?*

Krishnamurti: Podem os médicos permitir a eutanásia; podem os médicos ou o governo permitir que um doente se suicide?

Interrogante:*Esta é, sem dúvida, uma questão legal, sociológica ou, como outros preferem, uma questão moral; mas, não é disso que estamos tratando aqui, é? O que estamos perguntando é se o indivíduo tem o direito de pôr termo a sua própria vida, e não se a sociedade o permitirá.*

Krishnamurti: Estais perguntando se alguém tem o direito de tirar sua própria vida, não só na senilidade ou quando se sente a aproximação da senilidade, mas se é moralmente permissível praticar o suicídio em qualquer tempo?

Interrogante:*Reluto em imiscuir nisso a moralidade, que é uma coisa condicionada. Eu estava tentando formular a pergunta na base de um problema direto da inteligência. Felizmente, pelo que me respeita pessoalmente, esse problema não me defronta, por enquanto e, por conseguinte, creio que estou em condições de encará-lo mais ou menos desapaixonadamente; mas, como um*

exercício de inteligência humana, qual é a resposta?

Krishnamurti: Estais perguntando se um homem inteligente pode suicidar-se - não é isso?

Interrogante:*Ou se o suicídio, dadas certas circunstâncias, pode ser ação de um homem inteligente.*

Krishnamurti: É a mesma coisa. O suicídio resulta, afinal de contas, ou de um estado de completo desespero, causado por uma profunda frustração, ou de um medo irremediável, ou do percebimento da inanidade de uma certa maneira de vida.

Interrogante:*Em geral é assim, se me permitis a interrupção - mas estou tentando fazer a pergunta fora de qualquer motivação. Quando uma pessoa chega ao ponto de desespero, isso supõe um tremendo "motivo", e é então difícil separar a emoção da inteligência. Estou procurando manter-me nos domínios da inteligência pura, livre da emoção.*

Krishnamurti: Estais perguntando se a inteligência permite, em alguma circunstância, o suicídio. Não permite, decerto.

Interrogante:*Porque não?*

Krishnamurti: É, com efeito, necessário compreender a palavra "inteligência". É inteligência permitir que o corpo se deteriore, por influência do hábito, do abuso, do cultivo do paladar, do prazer, etc? Isso é inteligência, ação da inteligência?

Interrogante:*Não; mas se o indivíduo chegou a uma certa idade e em sua vida houve, em certa medida, uso ininteligente de seu corpo, cujos efeitos ainda não se fazem sentir, ele não pode voltar atrás e viver de novo a própria vida.*

Krishnamurti: Por conseguinte, tornai-vos cônscio da natureza destrutiva da maneira como estamos vivendo, e pondo-lhe fim imediatamente, e não numa data futura. A ação imediata, em presença do perigo, é um ato de sanidade mental, de inteligência; e o adiamento, tal como a busca de prazer, denota falta de inteligência.

Interrogante:*Percebo.*

Krishnamurti: Mas não estais vendo também uma coisa muito real e verdadeira, ou seja que o processo de insulação, por parte do pensamento, com sua atividade egocêntrica, é uma forma de suicídio? Isolamento é suicídio, seja o isolamento de uma nação, seja o de uma organização religiosa, de unia família, de uma comunidade. A pessoa já está presa naquela armadilha que leva, por fim, ao suicídio.

Interrogante:*Estais-vos referindo ao indivíduo ou ao grupo?*

Krishnamurti: Tanto ao indivíduo como ao grupo. Já estamos aprisionados no padrão...

Interrogante:*... que no fim levará ao suicídio? Mas, nem todo o mundo se suicida!*

Krishnamurti: Exato, mas o elemento representado pelo desejo de fuga já existe - fuga para não enfrentar os fatos, para não enfrentar "o que é"; essa fuga é uma forma de suicídio.

Interrogante:*Este me parece ser o ponto crucial da questão, porque é de supor, pelo que acabais de dizer, que o suicídio é uma fuga. Evidentemente o é, em noventa e nove por cento dos casos. Mas - e esta é a questão que proponho - não existirá também uma espécie de suicídio que não seja fuga, um meio de evitar isso que chamais "o que é"? Pode-se dizer que muitos casos de neurose são formas de suicídio; o que quero perguntar é se o suicídio pode ser outra coisa que não uma reação neurótica. Não pode ser também a reação a um fato que enfrentamos, reação da inteligência, em face de uma situação humana insustentável?*

Krishnamurti: Quando empregais as palavras "inteligência" e "situação insustentável", há uma contradição. Os dois termos se contradizem.

Interrogante:*Dissestes que em presença de um precipício ou de uma serpente venenosa, prestes a dar o bote, a inteligência dita uma certa ação, que é um ato de fuga.*

Krishnamurti: Um ato de fuga ou um ato de inteligência?

Interrogante:*Não podem os dois atos ser, às vezes, idênticos? Se um carro vem sobre mim, pela estrada, e eu o evito...*

Krishnamurti: Isto é um ato de inteligência.

Interrogante:*Mas é também um ato de fuga ao carro.*

Krishnamurti: Mas é ato da inteligência.

Interrogante:*Exatamente. Mas não se pode dizer que há, no viver, uni corolário desse ato de inteligência, quando a coisa que temos peia frente é insolúvel e mortal?*

Krishnamurti: Deixai-a, então, assim como deixais o precipício: afastai-vos dela.

Interrogante:*Nesse caso, o afastar-me dela significa suicídio.*

Krishnamurti: Não, o suicídio é um ato de ininteligência.

Interrogante:*Porquê?*

Krishnamurti: Eu vo-lo estou mostrando.

Interrogante:*Quereis dizer que o ato de suicídio é, categórica e inevitavelmente, uma reação neurótica à vida?*

Krishnamurti: Obviamente. É um ato de ininteligência; um ato que significa claramente que chegastes a um ponto em que vos vedes de tal maneira isolado, que não achais saída alguma.

Interrogante:*Mas, para fins de discussão, quero supor uma situação irremediável e que a pessoa não atue com o "motivo" de evitar o sofrimento, de desviar-se da realidade.*

Krishnamurti: Existe, na vida, alguma situação, relação ou incidente de que não possamos desviar-nos?

Interrogante:*Naturalmente, há muitas.*

Krishnamurti: Muitas? Mas, porque insistis em que o suicídio é a única saída?

Interrogante:*Quando atacados de uma doença fatal, não temos possibilidade de fugir dela.*

Krishnamurti: Tende cuidado agora, muito cuidado com o que estais dizendo. Se tenho um câncer que me vai matar e o médico me diz: "Bem, meu amigo, você tem de ir vivendo com ele" - que devo fazer, suicidar-me?

Interrogante:*Talvez.*

Krishnamurti: Mas, estamos discutindo este assunto teoricamente. Se eu, pessoalmente, estivesse com câncer,(1) nesse caso eu decidiria, refletiria sobre o que conviria fazer. Não se trataria de uma questão teórica. Iria averiguar qual seria a coisa mais inteligente a fazer.

Interrogante:*Quereis dizer que não se pode fazer esta pergunta teoricamente, mas só se me acho realmente em tal situação?*

Krishnamurti: Isso mesmo. Agireis então de acordo com vosso condicionamento, de acordo com vossa inteligência, de acordo com vossa maneira de vida. Se vossa maneira de vida foi sempre de evitar e de fugir, uma atividade neurótica, adotareis, então, naturalmente, uma atitude neurótica, uma ação neurótica. Mas, se tiverdes vivido uma vida de real inteligência, no sentido total desta palavra, então essa inteligência atuará, se vos virdes atacado de câncer. Podereis conformar-vos, dizer: "Irei vivendo os poucos meses ou anos que me restam".

Interrogante:*Ou poderei não dizê-lo.*

Krishnamurti: Ou podereis não dizê-lo; mas não digamos que o suicídio é inevitável.

Interrogante:*Eu não o disse; perguntei se, em certas circunstâncias coercivas, tal um caso de câncer, o suicídio seria unia reação inteligente.*

Krishnamurti: Temos aqui uma coisa extraordinária: a vida vos proporcionou grandes alegrias, a vida vos deu extraordinária beleza, a vida vos trouxe muitos benefícios - e fostes seguindo com ela. Igualmente, em tempos de desventuras, fostes seguindo com ela - o que é próprio da inteligência. Agora, acontece que tendes câncer e dizeis: "Não suporto mais esta vida; preciso pôr-lhe termo." Porque não "seguis com ela", acompanhando seu movimento, "vivendo-a", compreendendo-a?

Interrogante:*Por outras palavras, não há resposta para esta pergunta, antes de nos acharmos em tal situação.*

Krishnamurti: Não há, naturalmente. Mas, esta é a razão por que considero muito importante enfrentar o fato, enfrentar "o que é", de momento em momento, em vez de tecer teorias a respeito dele. Se uma pessoa está doente, irremediavelmente doente de câncer, ou se tornou completamente senil, qual é o ato mais inteligente, não para um mero observador, como eu, porém para o médico, a esposa, a filha?

Interrogante:*Oh! isso, com efeito, não tem resposta, porque é um problema que concerne a outro ente humano ...*

Krishnamurti: Exatamente, é isso precisamente o que estou dizendo.

Interrogante:*... e ninguém tem o direito de decidir sobre a vida e a morte de outro ser humano.*

Krishnamurti: Mas, nós o fazemos. Todas as tiranias o fazem. A tradição o faz; a tradição nos manda viver de uma maneira e não de outra.

Interrogante:*E também se está tornando tradição fazer as pessoas viverem além do ponto em que a natureza daria por finda a luta. Graças à ciência médica, muitos doentes são conservados vivos. .. bem, é difícil definir o que é uma condição natural, mas parece-me muito antinatural fazê-los viver por tanto tempo, como hoje se faz. Mas, esta é uma questão diferente.*

Krishnamurti: Sim, uma questão totalmente diferente. A verdadeira questão é se a inteligência pode permitir o suicídio, mesmo quando os médicos tenham diagnosticado um mal incurável. Não se pode, de modo nenhum, dizer a outro o que deve fazer em tal caso. Ao ente humano com mal incurável é que cabe agir de acordo com sua inteligência. Se ele é de fato inteligente, isto é, se viveu uma vida de amor, de solicitude, de sensibilidade e delicadeza, esse homem, ao surgir aquela situação, agirá em conformidade com a inteligência que esteve operando no passado.

Interrogante:*Então, a certo respeito, esta nossa palestra ficou sem sentido, porque isto teria de acontecer inevitavelmente: as pessoas agiriam em conformidade com o que tivesse acontecido no passado. Uns estourariam os miolos, outros deixar-se-iam ficar a sofrer até morrer, ou a viver de alguma maneira no ínterim.*

Krishnamurti: Não, nossa palestra não foi inútil. Escutai: Descobrimos várias coisas, principalmente esta, que o mais importante é viver inteligentemente. O viver de maneira sumamente inteligente requer extraordinária alerteza da mente e do corpo, e e nós destruímos a alerteza do corpo com nossas maneiras antinaturais de viver. Estamos também destruindo a mente, o cérebro, com o conflito, a constante repressão, constantes explosões de violência. Assim, se seguimos uma maneira de vida que seja a negação de tudo isso, então, essa vida, essa inteligência, em face de uma doença incurável, agirá corretamente.

Interrogante:*Estou vendo que vos fiz urna pergunta acerca do suicídio e me destes uma resposta sobre como viver corretamente.*

Krishnamurti: A única resposta possível. Um homem, no ato de saltar de uma ponte, não pergunta "posso suicidar-me"? Ele já o está fazendo; é um caso liquidado. Mas, perguntarmos nós - aqui sentados, nesta casa sólida, ou num laboratório - se um homem pode ou não suicidar-se, não tem sentido nenhum.

Interrogante:*Portanto, não se pode fazer esta pergunta.*

Krishnamurti: Ao contrário, ela deve ser feita - se um homem pode ou não praticar o suicídio. Mas cumpre investigar o que há atrás dela, o que está inspirando ao homem que a faz o desejo de suicidar-se. Conhecemos um homem que está sempre a ameaçar suicidar-se, mas até hoje não o fez porque é um homem extremamente indolente. Não quer fazer nada e quer que todos o sustentem; esse homem já praticou o suicídio. O homem que é obstinado, desconfiado, ávido de poder e de posição,

este também, interiormente, já se suicidou. Vive atrás de uma muralha de imagens. Assim, qualquer homem que está vivendo com uma imagem de si próprio, de seu ambiente, de sua ecologia(2), de seu poder político ou de sua religião, já está liquidado.

Interrogante:*Quer-me parecer, pelo que dizeis, que a vida, quando não é vivida diretamente ...*

Krishnamurti: Diretamente e inteligentemente.

Interrogante:*... fora das sombras das imagens, do condicionamento, é uma espécie de subsistência.*

Krishnamurti: Naturalmente. Vede como vive a maioria das pessoas: atrás de um muro - o muro de seu saber, de seus desejos, seus impulsos ambiciosos. Já se acham num estado de neurose, e essa neurose lhes oferece uma certa espécie de proteção - a proteção do suicídio.

Interrogante:*A proteção do suicídio!*

Krishnamurti: Considerai, por exemplo, um cantor. Sua voz constitui sua maior proteção e, se ele a perde, está pronto a suicidar-se. O que é realmente interessante e verdadeiro é descobrirmos, por nós mesmos, uma maneira de vida altamente sensível e inteligente; e tal não é possível quando há medo, ansiedade, avidez, inveja, formação de imagens, ou o viver em isolamento religioso. Esse isolamento é o que todas as religiões sempre ofereceram. O crente se acha, positivamente, no limiar do suicídio. Porque, tendo depositado toda a sua fé numa crença, se essa crença é abalada, sente medo e está pronto a adotar outra crença, outra imagem, a praticar outro suicídio religioso. Assim, pode um homem viver sem imagem alguma, sem nenhum padrão, nenhum sentido do tempo? Não digo vivermos de tal maneira que não nos preocupemos com o que amanhã sucederá ou ontem sucedeu. Isso não é viver. Há pessoas que dizem: "Peguem o presente e tirem dele o melhor partido possível". Isto é também um ato de desespero. Em verdade, não devemos perguntar se é certo ou não uma pessoa suicidar-se; devemos perguntar o que é que produz o estado de espírito em que não há mais esperança alguma - embora "esperança" seja unia palavra imprópria, já que a esperança supõe um futuro. Deve-se, antes perguntar: Como se torna existente uma vida fora do tempo? Viver fora do tempo é, com efeito, conhecer a imensidade do amor. Porque o amor não pertence ao tempo, não é urna coisa que foi ou que será. Descobri-lo e com ele viver - eis a verdadeira questão. Se um homem pode suicidar-se, ou não, é pergunta própria de quem já está parcialmente morto. A esperança é a coisa mais terrível. Não foi Dante que disse: "Deixai toda esperança, ó vós que entrais" (no inferno)? Para ele, o paraíso era a esperança. Horrível!

Interrogante:*Sim, a esperança é o próprio inferno.*[ÍNDICE]

---

(1) No original "terminal cancer" (Terminal: Extremidade de um neurão ou fibra nervosa" - Dic. "Funk & Wagnals"). -

N. do T.

(2) Ecology: divisão da biologia que trata das relações entre os or ganismos e o ambiente (Dic. "Funk & Wagnals"). - (N. do T.)

11. DISCIPLINA

Interrogante:*Fui criado num ambiente muito severo, submetido a estrita disciplina, não apenas na conduta, mas também ensinaram-me a disciplinar, controlar meus pensamentos e apetites e a fazer certas coisas a horas certas. O resultado é que me vejo tão cercado de restrições, que me tornei incapaz de fazer qualquer coisa com facilidade, liberdade e alegria. Vendo o que se passa em torno de mim, nesta sociedade permissiva - desordem, sordidez, leviandade, indiferença às boas maneiras - sinto-me chocado, embora, secretamente, eu próprio deseje fazer algumas dessas coisas. A disciplina, todavia, impôs certos valores; ocasionou frustrações e deformações, mas não há dúvida que alguma disciplina é necessária - por exemplo, sentar-se decentemente, ter boas maneiras à mesa, falar com reflexão. Sem disciplina, não se poderiam perceber as belezas da música, da literatura ou da pintura. As boas maneiras e a boa educação revelam muitas sutilidades no trato social de cada dia. Observo na nova geração a beleza dos jovens, mas, sem disciplina, essa beleza bem cedo se esvaecerá e eles se tornarão velhos e velhas um tanto enfadonhos. É trágico. Vemos um jovem flexível, ardoroso, belo, de olhos luminosos e sorriso simpático e, ao revê-lo, alguns anos após, ele se tornou quase irreconhecível-desordenado, endurecido, indiferente, cheio de banalidades, muito respeitável, duro, feio, reservado, sentimental. A disciplina certamente o teria salvo. Eu, que quase me matei de disciplina, muitas vezes pergunto a mim mesmo onde se acha o meio termo entre esta sociedade licenciosa e a cultura em que fui criado. Não existe uma maneira de viver sem a deformação e a repressão da disciplina, sendo, porém, cada indivíduo interiormente disciplinado?*

Krishnamurti: Disciplina significa "aprender", e não ajustar-se, reprimir, imitar o padrão que a autoridade consagrada considera nobre. Esta questão é muito complexa, porque nela estão implicadas várias coisas: o aprender, o ser austero, o ser livre, o ser sensível e o ver a beleza do amor.

No aprender não há acumulação. O saber difere do aprender. Saber é acumulação, conclusões, fórmulas, mas o aprender é um movimento constante, um movimento sem centro, sem começo nem fim. Para aprendermos sobre nós próprios, não deve haver acumulação de espécie alguma: se há, isso não é aprender acerca de nós mesmos, porém apenas aumentar o conhecimento acumulado a nosso respeito. Aprender é a liberdade de perceber, de ver. Não podeis aprender se não sois livre. Assim, o próprio ato de aprender é disciplina; não tendes necessidade de disciplinar-vos para aprender. Por conseguinte, disciplina é liberdade. Esta nega todo ajustamento e controle, porque controle é imitação de padrão. Um padrão significa repressão, repressão de "o que é", e não há aprender a respeito de "o que é" quando existe uma fórmula do que é bom e do que é mau. Aprender a respeito de "o que é" é libertar-se de "o que é". O aprender, portanto, é a mais elevada forma de disciplina. O aprender exige inteligência e sensibilidade.

A austeridade do sacerdote e do monge é áspera. Eles repelem alguns dos seus apetites, mas não repelem outros que o costume sancionou. O santo representa o triunfo da violência austera. A austeridade é geralmente identificada como negação de si mesmo, à força de brutal disciplinamento, de exercícios e ajustamentos. Forceja o santo por "bater um recorde", tal como o atleta. O perceber a falsidade disso traz a sua austeridade própria. O santo é um ente entorpecido e pretensioso. Perceber isso é inteligência. Essa inteligência nunca salta de um extremo ao outro. Inteligência é a sensibilidade que compreende e, por conseguinte, evita os extremos. Mas isso não é a prudente mediocridade de permanecer no meio termo. Perceber isso claramente é aprender. Esse aprender requer estejamos livres de todas as conclusões e preconceitos. Tais conclusões e preconceitos resultam da observação feita pelo centro - o "eu", que quer e que dirige.

Interrogante:*Não estais simplesmente dizendo que, para vermos claramente, temos de ser objetivos?*

Krishnamurti: Sim, mas a palavra "objetivo" não é suficiente. Não estamos falando da crua objetividade do microscópio, porém de um estado em que existe compaixão, sensibilidade e profundeza. Disciplina, como dissemos, é aprender, e o aprender acerca da austeridade não implica violência a nós mesmos ou a outrem. A disciplina, como geralmente entendida, é ato da vontade, ou seja violência.

Em todo o mundo, parece ser crença geral que a liberdade é o fruto de uma prolongada disciplina. Ver claramente as coisas é disciplina. Para vermos claramente necessitamos de liberdade, e não de disciplina. A liberdade, portanto, não é o resultado final da disciplina; a própria compreensão da liberdade é disciplina. São duas coisas que andam sempre juntas, inseparavelmente; quando se separam, há conflito. Para vencer esse conflito, entra em ação a vontade e gera mais conflito. É gama cadeia sem fim. A liberdade, portanto, está no começo e não no fim: o começo é o fim. O aprender sobre tudo isso é, em si, disciplina. O aprender exige sensibilidade. Se não sois sensível a vós mesmo, a vosso ambiente, a vossas relações, se não sois sensível ao que se está passando em derredor de vós, seja na cozinha, seja no mundo, então, por mais que vos disciplineis, vos ireis tornando cada vez mais insensível, cada vez mais egocêntrico - e isso gera problemas sem conta. Aprender é ser sensível a vós mesmo e ao mundo exterior, porque o mundo exterior é vós. Se sois sensível a vós mesmo, não podeis deixar de ser sensível ao mundo. Esta sensibilidade é a mais alta forma da inteligência. Não é a sensibilidade de um especialista - do médico, do cientista, ou do artista. Essa fragmentação não produz sensibilidade.

Como é possível amar, sem sensibilidade? O sentimentalismo e o emocionalismo negam a sensibilidade, porque são terrivelmente cruéis: são responsáveis pelas guerras. Disciplina, pois, não é o adestramento ministrado pelo sargento, no campo de manobras, ou pela vontade, em vós mesmo. O aprender, durante todo o dia e durante o sono, tem sua própria e extraordinária disciplina, tão delicada como a folha primaveril, tão veloz como a luz. Nesse aprender há amor. O amor tem sua própria disciplina, cuja beleza escapa à mente exercitada, moldada, controlada, torturada. Sem essa disciplina, a mente não pode alcançar muito longe.[ÍNDICE]

12. O QUE É

Interrogante:*Li muito de filosofia, psicologia, religião e política, matérias essas que, em maior ou menor grau, aludem às relações humanas. Li também vossos livros, que se ocupam com o pensamento e as idéias e, por alguma razão, me sinto enfarado de tudo isso. Estive nadando num oceano de palavras, e em toda parte aonde vou só se me oferecem mais palavras e ações derivadas dessas palavras: conselhos, exortações, promessas, teorias, análises, remédios. Naturalmente, tudo isso deve ser posto de parte; vós mesmo o fizestes, mas, para a maioria dos que vos têm lido e ouvido, o que dizeis são só palavras. Deve haver pessoas para as quais o que dizeis representa algo mais do que palavras, uma realidade absoluta, mas refiro-me aos demais. Eu gostaria de ultrapassar as palavras, ultrapassar a idéia, para viver em relação total com todas as coisas. Pois, afinal de contas, essa relação é vida. Tendes dito que cada um deve ser mestre e discípulo de si próprio. É-me possível viver com toda a simplicidade, sem princípios, crenças, e ideais? Posso viver livremente, sabendo que sou escravo do mundo? As crises não nos batem à porta antes de entrarem, os desafios da vida de cada dia surgem antes de os pressentirmos. Sabendo isso, tendo-me visto tantas vezes a braços com esses desafios, a perseguir fantasmas, pergunto-me a mim mesmo como posso viver corretamente e com amor, clareza e alegria não forçada. Não quero saber conto viver, porém viver; o "como" nega o próprio viver real. A nobreza da vida não consiste em praticar nobreza.*

Krishnamurti: Após dizerdes tudo isso, onde vos achais? Desejais realmente viver com felicidade e amor? Se o desejais, onde o problema?

Interrogante:*Eu o desejo deveras, mas isso não me leva a parte alguma. Há anos que desejo viver dessa maneira, mas não posso.*

Krishnamurti: Portanto, embora negueis o ideal, a crença, a diretiva, estais, com muita sutileza e de maneira indireta, perguntando a mesma coisa que todos perguntam; é o conflito entre "o que é" e o que "deveria ser".

Interrogante:*Mesmo tirando-se o que deveria ser, vejo que "o que é" é horrível. Enganar a mim mesmo, para não vê-lo, seria muito pior ainda.*

Krishnamurti: Ver "o que é" é ver o universo, e rejeitar "o que é" é a origem do conflito. A beleza do universo está em "o que é"; e viver com "o que é", sem esforço, é virtude.

Interrogante:*"O que é" inclui também a confusão, a violência, toda espécie de aberração humana. Viver com "o que é" é o que chamais virtude. Mas isso não é insensibilidade e insânia? A perfeição não consiste simplesmente em abandonar todos os ideais! A própria vida exige que eu a viva com beleza, como a águia nos ares; viver o milagre da vida, carecendo da beleza total, é inaceitável.*

Krishnamurti: Então, vivei-o!

Interrogante:*Não posso.*

Krishnamurti: Se não podeis, vivei então em confusão; não batalheis contra ela. Conhecendo toda a aflição que ela traz, vivei com ela, isto é, com o que é. E viver com "o que é", sem conflito, liberta-nos dele.

Interrogante:*Quereis dizer que nosso único defeito é sermos autocríticos?*

Krishnamurti: Não, de modo nenhum. Não sois suficientemente crítico. Não ides mais longe em vossa autocrítica. A própria entidade que critica precisa ser criticada, examinada. Se o exame é comparativo, feito de medida em punho, então esse padrão é o ideal. Se não há padrão nenhum - por outras palavras, se a mente não está sempre comparando e medindo - podeis observar "o que é", e então "o que é" já não é a mesma coisa.

Interrogante:*Observo-me sem nenhum padrão e, no entanto, continuo a viver sem beleza.*

Krishnamurti: Todo exame requer um padrão. Mas, é possível observar de maneira que só haja observação, ver, e nada mais - que só haja percepção, sem a entidade que percebe?

Interrogante:*Que quereis dizer?*

Krishnamurti: Há o ato de olhar. A aferição desse "olhar" é interferência, deformação do "olhar": não é olhar; ao contrário, é avaliação do "olhar"; são duas coisas tão diferentes como um pedaço de giz e um pedaço de queijo. Tendes percepção de vós mesmo, sena deformação, apenas uma absoluta percepção de vós mesmo, tal como sois?

Interrogante:*Tenho.*

Krishnamurti: Vedes fealdade, nessa percepção?

Interrogante:*Não há fealdade na percepção, porém na coisa percebida.*

Krishnamurti: A maneira como percebeis é o que sois. A virtude está em olhar puramente, ou seja com atenção, sem a deformação produzida pela medida e a idéia. Viestes aqui a fim de perguntar como viver com beleza e amor. Olhar sem deformar é amor, e a ação dessa percepção é a ação da virtude. Essa

clareza da percepção atuará constantemente no viver. Isso é viver como a águia nos ares; é a beleza viva, o amor vivo.[ÍNDICE]

13. O BUSCAR

Interrogante:*Que é que estou buscando? Em verdade, não o sei, mas há em mim um enorme anseio por algo que seja muito mais do que conforto, prazer, e a satisfação do preenchimento. Tudo isso eu já tive, mas essa é uma coisa muito superior a todas - uma coisa existente numa insondável profundeza, que clama por libertar-se, por dizer-me algo. Tenho esse sentimento há muitos anos, mas quando o examino não pareço capaz de atingi-la. Todavia, ela existe sempre, essa ânsia de ultrapassar as montanhas e os espaços, ao encontro de uma certa coisa. Mas essa coisa talvez esteja diretamente à minha frente, sem que eu a veja. Não precisais ensinar-me a olhar: li muitos dos vossos escritos e conheço o vosso, modo de pensar a esse respeito. Desejo estender a mão e apoderar-me dessa coisa - embora saiba muito bem que não posso prender o vento na mão. Diz-se que, operando-se com habilidade um tumor, ele pode ser extirpado todo inteiro, intacto. Pela mesma maneira, eu gostaria de abarcar toda a Terra, o firmamento, os mares, num só movimento e alcançar instantaneamente aquele estado de bem-aventurança. Isso é possível? Como posso atravessar para a outra margem, sem tomar um barco e remar para lá - alcançá-la instantaneamente? Essa me parece ser a única maneira de alcançá-la.*

Krishnamurti: Sim, a única maneira - ver-nos, maravilhosa e inexplicavelmente, na outra margem, e, de lá, viver, agir, e fazer tudo o que se faz na vida diária.

Interrogante:*Isso é apenas para uns poucos? Ou é para mim também? Não sei realmente o que devo fazer. Estive sentado, em silêncio; estudei-me, examinei-me, disciplinei-me, mais ou menos inteligentemente, creio eu, e naturalmente há muito me emancipei dos templos, dos santuários e dos sacerdotes. Não quero ficar andando de sistema para sistema - coisa tão fútil. Assim, como vedes, aqui me acho com toda a simplicidade.*

Krishnamurti: Não sei se sois realmente tão simples como pensais ser! De que profundidade fazeis esta pergunta, e com que amor e que beleza? Podem vosso coração e vossa mente receber aquela "coisa"? São ambos sensíveis ao mais leve sussurro de algo que chega inesperadamente?

Interrogante:*Se se trata de uma coisa tão sutil, que encerra ela de verdadeiro e de real? As sugestões que nos., vêm de tais sutilidades são em geral fugidias e sem importância.*

Krishnamurti: De fato? Tudo precisa estar escrito no quadro negro? Por favor, senhor, averigüemos se nossas mentes e corações são realmente capazes de receber a imensidade, e não a mera palavra.

Interrogante:*Eu, de fato, não o sei, e este é meu problema. Já fiz, com certa inteligência, quase tudo o que cumpre fazer, pondo de parte todos os óbvios absurdos do nacionalismo, da religião organizada, da crença - essa interminável galeria de ninharias. Creio possuir a compaixão e creio que minha mente é capaz de apreender as sutilezas da vida, mas isso, decerto, não é suficiente. Assim, que está faltando, que me cumpre fazer ou deixar de fazer?*

Krishnamurti: Não fazer nada é muito mais importante do que fazer alguma coisa. Pode a mente manter-se de todo inativa, e, por conseguinte, sobremodo ativa? O amor não é atividade do pensamento; não é a ação da boa conduta ou da virtude social. Como o amor não é cultivável, nada se pode fazer em relação a ele.

Interrogante:*Percebo o que entendeis ao dizerdes que a inação é a mais elevada forma da ação - a qual não significa "fazer nada". Mas, por alguma razão, não posso apreendê-lo com o coração. Será porventura porque meu coração está vazio, cansado de tantas atividades, que a inação me parece atraente? Não. Volto ao meu sentimento inicial de que existe essa coisa chamada amor, e sei também que é ela a única coisa. Mas continuo de mãos vazias, após dizê-lo.*

Krishnamurti: Significa isso que já não estais buscando, já não estais a segredar a vós mesmo "Preciso alcançar uma certa coisa que se acha além dos montes mais remotos"?

Interrogante:*Quereis dizer que devo abandonar esse sentimento que há tanto tempo abrigo, de que existe uma "certa coisa" além de todos os montes?*

Krishnamurti: Não se trata de abandonar coisa alguma, mas, como acabamos de dizer, só há estas duas coisas: o amor e a mente vazia de pensamentos. Se realmente acabastes com tudo, se realmente fechastes a porta a todos os absurdos que o homem ajuntou, em sua busca de uma "certa coisa" - são então estas duas coisas - o amor e a mente vazia de pensamentos - apenas mais duas palavras, não diferentes de quaisquer outras idéias?

Interrogante:*Tenho o sentimento profundo de que não o são, mas falta-me a certeza. Assim, tomo a perguntar-vos o que me cumpre fazer.*

Krishnamurti: Sabeis o que significa "estar em comunhão" com o que acabamos de dizer a respeito do amor e da mente?

Interrogante:*Creio que sim.*

Krishnamurti: Deveras o sabeis? Se há comunhão com aquelas duas coisas, então, não há mais nada que dizer. Se há comunhão com aquelas duas coisas, então, todas as ações virão delas.

Interrogante:*O que me perturba é que ainda continuo a pensar que existe uma certa coisa que precisa ser descoberta, a qual porá todas as outras nos devidos lugares, na devida ordem.*

Krishnamurti: Sem aquelas duas coisas, não há possibilidade de se ir mais longe. E pode não haver necessidade de ir a parte alguma!

Interrogante:*Posso "estar em comunhão" a todas as horas? Vejo que, quando estamos juntos, de alguma maneira estou "em comunhão". Mas posso manter essa comunhão?*

Krishnamurti: O desejo de mantê-la é barulho e, portanto, é perdê-la.[ÍNDICE]

14. ORGANIZAÇÃO

Interrogante:*Já pertenci a várias organizações -religiosas, comerciais, políticas. É claro que necessitamos de alguma espécie de organização; sem organização, a vida não poderia continuar e, por isso, tenho estado a pensar, depois de ouvir vossas palestras, sobre a relação que pode haver entre liberdade e organização. Onde começa a liberdade e acaba a organização? Qual a relação entre as organizações religiosas e Moksha ou libertação?*

Krishnamurti: Como os entes humanos vivem numa sociedade muito complexa, as organizações são necessárias às comunicações, viagens, produção de alimento, roupas e morada - a todas as atividades atinentes à vida em comum, nas cidades ou nos campos. Tudo isso precisa estar eficiente e humanitariamente organizado - não para benefício de uns poucos, mas de todo o mundo, sem as divisões de nacionalidades, raças e classes. Esta Terra é de nós todos, e não vossa ou minha. Para vivermos felizes, fisicamente, há necessidade de organizações sãs, racionais e eficientes. Ora, existe desordem porque há divisão. Milhões padecem fome, quando há tanta fartura. Há guerras, conflitos, e toda espécie de brutalidade. E há a organização da crença - a organização das religiões, causadora da desunião e da guerra. A moralidade que o homem até agora tem cultivado conduziu a esta desordem e caos. Eis o real estado do mundo. E, perguntando qual a relação entre organização e liberdade, não estais separando a liberdade da existência diária? Quando a separais dessa maneira, como coisa inteiramente diferente da vida, isso, em si, não é conflito e desordem? A questão, portanto, é realmente esta: E possível viver e organizar a vida na base desta liberdade, nesta liberdade?

Interrogante:*Então, não haveria problema nenhum. Mas a organização da vida não é feita pelo próprio indivíduo; outros a fazem para ele: o governo e outros indivíduos o mandam para a guerra ou determinam suas ocupações. Assim, não podeis simplesmente organizar as coisas para vós mesmo, com base na liberdade. O ponto essencial de minha pergunta é que a organização que*

nos é imposta pelo governo, pela sociedade, pela moralidade, não é liberdade. E se a rejeitarmos nos veremos envolvidos numa revolução, numa dada reforma sociológica - que é uma maneira de recomeçar o mesmo e velho ciclo. Nascemos numa organização que nos restringe a liberdade, interior e exteriormente. Ou nos submetemos ou nos revoltamos. Estamos presos nesta armadilha. Por conseguinte, parece que a questão não é de organizar alguma coisa com base na liberdade.

Krishnamurti: Não reconhecemos que nós criamos a sociedade, esta desordem, estas muralhas; cada um de nós é responsável por tudo isso. O que somos, a sociedade é. A sociedade não difere de nós. Se vivemos em conflito, se somos avaros, invejosos, medrosos, criamos uma sociedade de igual espécie.

Interrogante:*Há diferença entre o indivíduo e a sociedade. Eu sou vegetariano; a sociedade mata animais. Eu não quero ir para a guerra; a sociedade me forçará a ir. Podeis dizer que essa guerra é obra minha?*

Krishnamurti: Sim, senhor, por ela sois responsável. Vós a criastes com vossa nacionalidade, vossa avidez, inveja e ódio. Continuareis responsável pela guerra, enquanto abrigardes tais coisas em vosso coração, enquanto pertencerdes a alguma nacionalidade, credo ou raça. Só os que estão livres delas podem dizer que não criaram esta sociedade. Cabe-nos, pois, o dever de nos transformar e ajudar outros a se transformarem, sem violência nem derramamento de sangue.

Interrogante:*Isso significa religião organizada.*

Krishnamurti: De modo nenhum. A religião organizada baseia-se na crença e na autoridade.

Interrogante:*Aonde nos leva isso, com respeito a nossa pergunta original acerca da relação entre liberdade e organização? A organização é sempre imposta pelo ambiente ou dele herdada, e a liberdade vem sempre do interior; são duas coisas incompatíveis.*

Krishnamurti: De onde partir? Tendes de partir da liberdade. Onde há liberdade, há amor. Essa liberdade e amor vos mostrará quando convém cooperar e quando não convém cooperar. Isso não é um ato de escolha, porque a escolha se origina da confusão. O amor e a liberdade é inteligência. Portanto, o que nos interessa não é a divisão entre organização e liberdade, porém se podemos viver neste mundo sem divisão de espécie alguma. E a divisão, e não a organização, que nega a liberdade e o amor. Quando a organização divide, leva à guerra. A crença, em qualquer forma, os ideais, por mais nobres e promissores que pareçam, causam divisão. A religião organizada é a causa da divisão, , exatamente como as nacionalidades e os blocos de potências. Assim, prestai atenção a essas coisas que separam, que criam divisão entre os homens, quer como indivíduos, quer como coletividades. A família, a Igreja, o Estado, são os criadores dessa divisão. O importante é o movimento do pensamento, que divide. O próprio pensamento é sempre divisor, e, assim, toda ação baseada numa idéia ou ideologia é divisão. O pensamento cultiva o preconceito, a opinião, o juízo. Vendo-se em si mesmo dividido, busca o homem livrar-se dessa divisão. Não o conseguindo, espera ele integrar os diversos fragmentos, o que naturalmente é impossível. Não é possível "integrar" dois preconceitos. Viver neste mundo em liberdade significa viver com amor, evitando toda forma de divisão. Havendo liberdade e amor, essa inteligência cooperará e saberá, também, quando não convém cooperar.[ÍNDICE]

15. AMOR E SEXO

Interrogante:*Sou casado, com vários filhos. Vivi um tanto dissipadamente, em busca do prazer, mas também de maneira relativamente civilizada, e fui bem sucedido, financeiramente. Mas agora, já na meia idade, sinto-me preocupado, não só em relação a minha família, mas também em relação à maneira como as coisas estão indo no mundo. Não sou dado a brutalidades ou sentimentos violentos, e sempre considerei o perdão e a compaixão as coisas mais importantes da vida. Sem elas, o homem se torna sub-humano. Assim, se o permitis, desejo perguntar-vos o que é o amor. Existe realmente essa coisa? A compaixão deve fazer parte dele, mas sempre senti que o amor deve ser uma coisa muito mais vasta, e se pudéssemos explorá-lo juntos, talvez eu pudesse tornar minha vida mais digna de ser vivida, antes de ser tarde demais. Vim, na verdade, com o fim de perguntar-vos: Que é o amor?*

Krishnamurti: Antes de entrarmos nesta matéria, deve ficar-nos bem claro que a palavra não é a coisa, a descrição não é a coisa descrita, porque não há explicação, por mais extensa, por mais sutil e hábil que seja, que possa abrir o coração à imensidade do amor. Isso precisa ser compreendido, para não nos atermos apenas às palavras; as palavras são úteis para a comunicação, mas, ao falarmos sobre uma coisa que é essencialmente "não verbal", devemos estabelecer entre nós um estado de comunhão, de modo que ambos sintamos e percebamos a mesma coisa ao mesmo tempo, com a plenitude da mente e do coração. De contrário, estaremos apenas brincando com palavras. Como considerarmos essa coisa realmente tão sutil que não pode ser alcançada pela mente? Temos de caminhar com certa cautela. Não devemos, primeiramente, ver o que ela não é? - pois assim talvez tenhamos a possibilidade de ver o que ela é. Pela negação pode-se chegar ao positivo, mas, se tratamos meramente de perseguir o positivo, seremos levados a suposições e conclusões, que são fatores de divisão. Estais perguntando o que é o amor. Estamos dizendo que poderemos encontrá-lo quando soubermos o que ele não é. Qualquer coisa produtiva de divisão, separação, não é amor, porque na divisão há conflito, luta e brutalidade.

Interrogante:*Que quereis dizer com isto: divisão e separação que causam luta?*

Krishnamurti: O pensamento, por sua própria natureza, é divisório. É o pensamento que busca o prazer e o conserva. Ê.O pensamento que cultiva o desejo.

Interrogante:*Podeis dizer mais alguma coisa sobre o desejo?*

Krishnamurti: Vemos uma casa, temos a sensação de que é bela, e vem então o desejo de possuí-Ia e dela fruir prazer; então, nos esforçamos por adquiri-la. Tudo isso constitui o centro, e esse centro :é a causa da divisão. Esse centro é o sentimento da existência de um "eu", portanto a causa da divisão,

porque esse mesmo sentimento do "eu é o sentimento de separação. Ele tem sido chamado "ego" e por outros nomes de toda espécie - "eu inferior", em oposição à idéia de um "eu superior Mas, não há necessidade de complicações a esse respeito, pois se trata de uma coisa muito simples. Onde há o centro, que é o sentimento do "eu", o qual, com suas atividades se isola a si próprio, há divisão e resistência. E tudo isso é processo do pensamento. Assim, quando perguntais o que é o amor, deveis saber que ele não faz parte desse centro. O amor não é prazer e dor, não é ódio, nem violência em qualquer forma.

Interrogante:*Portanto, nesse amor a que vos referis não pode haver sexo, já que não pode haver desejo.*

Krishnamurti: Por favor, não tireis nenhuma conclusão. Nós estamos investigando, explorando. Qualquer conclusão ou suposição impede o aprofundar da investigação. Para responder a essa pergunta, temos também de considerar a energia do pensamento. O pensamento, como dissemos, sustenta o prazer, pensando naquilo que proporcionou prazer, cultivando a imagem, a representação dessa coisa. O pensamento engendra o prazer. O pensar no ato sexual gera a luxúria, coisa muito diferente do ato sexual. O que interessa à maioria das pessoas é a paixão da luxúria. O desejar, antes e depois do ato sexual, é luxúria. Esse ansiar é pensamento. Pensamento não é amor.

Interrogante:*Pode haver ato sexual se não houver esse desejo nutrido pelo pensamento?*

Krishnamurti: Isso tendes de descobrir por vós mesmo. O sexo tem um papel importantíssimo em nossa vida, por ser, talvez, a única experiência profunda e direta que temos. Intelectual e emocionalmente, ajustamo-nos, imitamos, seguimos, obedecemos. Há dor e atrito em todas as nossas relações, exceto no ato sexual. Sendo esse ato tão diferente e tão belo, torna-se uma paixão e, por conseguinte, uma nova servidão. Essa servidão é a imperiosa necessidade que temos de sua continuação; mais uma vez, a ação do centro divisor. Vemo-nos de tal maneira cercados de restrições - intelectualmente, na família, na comunidade, pela moralidade social, pelas sanções religiosas - que só nos resta esta única relação em que há liberdade e intensidade. Daí o lhe darmos tão extraordinária importância. Mas, se houvesse liberdade em todos os sentidos, o sexo não seria aquela paixão nem o imenso problema que é hoje. Tornamo-lo um problema porque não podemos saciar-nos dele,, ou porque nos sentimos "culpados" se nos saciamos, ou porque, saciando-nos, infringimos as regras estabelecidas pela sociedade. E a sociedade velha que chama a sociedade nova "licenciosa", porque na nova sociedade o sexo faz parte da vida. Libertando-se a mente da servidão da imitação, da autoridade, do ajustamento e das prescrições religiosas, o sexo terá seu justo lugar e não será uma paixão insaciável. Daí se vê que a liberdade é essencial ao amor - não a liberdade da revolta, a liberdade de fazermos o que nos apraz ou de cedermos, aberta ou secretamente, aos nossos desejos, porém a liberdade que vem com a compreensão integral da estrutura e natureza do centro. A liberdade é então amor.

Interrogante:*Essa liberdade não é licenciosidade?*

Krishnamurti: Não. Licenciosidade é servidão. Amor não é ódio, nem ciúme, nem ambição, nem espírito de competição com o concomitante medo ao fracasso. Não é "amor divino" nem "amor humano - que significa também divisão. O amor não é de um só ou da multidão. Havendo amor, ele é pessoal e impessoal, com e sem objeto. Ele é como o perfume de uma flor, que pode ser aspirado por um só ou

por todos. O que tem verdadeira importância é o perfume, e não a quem ele pertence.

Interrogante:*Onde entra, nisso, o perdão?*

Krishnamurti: Quando há amor, não pode haver perdão. O perdão só vem depois de termos acumulado rancor; perdoar é ressentimento. Onde não há ferida, não há necessidade de cura. É a desatenção que gera o ressentimento e o ódio e, ao tornar-nos cônscios deles, perdoamos; o perdoar fomenta a divisão. Se tendes consciência de que estais perdoando, estais pecando; se estais cônscio de que sois tolerante, sois intolerante. Quando estais cônscio de que vos achais em- silêncio, não há silêncio. Quando deliberadamente vos propondes amar, sois violento. Enquanto houver um observador a dizer "eu sou" ou "eu não sou", o amor não pode existir.

Interrogante:*Que lugar cabe ao medo, no amor?*

Krishnamurti: Como podeis fazer tal pergunta? Onde existe um, o outro não existe. Quando existe amor, podeis fazer o que quiserdes.[ÍNDICE]

16. PERCEPÇÃO

Interrogante:*Empregais diferentes palavras para designar a percepção. Dizeis às vezes "percepção", mas também "observar", "ver",. "compreender", "estar cônscio de". Suponho que dais a todas estas palavras a mesma significação: ver claramente, completamente, totalmente. Pode-se ver uma coisa totalmente? Não me refiro às coisas físicas ou técnicas, mas, psicologicamente, pode-se perceber ou compreender uma coisa totalmente? Não fica sempre alguma coisa escondida, de modo que só vemos parcialmente? Grato vos seria se examinásseis esta matéria um tanto extensamente. Esta questão me parece importante porque talvez nos abra uma porta que poderá revelar-nos muitas coisas da vida. Se eu pudesse compreender-me totalmente, talvez ficassem resolvidos todos os meus problemas e eu me tornasse um ente humano superior e feliz. Quando falo a esse respeito, fico bastante entusiasmado ante a possibilidade de ultrapassar o meu pequeno mundo, com seus problemas e agonias. Assim, que entendeis por "perceber", "ver"? Pode uma pessoa ver a si própria completamente?*

Krishnamurti: Sempre olhamos as coisas parcialmente. Isso, em primeiro lugar, porque somos desatentos e, em segundo lugar, porque olhamos as coisas com preconceitos, com imagens verbais e psicológicas daquilo que vemos. Por isso, nunca vemos coisa alguma completamente. Mesmo observar a natureza objetivamente é difícil. Olhar uma flor sem imagem alguma, sem nenhum conhecimento de botânica - observá-la simplesmente - é bem difícil, porque nossa mente está a vaguear, desinteressada. E, mesmo quando interessada, ela olha a flor com certas apreciações e descrições verbais que parecem

dar ao observador a impressão de que realmente a olhou. Olhar deliberadamente não é olhar. Assim, nunca olhamos realmente a flor. Olhamo-la através da imagem. Talvez seja relativamente fácil olharmos uma coisa que não nos toca profundamente, como, por exemplo, quando assistimos a um filme que momentaneamente nos agita as emoções, e logo o esquecemos. Mas o observarmos a nós mesmos sem a imagem - que é o passado, que é experiência e conhecimentos acumulados - é uma coisa que muito raramente acontece. Temos uma imagem acerca de nós mesmos. Pensamos que devíamos ser isto e não aquilo. Formamos uma idéia prévia de nós mesmos e através dela nos olhamos. Pensamos que somos nobres ou ignóbeis, e o vermos o que realmente somos nos deprime ou assusta. Não podemos, pois, olhar a nós mesmos; e quando o fazemos, essa observação é parcial, e o que é parcial ou incompleto não traz compreensão. Só quando somos capazes de olhar-nos totalmente, existe a possibilidade de nos livrarmos daquilo que observamos. Nossa percepção não se verifica apenas com os olhos, com os sentidos, mas também com a mente, e, é óbvio, nossa mente está sobremodo condicionada. Por conseguinte, a percepção intelectual é apenas percepção parcial e, todavia, o perceber com o intelecto parece satisfazer à maioria de nós, e pensamos compreender. Uma compreensão fragmentária é a coisa mais perigosa e destrutiva que há. É isso, exatamente, o que está sucedendo no mundo inteiro. O político, o sacerdote, o homem de negócios, o técnico, o próprio artista - todos só vêem parcialmente. Por conseguinte, são eles realmente indivíduos sobremodo destrutivos. Como representam um papel muito importante no mundo, o seu percebimento parcial se torna a norma e nesta armadilha fica o homem aprisionado. Cada um de nós é, ao mesmo tempo, o sacerdote, o político, o negociante, o artista, e muitas outras entidades fragmentárias. E cada um de nós é também o campo de batalha de todas essas opiniões e julgamentos antagônicos.

Interrogante:*Vejo-o claramente. Estamos empregando a palavra "vejo" intelectualmente, é inegável.*

Krishnamurti: Se vedes isso totalmente, e não intelectual, verbal ou emocionalmente, então agireis e vivereis uma vida inteiramente diferente. Quando se vos depara um perigoso precipício ou um animal feroz, não há compreensão parcial ou ação parcial: há ação completa.

Interrogante:*Mas não temos de enfrentar crises tão perigosas a cada momento de nossa vida.*

Krishnamurti: Estamos a todas as horas em presença dessas crises perigosas. Vós vos acostumastes com elas ou a elas vos tornastes indiferente, ou passais a outros o encargo de resolver os vossos problemas; e esses outros são igualmente cegos e condicionados.

Interrogante:*Mas, como posso estar cônscio dessas crises a todas as horas, e porque dizeis que há crise a cada hora?*

Krishnamurti: A totalidade da vida está em cada momento. Cada momento é um desafio, e reagir inadequadamente a esse desafio é uma crise no viver. Não queremos ver que esses desafios são crises, e fechamos os olhos para evitá-los. De modo que nos tornamos mais cegos e a crise maior ainda.

Interrogante:*Mas, como posso perceber totalmente? Começo a compreender que só posso ver parcialmente, e começo também a compreender a importância de observar a mim mesmo e ao*

mundo com percebimento completo, mas tanta coisa se passa dentro de mim que é difícil decidir para qual delas olhar. Minha mente é como uma grande jaula cheia de macacos irrequietos.

Krishnamurti: Se virdes totalmente um só movimento, nessa totalidade estarão contidos todos os outros movimentos. Se compreenderdes completamente um só problema, compreendereis todos os problemas humanos, porque todos estão relacionados entre si. A questão, pois, é esta: Podemos compreender, ou perceber, ou ver um problema tão completamente que com a própria compreensão dele tenhamos compreendido todos os outros? Esse problema deve ser visto no momento em que se apresenta, e não antes ou depois, como memória ou como exemplo. De nada serve, digamos, examinarmos agora a cólera ou o medo; o certo é observá-los quando surgem. A percepção é instantânea: ou compreendeis uma coisa de imediato, ou não a compreendeis absolutamente. O ver, o ouvir, o compreender, são instantâneos; o escutar e o olhar têm duração.

Interrogante:*Meu problema tem continuidade, perdura num espaço de tempo. Dizeis que o ver é instantâneo e, por conseguinte, fora do tempo. Que é que dá ao ciúme, ou outro hábito ou problema, duração?*

Krishnamurti: Não têm todos eles continuidade porque não os olhastes com sensibilidade, percebimento sem escolha, inteligência? Vós os olhastes parcialmente e, portanto, os deixastes durar. E, além disso, o quererdes livrar-vos deles é outro problema, com duração. A incapacidade de enfrentar uma certa coisa faz dela um problema, com duração, insufla-lhe vida.

Interrogante:*Mas, como posso vê-lo, em sua totalidade, num instante? Como compreendê-lo de maneira que ele nunca mais volte?*

Krishnamurti: A que estais dando mais importância, ao "nunca mais" ou à compreensão? Se o que tem importância é o "nunca mais", isso significa que desejais fugir dele permanentemente, criando-se, assim, mais um problema. Temos, portanto, de perguntar só uma coisa: Como ver o problema de maneira tão completa - que dele . fiquemos ' livres? A percepção só se torna possível no silêncio, e não numa mente cheia de barulho. Esse barulho pode ser o desejo de nos livrarmos do problema, de vencê-lo, de fugir-lhe, de reprimi-lo, ou de achar para ele um substituto. Só a mente silenciosa pode ver.

Interrogante:*Como posso ter uma mente silenciosa?*

Krishnamurti: Não estais percebendo a verdade de que só a mente silenciosa pode ver. Não há questão de como conseguir uma mente silenciosa. A verdade é que a mente deve estar em silêncio, e o ver essa verdade liberta a mente do barulho. A percepção, que é inteligência, está então em ação - e não a idéia de que deveis estar em silêncio, para ver. A idéia pode também atuar, mas sua ação é parcial, fragmentária. Não há possibilidade de relação entre o parcial e o total; a parte não pode tomar-se o todo. Por conseguinte, ver é da maior importância. Ver é atenção, e só a desatenção pode criar problemas.

Interrogante:*Como posso estar atento a todas as horas? Isto é impossível.*

Krishnamurti: Tendes toda a razão, é impossível. Mas, o estar cônscio de vossa desatenção é da máxima importância, e não "como estar atento a todas as horas". É a avidez que faz esta pergunta: "Como estar atento a todas as horas"? A pessoa se absorve toda no exercitar-se para estar atento. O exercitar-se para se tornar atento é desatenção. Não podeis exercitar-vos para terdes beleza, ou amor. Quando cessa o ódio, nasce o amor. O ódio só pode cessar quando lhe prestais toda a atenção, quando estais aprendendo,,e não acumulando conhecimentos a seu respeito. Começai com toda a simplicidade.

Interrogante:*Qual a utilidade de vossas palestras, se, após ouvir-vos, não há nada para praticarmos?*

Krishnamurti: O ouvir, e não o exercício que ulteriormente praticais, é que é da máxima importância. O ouvir é ação instantânea. O exercitar-se é desatenção total. Não o façais nunca: só cometereis erros. O aprender é sempre novo.[ÍNDICE]

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

17. SOFRIMENTO

Interrogante:*Já sofri muito, na vida, não fisicamente, mas por motivo de morte, da solidão, e da total inutilidade de minha existência. Tive um filho a quem amava extremadamente. Morreu num acidente. Minha esposa abandonou-me, causando-me com isso uma grande dor. Creio que sou como milhares de outras pessoas da classe média, possuidoras de dinheiro suficiente e um emprego fixo. Não me estou queixando das circunstâncias, mas desejo compreender o significado do sofrimento,, sua razão de ser. Diz-se que o sofrimento traz sabedoria, mas tenho notado exatamente o contrário disso.*

Krishnamurti: Eu gostaria de saber o que aprendestes do sofrimento. Aprendestes alguma coisa? O que vos ensinou ele?

Interrogante:*Ensinou-me, decerto, a não me apegar a pessoas, um certo azedume, a me manter a certa distância, e a não me deixar arrebatar pelos meus sentimentos. Ensinou-me a ter muita cautela, para não me deixar ferir de novo.*

Krishnamurti: Assim, como dizeis, ele não vos ensinou sabedoria; pelo contrário, fez-vos mais solerte, mais insensível. Pode o sofrimento ensinar alguma coisa, exceto as óbvias reações de autoproteção?

Interrogante:*Sempre aceitei o sofrimento como parte de minha vida, mas, por alguma razão,*

sinto agora que gostaria de livrar-me dele, desse vulgar azedume e indiferença, sem tornar a passar pelas dores do apego. Minha vida é tão sem: sentido e tão vazia, totalmente egocêntrica e insignificante. Uma vida de mediocridade, e essa mediocridade talvez seja a maior das tristezas.

Krishnamurti: Há a dor pessoal e a dor do mundo, a "dor da ignorância" e "a dor do tempo". Ignorância é falta de autoconhecimento, e a "dor do tempo" é a ilusão de que o tempo pode curar e transformar. A maioria das pessoas estão na rede dessa ilusão e, ou rendem culto ao sofrimento, ou dão explicações para ele. Mas, tanto num como noutro caso, ele continua a existir, e uma pessoa nunca pergunta a si própria se ele pode terminar.

Interrogante:*Mas eu estou perguntando agora se ele pode terminar, e como? Como posso pôr-lhe fim? Sei que nada adianta fugir dele ou a ele resistir com azedume ou indiferença. Que posso fazer para pôr fim à aflição que há tanto tempo venho suportando?*

Krishnamurti: A autocompaixão é um dos elementos do sofrimento. Outro elemento é estar apegado a alguém , e estimular ou nutrir nessa pessoa apego a vós. O sofrimento não vem apenas quando o apego nos trai, mas sua semente já se encontra bem no início do apego. Em tudo isso, o mal é a total falta de autoconhecimento. Conhecer a si próprio é pôr fim ao sofrimento.. Temos medo de nos conhecermos porque nos dividimos ' em fragmentos bons e maus, ignóbeis e nobres, puros e impuros. O - "bom" está sempre a julgar .o "mau", e esses fragmentos vivem em guerra uns com os outros. Essa guerra é o sofrimento. Pôr fim ao sofrimento é ver o fato, e não inventar o seu oposto, já que os opostos se contêm mutuamente. Percorrer essa galeria de opostos é sofrimento. Essa fragmentação da vida em "alto" e "baixo", "nobre" e "ignóbil", "Deus" e "Demônio", gera conflito e dor. Quando há sofrimento, não há amor. O amor e o sofrimento são incompatíveis.

Interrogante:*Ah! mas o amor pode infligir sofrimento a outrem. Posso amar uma pessoa e, ao mesmo tempo, causar-lhe dor.*

Krishnamurti: Se amais, sois vós que a causais ou é ela própria? Se outra pessoa vos tem apego, estimulado ou não por vós, e vós a abandonais e ela sofre, fostes vós ou foi ela própria que criou esse sofrimento?

Interrogante:*Quereis dizer que eu não sou responsável pelo sofrimento de outrem, mesmo quando seja por minha causa? Como é, então, que termina o sofrimento?*

Krishnamurti: Como dissemos, só quando nos conhecemos completamente, termina o sofrimento. Podeis conhecer-vos, num relance de olhos, ou esperais conhecer-vos após uma longa análise? Pela. análise, não vos conhecereis. Só vos conhecereis nas relações, sem acumulação, de momento em momento. Isso significa estar cônscio, sem nenhuma escolha, de tudo o que se está passando realmente. Significa verdes a- vós mesmo como sois, sem ó oposto - o ideal - sem conhecimento do que foi. Se vos olhais com os olhos do ressentimento ou do rancor, o que vedes recebe o colorido do passado. O despojar-vos continuamente do passado quando estais vendo a vós mesmo, é libertar-vos do passado. O sofrimento só termina quando há a luz da compreensão, e essa luz não é acendida por uma só experiência ou um só lampejo de compreensão; ela se acende a si própria a todas as horas. Ninguém

vo-la pode dar - nenhum livro, nenhum artifício, nenhum instrutor ou salvador. A compreensão de vós mesmo é o fim do sofrimento.[ÍNDICE]

18. O CORAÇÃO E A MENTE

Interrogante:*Por que razão dividiu o homem a sua existência em compartimentos diferentes - o intelecto e as emoções? Cada um desses compartimentos parece independente do outro. Na vida, essas duas forças motoras são muitas vezes tão contraditórias, que parecem dilacerar a própria estrutura de nosso ser. Harmonizá-las, de modo que o homem possa atuar como uma entidade total, foi sempre um dos principais alvos da vida. E, além dessas duas coisas, existentes no próprio homem, há uma terceira: o ambiente, em constante mutação. E, assim, as duas contradições no homem existentes ficam também em oposição à terceira, aparentemente exterior a ele. Diante desse problema tão confuso e contraditório, e tão vasto, o intelecto inventa uma força atuante externa, chamada Deus, para harmonizar as contradições. E o resultado é uma complicação maior ainda. Só há, na vida, este único problema.*

Krishnamurti: Pareceis deixar-vos arrebatar por vossas próprias palavras. Para vós, trata-se realmente de um problema, ou o estais inventando para termos uma interessante palestra? Se ele foi inventado para fins de discussão, não tem, então, conteúdo real. Mas, se é um problema real, podemos, então, examiná-lo a fundo. Esta é uma situação verdadeiramente complexa: o interior a dividir-se em compartimentos e, além disso, a separar-se do ambiente. E; mais ainda, a dividir o ambiente, a que chama "sociedade", em classes, raças e grupos econômicos, nacionais, geográficos. É isso, de fato, o que se observa no mundo; e chamamos isso "viver". Não tendo possibilidade de resolver este problema, inventamos uma superentidade, uma força atuante que, assim esperamos, criará a harmonia, a coesão, dentro em nós e entre nós. Esse fator de coesão, a que chamamos religião, cria, por sua vez, mais um fator de divisão. Por conseguinte, a questão se torna esta: o que poderá criar uma harmonia completa no viver, na qual não haja divisões, mas, sim, um estado em que o intelecto e o coração sejam, juntos, a expressão de uma entidade total? Essa entidade não é um fragmento.

Interrogante:*Concordo convosco, mas como realizar isso? É essa a harmonia a que o homem sempre aspirou e que sempre buscou em todas as religiões e todas as utopias políticas e sociais.*

Krishnamurti: Estais perguntando "como"? O "como" é o grande erro. É o fator segregador. Existe o meu "como", o vosso "como', e o "como" de outrem. Assim, se nunca empregássemos essa palavra, estaríamos investigando verdadeiramente e não a buscar um método para alcançarmos um determinado resultado. Podeis, pois, afastar de todo essa idéia de "receita" e de resultado? Se podeis definir um resultado, já o conheceis e, por conseguinte, ele é condicionado e não livre. Se jogarmos fora a "receita", seremos então capazes de investigar se há alguma possibilidade de estabelecer-se um todo harmônico, sem inventarmos nenhum agente exterior, porque todos os agentes exteriores, existentes no ambiente ou acima do ambiente, só servem para aumentar o problema.

Em primeiro lugar, é a mente que se divide em sentimento, intelecto e ambiente; é a mente que inventa o agente exterior; é a mente que cria o problema.

Interrogante:*Essa divisão não se encontra apenas na mente. Ela é mais forte ainda nos sentimentos. Os muçulmanos e os hinduístas não se crêem separados: sentem-se separados - e é esse sentimento que, com efeito, os separa e os faz destruir-se uns aos outros.*

Krishnamurti: Exatamente: o pensar e o sentir são uma só coisa; sempre, desde o começo, foram uma só coisa, e é isso, precisamente, o que estou dizendo. Nosso problema, por conseguinte, não é a integração dos diferentes fragmentos, mas, sim, a compreensão desta mente e deste coração que são uma só coisa. Nosso problema não é de como acabarmos, com as classes, ou como construir melhores utopias, ou formar melhores líderes políticos ou novos instrutores religiosos. Nosso problema é a mente. Chegar a este ponto, não teoricamente, porém vê-lo realmente, é a mais elevada forma de inteligência. Porque, então, não pertenceis a nenhuma classe ou grupo religioso; não sois então muçulmano, hinduísta, judeu ou cristão. Temos, portanto, agora, só um problema: Porque a mente divide? Ela não só divide suas próprias funções em sentimentos e pensamentos, mas também separa a si própria, como "eu", do "vós", e separa o "nós" do "eles". A mente e o coração são uma, só unidade. Não o esqueçamos. Lembrai-vos disso, sempre que eu usar a palavra "mente". Nosso problema é: Porque a mente divide?

Interrogante:*Sim, é este.*

Krishnamurti: A mente é pensamento. Toda a atividade do pensamento é de separação, fragmentação. O pensamento é reação da memória, que é o cérebro.. O cérebro. tem de "reagir" quando percebe um perigo. Isso é inteligência; mas esse mesmo cérebro foi, de alguma maneira, condicionado para não perceber o perigo- da divisão. Suas ações são válidas e necessárias no domínio dos fatos. Do mesmo modo, ele atuará quando perceber o fato de que a divisão e a fragmentação lhe são perigosas. Isto não é uma idéia, ideologia, princípio ou conceito - coisas absurdas e "separativas": é um fato. Para ver o perigo, o cérebro deve estar muito desperto e vigilante - todo ele, e não apenas um segmento dele.

Interrogante:*Como manter desperto o cérebro inteiro?*

Krishnamurti: Já dissemos que não há "como", porém, tão-só, ver o perigo; é este o ponto que se precisa compreender. O ver não é um resultado de condicionamento ou de propaganda; o ver se verifica com o cérebro inteiro. Quando o cérebro está .completamente desperto, a mente se torna silenciosa. Se o cérebro está completamente desperto, não há fragmentação, nem separação, nem dualidade. A natureza desse silêncio é sobremodo importante. Pode-se silenciar a mente por meio de drogas e artifícios de toda espécie, mas tais artifícios geram várias outras formas de ilusão e de contradição. Esse silêncio é a mais alta forma da inteligência, que não é . pessoal, nem impessoal, nem vossa, nem minha. Anônimo, é ele integral, imaculado. Não, pode ser descrito porque não tem nenhuma qualidade. Ele, é. percebimento, ele é atenção, ele é amor, ele é. o Supremo. O cérebro deve estar de todo desperto; só isso. Assim como um homem perdido na floresta deve conservar-se alertado a fim de sobreviver, assim também o homem que se vê perdido na floresta do mundo deve manter-se sumamente vigilante, para

viver completamente.[ÍNDICE]

19. A BELEZA E O ARTISTA

Interrogante:*Eu quisera saber o que é um artista. Lá, nas margens do Ganges, um homem, sentado em pequeno e obscuro aposento, tece belíssimos saris de seda e ouro; em Paris, um pintor em seu atelier pinta um quadro que ele espera o tornará famoso; algures, um escritor ilustra, em engenhosas narrativas, o velho e revelho problema do homem e da mulher; e um cientista pesquisa em seu laboratório, e um técnico monta milhares de peças para um foguete que irá à Lua; e, na Índia, um músico vive com grande austeridade, a fim de transmitir fielmente a refinada beleza de sua música; e a dona de casa prepara uma refeição, e o poeta erra solitário pela floresta. Não são artistas, todos esses, cada um à sua maneira? No meu sentir, a beleza está nas mãos de todos, mas nem todos a conhecem. O homem que fabrica belas vestes ou excelentes calçados, a mulher que dispõe aquelas flores sobre a nossa mesa - todos parecem trabalhar com beleza. Muitas vezes fico a pensar por que razão o pintor, o escultor, o compositor, o escritor - os chamados artistas criadores - têm tanta importância no mundo, ao passo que o sapateiro e o cozinheiro são sem importância. Não são estes também criadores? Se prestamos atenção a todas as variedades de expressão consideradas belas, somos levados a perguntar que lugar cabe, na vida, ao verdadeiro artista, e quem é o verdadeiro artista. Diz-se que a beleza é a essência mesma da vida. Aquele edifício que ali vemos, considerado tão belo, é uma expressão dessa essência? Eu muito estimaria que examinásseis esta questão da beleza e do artista.*

Krishnamurti: O artista, por certo, é aquele que atua com aptidão. A ação está na vida, e não fora dela. Por conseguinte, a aptidão, no viver, é o que realmente faz de um homem um artista. A aptidão pode estar em exercício apenas durante algumas horas do dia, enquanto um homem está tocando um instrumento, escrevendo poesias ou pintando quadros, ou por mais algum tempo, se ele é proficiente em vários desses fragmentos, como aqueles grandes homens da Renascença que cultivavam vários meios de expressão. Mas, as poucas horas de música ou de literatura podem estar em contradição com o resto de sua vida, que bem provavelmente se acha em desordem e confusão. Esse homem é, de fato, um artista? O homem que toca violino com arte, mas com os olhos na fama, não tem interesse em seu violino, que ele está apenas a explorar, a fim de se tomar famoso, sendo o "eu" muito mais importante do que a música. O mesmo se pode dizer do escritor ou do pintor ambicioso de fama. O músico identifica o seu "eu" com o que ele considera ser a bela música, e o homem religioso identifica o seu "eu" com o que ele considera ser o Sublime. Todos esses são muito aptos, em seus respectivos e limitados campos, mas o resto do imenso campo da vida é por eles desprezado. Averigüemos, pois, o que é atuar com aptidão, viver com aptidão - não só quando se está pintando ou escrevendo ou exercendo uma técnica, mas, como pode um homem viver o todo da vida com aptidão e beleza. Aptidão e beleza são a mesma coisa? Pode um ente humano, artista ou não, viver o todo de sua vida com aptidão e beleza? Viver é ação, mas quando essa ação gera sofrimento, deixa de ser aptidão. Assim, pode um homem viver sem sofrimento, sem atrito, sem ciúme e avidez, sem conflito de espécie alguma? A questão não é de saber quem é artista e quem não é, porém, sim, se um ente humano - vós ou outro - pode viver sem torturas e deformações. Decerto, é irreverência desfazer ou zombar da boa música, da boa escultura, da boa poesia ou dança;

isso é ser inepto, no próprio viver. Mas, a capacidade artística e a beleza, ou seja a aptidão, deve estar em exercício a todas as horas e não apenas durante umas poucas horas do dia. Este é que é o verdadeiro desafio; não é questão de se saber tocar piano com mestria. Se vos interessa o piano, deveis tocá-lo com mestria, mas isso não basta. É o mesmo que cultivar apenas um cantinho de um campo imenso. O que nos interessa é o campo inteiro, e esse campo é a vida. O que estamos sempre fazendo é descuidar-nos do campo inteiro, concentrando-nos em fragmentos, nossos ou de outros. Viver com arte é estar sempre totalmente desperto e, por conseguinte, atuando com aptidão, no campo inteiro da vida; isso é beleza.

Interrogante:*E o operário fabril ou o, empregado de escritório? Nenhum desses é artista? Seu trabalho não lhes veda a aptidão para atuar no campo inteiro, e de tal maneira os asfixia que eles não têm aptidão para nada mais? Não estão eles condicionados pelo trabalho que fazem?*

Krishnamurti: Estão, naturalmente. Mas, se despertarem, ou abandonarão esse trabalho ou de tal maneira o transformarão, que ele se tornará arte. O importante não é o trabalho que se tem de fazer, mas o despertar para ele. O importante não é o condicionamento causado pelo trabalho, mas o despertar.

Interrogante:*"Despertar" - que quereis dizer com isso?*

Krishnamurti: É só por motivo das circunstâncias,. de desafios, de algum desastre ou alegria, que se pode estar desperto? Ou há um estado em que nos mantemos despertos, sem nenhuma causa? Se sois despertado por, alguma circunstância, alguma causa, ficais dependendo dela, e quando dependemos de uma coisa - uma droga, sexo, pintura ou música - estamos-nos deixando adormecer. Assim, toda dependência é o fim da aptidão, o fim da arte.

Interrogante:*Que é esse outro estado que nos mantém despertos sem nenhuma causa? Estais falando de um estado no qual não existe causa nem efeito. Pode haver algum estado mental que não seja o resultado de alguma causa? Não compreendo isso, porque, sem dúvida, tudo o que pensamos e tudo o que somos resulta de uma causa. Existe a cadeia sem fim da causa e efeito.*

Krishnamurti: Essa cadeia é sem fim porque o efeito se torna causa e esta causa produz outro efeito, etc. etc.

Interrogante:*Então, que ação existe fora dessa cadeia?*

Krishnamurti: Nós só conhecemos a ação que tem causa, que tem motivo, a ação que é um resultado. Toda ação está em relação. Se a relação se baseia em causa, ela é então sagaz adaptação e, por conseguinte, há de levar inevitavelmente a outra forma de embotamento. O amor é a única coisa que não tem causa, que é livre; ele é beleza, é aptidão, é arte. Sem amor, não há arte. Quando o artista atua com beleza, não há "eu"; há amor e beleza, portanto - arte. Arte é atuar com aptidão. Nesse atuar está ausente o "eu". Arte é ausência do "eu". Mas, se desprezais o campo inteiro da vida para vos concentrardes numa parte insignificante dele -por mais que o "eu" esteja ausente - estais ainda vivendo

sem aptidão e, por conseguinte, não sois um artista da vida. A ausência do "eu", no viver, é amor e beleza, e isso traz sua aptidão própria. Esta é a aptidão por excelência: viver no campo inteiro da vida.

Interrogante:*Meu Deus! como serei capaz disso? Eu o vejo e o sinto em meu coração, mas como manter essa aptidão?*

Krishnamurti: Não há nenhuma maneira de mantê-la; não há nenhuma maneira de nutri-la; não há nenhuma maneira de exercitá-la. Só há ver. O ver é a maior de todas as artes.[ÍNDICE]

20. DEPENDÊNCIA

Interrogante:*Eu gostaria de compreender a natureza da dependência. Vejo-me na dependência de tantas coisas - mulheres, diversões, bons vinhos, minha esposa e filhos, meus amigos, o que dizem os outros. Felizmente, já não dependo do "entretenimento" religioso, mas dependo dos livros que leio para me estimular e da boa conversação. Vejo que os jovens são também dependentes, talvez não tanto quanto eu, mas têm igualmente suas próprias formas de dependência. Estive no Oriente e lá vi como as pessoas dependem do guru e da família. Lá a tradição tem maior importância e raízes mais profundas do que aqui na Europa e, naturalmente, muito mais profundas ainda do que na América. Mas, parece que todos nós dependemos de alguma coisa, para nos amparar, não apenas fisicamente, porém, muito mais ainda, interiormente. Assim, eu desejava saber se há alguma possibilidade de nos livrarmos, realmente, da dependência, e se devemos livrar-nos dela.*

Krishnamurti: Suponho que o que vos interessa são os apegos psicológicos, interiores. Quanto mais apego, tanto maior a dependência. Não há só apego a pessoas, mas também a idéias e a coisas. Somos apegados a um certo ambiente, um certo país, etc. Daí se origina a dependência e, por conseguinte, a resistência.

Interrogante:*Porque "resistência"?*

Krishnamurti: O objeto de meu apego é meu domínio, territorial ou sexual. Esse domínio eu protejo, resistindo a qualquer espécie de intrusão por parte de outros. Limito, também, a liberdade da pessoa a quem estou apegado, e limito minha própria liberdade. Apego, portanto, é resistência. Tenho apego a alguma coisa ou a alguma pessoa. Esse apego é sentimento de posse; o sentimento de posse é resistência e, conseqüentemente, apego é resistência.

Interrogante:*Sim, percebo.*

Krishnamurti: Qualquer forma de invasão de meus domínios leva à violência, legal ou psicologicamente. Portanto, apego é violência, resistência, aprisionamento nosso e do objeto de nosso apego. Apego significa "Isto é meu, e não teu; não o toques!". Por conseguinte, essa relação é resistência a outros. O mundo inteiro está dividido em "meu" e "vosso"; minha opinião, meu julgamento, meu alvitre, meu Deus, minha pátria - uma infinidade de absurdos tais. Vendo-se tudo isso ocorrer em nossa vida diária, não abstratamente, porém realmente, é lícito perguntar porque existe esse apego a pessoas, coisas e idéias. Porque depende uma pessoa? Existir é estar em relação, e todas as relações estão nessa dependência, com sua violência, resistência e domínio. Eis o que fizemos do mundo. Quando há posse, há necessariamente domínio. Encontramo-nos com a beleza e nasce o amor; imediatamente ele se converte em apego, e começa a nossa aflição. O amor "fugiu-nos pela janela". Perguntamos, então: "Que foi feito de nosso grande amor?" É isso, com efeito, o que está acontecendo em nossa vida diária. E, assim, podemos agora perguntar: Porque é que o homem invariavelmente tem apego, não só ao que é belo, mas também a tudo quanto é ilusão e a tantas fantasias absurdas?

A liberdade não é um estado de não dependência; é um estado positivo em que não há dependência nenhuma. Mas, a liberdade não é um resultado, a liberdade não tem causa. Isso precisa ser compreendido bem claramente, antes de se poder examinar esta questão do porque o homem depende ou se deixa cair na armadilha do apego, com todas as suas aflições. Porque temos apego, tentamos cultivar um estado de independência - e isso é mais uma forma de resistência.

Interrogante:*Então, que é liberdade? Dizeis que ela.não é a negação ou cessação da dependência; dizeis que não é estar livre de alguma coisa, porém, simplesmente, liberdade. Que é ela, pois? Uma abstração ou uma realidade?*

Krishnamurti: Não é uma abstração. É um estado mental em que não existe nenhuma espécie de resistência. Ela não é como o rio que se acomoda às rochas que encontra em seu curso, contornando-as ou sobre elas passando. Nessa liberdade não há rochas, porém apenas o movimento da água.

Interrogante:*Mas a rocha do apego existe, neste rio da vida. Não se pode simplesmente falar de outro rio em que não existem rochas.*

Krishnamurti: Não estamos evitando a rocha ou dizendo que ela não existe. Temos, primeiramente, de compreender a liberdade. Ela não é o mesmo rio que aquele onde existem, rochas.

Interrogante:*Eu tenho ainda o meu rio, com suas rochas, e foi sobre ele que vim consultar-vos, e não sobre algum outro rio livre de rochas. Este não tem nenhuma utilidade para mim.*

Krishnamurti: Está certo. Mas, deveis saber o que é liberdade, para poderdes compreender as vossas rochas. Deixemos, porém, de parte este símile. Consideremos tanto a liberdade como o apego.

Interrogante:*O meu apego tem alguma coisa que ver com a liberdade, ou a liberdade com meu*

apego?

Krishnamurti: No vosso apego há dor. Quereis ficar livre dessa dor e tratais de cultivar o desapego, sendo isso mais. uma forma de resistência. No oposto não se encontra nenhuma liberdade. Estes dois opostos (o apego e o desapego) são idênticos e mutuamente se reforçam. O que vos interessa é saber como ter os prazeres do apego, sem as suas aflições. Isso não é possível. Eis porque importa compreender que liberdade não significa desapego. No processo da compreensão do apego, nasce a liberdade, e não na fuga do apego. Assim, nossa questão agora é esta: Porque são os entes humanos apegados, dependentes?

Vendo que somos "nada", que em nós mesmos somos um deserto, esperamos com a ajuda de outrem encontrar água Vendo-nos vazios, pobres, desgraçados, incompletos, sem nada de interessante ou de importante, esperamos, com a ajuda de outro, enriquecer-nos. Com a ajuda do amor de outrem, esperamos esquecer a nós mesmos. Com a ajuda da beleza de outrem, esperamos alcançar a beleza. Com a ajuda da' família, da nação, do amante, de alguma crença fantástica, esperamos cobrir de flores o deserto. E Deus é o supremo amante. Em todas essas coisas procuramos amparar-nos. Nisso há dor e incerteza, e o deserto se torna mais árido do que nunca. Naturalmente, ele não se torna nem mais árido nem menos árido; continua a ser o que sempre foi; nós é que o estivemos evitando, enquanto fugíamos para uma dada forma de apego, com suas dores, e destas dores fugindo para o desapego. Mas, continuamos áridos e vazios como dantes. Assim, em vez de tentarmos a fuga para o apego ou o desapego, não será melhor tornar-nos cônscios do fato, dessa profunda pobreza e insuficiência interior, desse sombrio e vazio isolamento? Essa é a única coisa importante, e não o apego ou o desapego. Podeis olhar o fato sem nenhuma idéia de condenação ou avaliação? Quando o fazeis, estais a olhá-lo como o observador a olhar a coisa observada, ou sem o observador?

Interrogante:*"O observador" - que quereis dizer com isso?*

Krishnamurti: Estais a olhá-lo de um centro, com todas as suas conclusões de agrado e desagrado, de opinião, juízo, desejo de vos libertardes desse vazio, etc. - estais a olhar a vossa aridez com os olhos da conclusão, ou a estais olhando com olhos completamente límpidos? Quando a olhais com olhos límpidos, não existe observador. E, se não existe observador, existe então a coisa que é observada como solidão, vazio, aflição?

Interrogante:*Quereis dizer que aquela árvore não existe, se a olho sem conclusões, sem um centro que é o observador?*

Krishnamurti: A árvore existe, naturalmente.

Interrogante:*Porque é que a solidão desaparece e a árvore não desaparece, quando a olho sem o observador?*

Krishnamurti: Porque a árvore não foi criada pelo centro, pela "mente do eu (the mind of the me). Com sua atividade egocêntrica, a mente do eu criou esse vazio, esse isolamento. Mas, quando aquela mente

em que não há centro olha, termina a atividade egocêntrica. Já não existe solidão. A mente funciona então em liberdade. Observando a estrutura do apego e do desapego, e o movimento da dor e do prazer, vemos como a mente do "eu" cria seu próprio deserto e suas próprias fugas. Quando a mente do "eu" está quieta, não há mais deserto, e não há fuga.[ÍNDICE]

21. A CRENÇA

Interrogante:*Sou dos que crêem deveras em Deus. Na Índia, segui um dos grandes santos modernos, o qual, por crer em Deus, realizou lá importantes reformas políticas. Na Índia, toda a nação palpita em uníssono com Deus. Como vos tenho ouvido falar contra a crença, provavelmente não credes em Deus. Mas, vós sois um homem religioso e, por conseguinte, deve haver em vós um certo sentimento do Supremo. Percorri toda a Índia e várias partes da Europa, visitando mosteiros, igrejas e mesquitas, e em toda a parte encontrei essa forte e invencível crença num Deus que molda a vida de cada um de nós. Pois bem; visto que não credes em Deus e, sendo um homem religioso, qual é vossa verdadeira posição perante esta questão? Porque não credes? Sois ateu? Como sabeis, no hinduísmo, uma pessoa pode ser ateísta ou deísta e, contudo, ser também hinduísta. Naturalmente, entre os cristãos a coisa é diferente: se não credes em Deus, não podeis ser cristão. Mas, isso não vem ao caso. O caso é que venho aqui com o fim de pedir-vos uma explicação de vossa posição e de sua validade. Tendes seguidores e, por conseguinte, responsabilidades e, assim, venho desafiar-vos por esta maneira.*

Krishnamurti: Em primeiro lugar, esclareçamos bem este último ponto. Eu não tenho seguidores, e não tenho responsabilidades perante vós ou as pessoas que ouvem minhas palestras. Não sou, tampouco, hinduísta ou qualquer outra coisa, porque não pertenço a nenhuns grupo, religioso ou não. Cada um deve ser a luz de si próprio. Por conseguinte, não deve haver mestre nem discípulo. Isso deve ficar claramente entendido, logo de início, porque, de outro modo, uma pessoa está sujeita a ser influenciada, a tornar-se escrava da propaganda e de persuasões. Por conseguinte, o que aqui se vai dizer não será dogma, nem credo, nem persuasão; ou vamos ao encontro um do outro com compreensão, ou sem ela. Ora, dissestes, pela maneira mais enfática, que credes em Deus e provavelmente, com essa crença, desejais experimentar isso que se poderia chamar a divindade. A crença implica muitas coisas. Há a crença em fatos que talvez nunca tenhamos visto, mas que podemos verificar, como, por exemplo, a existência de Nova Iorque ou da Torre Eiffel. Pode um homem também crer que sua esposa lhe é fiel, embora não o saiba realmente. Ela poderia ser-lhe infiel em pensamento e ele crer que ela é fiel porque não a vê andar com outro homem; ela pode estar a enganá-lo todos os dias, em pensamento, e ele com toda a certeza estará fazendo a mesma coisa. Credes na reencarnação, pois não? - embora não haja certeza nenhuma a esse respeito. Essa crença, todavia, não tem validade nenhuma em vossa vida, tem? Todos os cristãos crêem que devem amar, mas não amam; como os demais, vivem a matar os seus semelhantes, física ou psicologicamente. Há indivíduos que não crêem em Deus e, entretanto, fazem bem aos outros. Há os que crêem em Deus e matam os seus semelhantes por causa dessa crença; que preparam a guerra, alegando que desejam paz. Assim, temos de perguntar a nós mesmos que necessidade há de crermos em alguma coisa - embora isso não signifique negar o sublime mistério da vida. Mas, crença é uma coisa, e "o que é", outra coisa. Crença é uma palavra, um pensamento e,

portanto, não é a coisa real, assim como vosso nome não é realmente vós.

Esperais que a experiência possa ser a pedra de toque de vossa crença, possa Prová-la a vós mesmo, mas essa mesma crença condiciona a vossa experiência. Não é a experiência que acode para provar a crença, porém, antes, é a crença que gera a experiência. Vossa crença em Deus vos proporcionará a experiência da coisa que chamais "Deus". Só podeis experimentar aquilo que credes, e nada mais. E isso invalida a vossa experiência. Os cristãos poderão ver Virgens e anjos e o Cristo, e os hinduístas ver divindades semelhantes, em extravagante profusão. O mesmo se pode dizer do muçulmano, do budista, do judeu, e do comunista - são todos idênticos. A crença condiciona a própria prova de que ela necessita. O importante não é o que credes, porém o porque credes. Porque credes? E que influência pode ter em "o que é" o fato de crerdes nisto ou naquilo? Os fatos não podem ser influenciados por nenhuma crença ou descrença. Temos, pois, de perguntar a nós mesmos porque é que cremos em alguma coisa. Qual a base da crença? É o medo, é a incerteza da vida - o medo ao desconhecido, a falta de segurança neste mundo em perene mutação? É a insegurança das relações, ou será que, ante a imensidade da vida e nossa incapacidade de compreendê-la, nos fechamos no refúgio da crença? Assim, deixai-me perguntar-vos: Se não tivésseis medo nenhum, teríeis alguma crença?

Interrogante:*Não posso dizer com certeza que tenho medo, mas amo a Deus, e esse amor é que me faz crer n'Ele.*

Krishnamurti: Quereis dizer que sois isento de medo e, por conseguinte, sabeis o que é o amor?

Interrogante:*Substituí o medo pelo amor e, portanto, para mim o medo é inexistente; por conseguinte, minha crença não se baseia no medo.*

Krishnamurti: Pode-se substituir o medo pelo amor? Isso não é um ato do pensamento que, tendo medo, cobre o medo com a palavra "amor"? - mais uma crença, portanto. Cobristes o medo com uma palavra, à qual ficastes apegado, na esperança de dissipar o medo.

Interrogante:*O que estais dizendo me perturba grandemente. Até nem sei se desejo prosseguir esta palestra, porque minha crença e meu amor sempre me ampararam e inspiraram a viver com decência. Essa contestação de minha crença produz-me uma certa sensação de desordem que, francamente, me faz medo.*

Krishnamurti: Logo, há medo, e estais começando a descobri-lo por vós mesmo. Isso vos perturba. A crença nasce do medo e é dentre as coisas a mais destrutiva. Devemos ser livres do medo e da crença. A crença separa os homens, torna-os duros, fá-los odiarem-se mutuamente e cultivarem a guerra. De maneira indireta, involuntariamente, estais admitindo que o medo gera a crença. A libertação da crença é necessária para se enfrentar esse fato que é o medo. A crença, tal como outro qualquer ideal, e uma fuga de "o que é". Quando não existe medo, encontra-se a mente numa dimensão de todo diferente. Só então se pode perguntar se existe ou não Deus. A mente toda anuviada pelo medo ou pela crença é incapaz de qualquer espécie de compreensão, de percepção da Verdade. Vive essa mente na ilusão e, assim, não pode alcançar o Supremo. O Supremo não está em nenhuma relação com as crenças, opiniões, conclusões, vossas ou de outro qualquer.

Porque não sabeis, credes. Mas, "saber" é "não saber"; o saber se acha no minúsculo campo do tempo, e a mente que diz "Eu sei" está escravizada ao tempo e, por conseguinte, não tem possibilidade de compreender aquilo que é. Em verdade, ao dizerdes "Conheço minha mulher e meu amigo", o que conheceis é apenas a imagem ou a memória, e esta é o passado. Por conseguinte, não podeis conhecer realmente nenhuma pessoa ou coisa. Não podeis conhecer nenhuma coisa viva, mas só coisas mortas. Quando perceberdes isso, já não pensareis nas relações tomando por base o conhecimento. Portanto, ninguém pode dizer "Não há Deus" ou "Eu conheço Deus". Ambas essas asserções são blasfemas. Para compreender-se "o que e", necessita-se da liberdade, devemos estar livres não só do conhecido, mas também do medo ao conhecido e do medo ao desconhecido.

Interrogante:*Falais em "compreender o que é" e, no entanto, negais a validade do conhecimento. Que é essa compreensão, se não é conhecimento?*

Krishnamurti: São duas coisas completamente diferentes. O saber, ou conhecer, está sempre em relação com o passado e, por conseguinte, vos prende ao passado. A compreensão, ao contrário, não é uma conclusão, não é acumulação. Se escutastes, aprendestes. Compreender é atenção. Quando se presta toda a atenção, compreende-se. Assim, a compreensão do medo é a cessação do medo. Vossa crença, por conseguinte, já não pode ser o fator principal; o fator principal é a compreensão do medo. Não havendo medo, há liberdade. Só então pode-se descobrir o que é verdadeiro. Quando "o que é" não está sendo deformado pelo medo, então "o que é" é verdadeiro. Não é a palavra. A verdade não se pode medir com palavras. O amor não é uma palavra, nem uma crença, nem uma coisa que se possa prender e dizer "É minha". Sem o amor e a beleza, isso que chamais Deus não é coisa nenhuma.[ÍNDICE]

22. SONHOS

Interrogante:*Disseram-me certos especialistas que o sonhar é tão importante como o pensar e estar ativo durante o dia e que o meti viver diário estaria sujeito a enorme pressão e tensão se eu não sonhasse. Sustentam eles - e não vou aqui servir-me de sua terminologia, porém de minhas próprias palavras - que, durante certos períodos do sono, o movimento das pálpebras indica sonhos revigorantes e que estes trazem ao cérebro uma certa claridade. Eu gostaria de saber se essa quietação da mente, de que tanto falais, não traria maior harmonia ao nosso viver do que o equilíbrio produzido pelos padrões dos sonhos. Desejo também perguntar por que razão a linguagem dos sonhos é simbólica.*

Krishnamurti: A própria linguagem é símbolo, e nós estamos habituados aos símbolos: vemos a árvore através da imagem que é o símbolo da árvore, vemos o nosso próximo através da imagem que a seu respeito temos. Aparentemente, uma das coisas mais difíceis para o ente humano é olhar qualquer coisa diretamente, e não através de imagens, opiniões, conclusões - tudo isso símbolos. E, assim, nos sonhos,

os símbolos representam um papel muito importante e, por esse motivo, podem ser muito enganosos e perigosos. O significado de um sonho nem sempre é claro, embora compreendamos que ele se compõe de símbolos, que tentamos decifrar. Quando vemos qualquer coisa, a seu respeito falamos tão espontaneamente que não reconhecemos que as palavras são também símbolos. Tudo isso indica, não é verdade? - que pode haver comunicação direta em assuntos técnicos, mas raramente nas relações e na compreensão entre os homens. Não necessitais de símbolos quando alguém vos bate: isso é comunicação direta. Este é um ponto muito interessante: a mente não quer ver as coisas diretamente, não quer estar cônscia de si própria, sem a palavra e o símbolo. Dizeis que o céu é azul. O ouvinte decifra essa palavra de acordo com seu próprio registro de "azul", e a transmite a outrem em sua própria cifra. Vivemos, pois, cercados de símbolos, e os sonhos constituem uma parte desse processo simbólico. Somos incapazes de percepção direta e imediata, prescindindo de símbolos, palavras, preconceitos e conclusões. A razão disso é também perfeitamente óbvia: é que isso faz parte da atividade egocêntrica, com suas defesas, resistências, fugas e temores. Há uma "resposta" cifrada da atividade cerebral, e os sonhos, naturalmente, são simbólicos, porque, durante as horas em que estamos despertos, somos incapazes de reação ou percepção direta.

Interrogante:*Está-me parecendo, portanto, que se trata de uma função intrínseca do cérebro.*

Krishnamurti: "Intrínseco" implica algo que é permanente, inevitável e duradouro. Ora, qualquer estado psicológico pode ser modificado. Só a profunda e constante necessidade do cérebro de segurança física para o organismo é intrínseca. Os símbolos são um expediente do cérebro para proteger a psique, que é a totalidade do processo do pensamento. O "eu" é um símbolo, e não uma realidade. Tendo criado o símbolo do "eu", o pensamento se identifica com sua conclusão, sua fórmula, e defende-a; daí provém toda aflição e sofrimento.

Interrogante:*Como posso então encontrá-lo?*

Krishnamurti: Perguntando "como posso encontrá-lo", estais ainda apegado ao símbolo do "eu" que é fictício; sois uma coisa separada daquilo que estais vendo e surge, portanto, a dualidade.

Interrogante:*Posso voltar noutro dia, para prosseguirmos?*

***

Interrogante:*Tivestes a bondade de me permitir voltar, e eu gostaria de prosseguir do ponto onde paramos. Estávamos falando a respeito dos símbolos, nos sonhos, e assinalastes que nós vivemos sob a influência dos símbolos, os quais deciframos conforme a satisfação que desejamos. Assim fazemos, não só em sonhos, mas também na vida real de cada dia; é nosso comportamento habitual. A maioria de nossas ações se baseiam na interpretação dos símbolos ou imagens que possuímos. Um fato estranho é que, após ter conversado convosco, há dias, os meus sonhos tomaram uma forma peculiar. Tive sonhos muito perturbadores, e a interpretação desses sonhos se efetuava enquanto eles se desenrolavam, dentro dos próprios sonhos. Era um processo simultâneo: o sonho ia sendo interpretado pelo sonhador. Isso nunca me sucedera antes.*

Krishnamurti: Durante as horas em que estamos despertos, há sempre o observador diferente da coisa observada, o agente separado de sua ação. Da mesma maneira, há o sonhador separado do seu sonho. Pensa que o sonho está separado de si por isso necessita de interpretação. Mas, o sonho é separado do sonhador, e há necessidade de interpretá-lo? Quando o observador é a coisa observada, que necessidade há de interpretar, de julgar, de avaliar? Tal necessidade só existiria se o observador fosse diferente da coisa observada. E muito importante compreender isso. Nós separamos a coisa observada do observador, resultando daí não só o problema da interpretação, mas também o conflito e os numerosos problemas com ele relacionados. Divisão é ilusão. A divisão em grupos, raças, nacionalidades, é fictícia. Somos entes humanos, não separados por nomes e rótulos. Quando os rótulos se tornam mais importantes do que tudo mais, ocorre a divisão, e lá vêm as guerras e outros choques.

Interrogante:*Como posso, então, compreender o significado do sonho? Ele deve ter algum significado. É por acidente que sonho com um certo acontecimento ou uma certa pessoa?*

Krishnamurti: Consideremos esta questão de maneira diferente. Há alguma coisa para compreender? Quando o observador pensa diferir da coisa observada, há esforço para se compreender essa coisa existente fora dele próprio. O mesmo processo se verifica em seu interior: o observador deseja compreender a coisa observada - que é ele próprio. Mas, quando o observador é a coisa observada, não há nada para compreender: há só observação. Dizeis que num sonho há alguma coisa que se precisa compreender, pois, de contrário, não haveria sonhos; dizeis que o sonho é uma sugestão relativa a alguma coisa não esclarecida que precisa ser compreendida. Empregais a palavra "compreender", e nessa própria palavra está presente o processo dualista. Pensais que há um "eu" e urna coisa para compreender, ao passo que, na realidade, essas duas entidades são uma só e a mesma coisa. Por conseguinte, a vossa busca de significação para o sonho provém do conflito.

Interrogante:*Pode-se dizer que o sonho é a expressão de alguma coisa que está na mente?*

Krishnamurti: É, decerto.

Interrogante:*Não vejo possibilidade de considerar o sonho pela maneira como o considerais. Se o sonho não tem significação, porque então existe?*

Krishnamurti: O "eu" é o sonhador, e o sonhador quer ver a significação do sonho que ele próprio inventou ou "projetou"; portanto, um e outro são sonhos, um e outro são irreais. Essa irrealidade se tornou real para o sonhador, para o observador que se considera separado. O problema da interpretação dos sonhos resulta, todo inteiro, dessa separação entre o agente e a ação.

Interrogante:*Estou ficando cada vez mais confuso. Podemos recapitular isso de maneira diferente? Posso ver que um sonho é produto de minha mente e não está separado dela, mas os sonhos parecem provir de níveis mentais ainda inexplorados e, assim, são como sugestões de algo que está vivo na mente.*

Krishnamurti: Não é na vossa mente pessoal que há coisas ocultas. Vossa mente é a mente humana; vossa consciência é a totalidade do homem. Mas, quando a "particularizais" como vossa mente, limitais a sua atividade e, em virtude dessa limitação, surgem os sonhos. Durante as horas em que estais desperto, observai sem o observador, que é uma limitação. Toda divisão é limitação. Tendo-se dividido em "eu" e "não eu", tem o "eu", o observador, o sonhador, numerosos problemas, entre eles os sonhos e a respectiva interpretação. Em qualquer caso, só podeis ver o significado ou valor de um sonho de maneira limitada, porque o observador é sempre limitado. O sonhador perpetua sua própria limitação e, por conseguinte, o sonho é sempre a expressão do "incompleto", e nunca do todo.

Interrogante:*Têm-se trazido fragmentos da Lua a fim de se compreender a composição desse satélite. Pela mesma maneira tentamos compreender o pensamento humano, trazendo fragmentos de nossos sonhos para examinar o que eles expressam.*

Krishnamurti: As expressões da mente são fragmentos da mente. Cada fragmento se expressa de sua maneira própria e contradiz outros fragmentos. Um sonho pode contradizer outro sonho, uma ação outra ação, um desejo outro desejo. A mente vive nesta confusão. Uma parte dela diz que precisa compreender uma outra parte -um sonho, uma ação ou um desejo. Assim, cada fragmento tem seu observador próprio, sua atividade própria; em seguida, um "super-observador" procura juntá-los, todos, harmonicamente. O "super-observador" é também um fragmento da mente. São essas contradições, essas divisões, que dão origem aos sonhos.

A verdadeira questão, pois, não é a interpretação ou compreensão de um dado sonho, porém, sim, a percepção de que esses numerosos fragmentos estão contidos no todo. Vedes, então, a vós mesmo como um todo, e não como fragmento de um todo.

Interrogante:*Quereis dizer, senhor, que devemos estar cônscios, durante o dia, do inteiro movimento da vida, e não simplesmente de nossa vida de família ou nossa vida de negócios, ou qualquer outro aspecto individual da vida?*

Krishnamurti: A consciência é o homem inteiro e não pertence a ninguém pessoalmente. Quando há consciência pessoal, surge o complexo problema da fragmentação, da contradição, da guerra. Quando, durante as horas de vigília, há no ente humano o percebimento do movimento total da vida, que necessidade há então de sonhos? Esse percebimento total, essa atenção, põe fim à fragmentação e à divisão. Não existindo conflito de espécie alguma, a mente não necessita sonhar.

Interrogante:*Isso, positivamente, abre uma porta pela qual estou vendo muitas coisas.*[ÍNDICE]

23. TRADIÇÃO

Interrogante:*Pode uma pessoa libertar-se realmente da tradição? Pode alguém ficar livre do que quer que seja? Ou a questão é de nos esquivarmos dela e não nos deixarmos preocupar com ela? Muito tendes falado a respeito do passado e do seu condicionamento; mas tenho de fato alguma possibilidade de libertar-me disso que constitui o próprio "fundo" de minha vida? Ou só tenho possibilidade de modificar esse fundo em conformidade com os diferentes desafios e necessidades externas, a ele me acomodar, em vez de me livrar dele? Essa me parece ser uma das coisas mais importantes, e eu gostaria de compreendê-la, porque sempre tive o sentimento de que estou levando um fardo, o peso do passado. Eu bem gostaria de aliviar-me dele para sempre. É possível isso?*

Krishnamurti: "Tradição" não significa transportar o passado para o presente? O passado não são apenas nossas heranças pessoais, mas também o peso do pensamento global de um determinado grupo de pessoas que vivem numa determinada cultura e tradição. Levamos conosco toda a acumulação de conhecimentos e experiências da raça e da família. Tudo isso é o passado: o transporte do conhecido para o presente, que forma o futuro. Não é tradição tudo o que a História nos ensina? Perguntais se uma pessoa pode libertar-se dela. Antes de mais nada, porque deseja ela libertar-se? Porque deseja aliviar-se dessa carga? Porquê?

Interrogante:*Isso me parece bem simples. Eu não desejo ser o passado; quero ser eu mesmo. Quero expurgar-me de toda essa tradição, para poder tornar-me um ente humano novo. Penso que na maioria de nós existe esse sentimento, esse desejo de renascer.*

Krishnamurti: Não podeis "tornar-vos novo" pelo simples fato de o desejardes ou de lutardes para ser novo. Tendes, não só de compreender o passado, mas também de descobrir quem sois. Não sois o passado? Não sois a continuação do que foi, modificado pelo presente?

Interrogante:*Minhas ações e pensamentos são-no, mas minha existência não o é.*

Krishnamurti: Pode-se separar as duas coisas - a ação e o pensamento - da existência? Meu pensamento, minha ação, minha existência, meu viver e minhas relações - tudo isso não é a mesma coisa? A fragmentação em "eu" e "não eu" faz parte dessa tradição.

Interrogante:*Quereis dizer que, quando não estou pensando, quando o passado não está funcionando, eu estou completamente apagado, deixei de existir?*

Krishnamurti: Deixemo-nos de perguntas supérfluas e consideremos o ponto com que iniciamos esta palestra. Pode uma pessoa libertar-se do passado - não apenas do passado recente, mas também do passado imemorial, do passado coletivo, racial, humano, animal? Vós sois todo ele, dele não estais separado. E perguntastes se tendes possibilidade de pô-lo de parte e renascer. O "vós" é o passado e, quando desejais renascer como uma entidade nova, a nova entidade que imaginais é uma projeção da velha, coberta da palavra "nova". Mas, por baixo, sois o passado. A questão, pois, é se o passado pode ser posto de parte ou se continua a haver, infinitamente, unia forma "modificada" de tradição - a mudar, a

acumular, a rejeitar, porém sempre o passado, em diferentes combinações. O passado é a causa, e o presente o efeito, e hoje - o efeito de ontem - se torna a causa do amanhã. Essa cadeia é a maneira de ser do pensamento, pois o pensamento é o passado. Perguntais se pode ser detido esse movimento do ontem para o hoje. Pode-se olhar e examinar o passado, ou isso é completamente impossível? Para olhá-lo, o observador deveria estar fora dele - mas não está. E apresenta-se, assim, outro problema: Se o próprio observador é o passado, como isolar o passado, para observá-lo?

Interrogante:*Posso observar uma coisa objetivamente...*

Krishnamurti: Mas vós, o observador, sois o passado que está tentando observar a si próprio. Só podeis "objetivar" a vós mesmo como uma imagem que formastes através dos anos, em relações de toda espécie e, portanto, o "vós" que "objetivais" é memória e imaginação - o passado. Quereis olhar-vos como se fôsseis uma entidade diferente daquela que está olhando, mas, vós sois o passado, com seus velhos juízos, avaliações, etc. A ação do passado está a observar, a olhar, a memória do passado. E, assim, nunca ficareis livre do passado. O contínuo exame do passado pelo próprio passado perpetua o passado; esta é a ação mesma do passado, a ação mesma da tradição.

Interrogante:*Que ação é então possível? Se eu sou o passado - e vejo que o sou - então, tudo o que eu faço para apagar o passado estará aumentando o passado. Vejo-me assim numa situação irremediável! Que posso fazer? Não posso rezar, porque a invenção de um Deus é também ação do passado. Não posso recorrer a outrem, porque esse outro é também uma criação d.e meu desespero. Não posso fugir, porque, no fim de minha fuga, vejo que ainda estou levando o meu passado. Não posso identificar-me com uma imagem não pertencente ao passado, porque essa imagem é igualmente uma projeção minha. Em vista de tudo isso, vejo-me numa situação irremediável, em desespero.*

Krishnamurti: Porque dizeis "situação irremediável" e "desespero"? Não estais traduzindo o que vedes como sendo o passado, numa ansiedade emocional, por não poderdes alcançar um certo resultado? Com isso, estais novamente fazendo o passado atuar. Ora, podeis olhar todo esse movimento do passado, com todas as suas tradições, sem desejardes livrar-vos dele, sem modificá-lo ou dele fugir; ficar simplesmente a observá-lo, sem nenhuma reação?

Interrogante:*Mas, como temos dito no decurso desta palestra, como posso eu observar o passado, se sou o passado? Eu não posso de modo nenhum olhá-lo!*

Krishnamurti: Podeis olhar a vós mesmo, que sois o passado, sem nenhum movimento do pensamento, que é o passado? Se podeis olhar sem pensar, sem avaliar, gostar, não gostar, julgar, isso é olhar com olhos não contaminados pelo passado. É olhar em silêncio, sem o barulho produzido pelo pensamento. Nesse silêncio, não há o observador e a coisa que ele está observando - o passado.

Interrogante:*Quereis dizer que, quando se olha sem avaliação ou julgamento, o passado desapareceu? Mas, ele não desapareceu-existem ainda os milhares de pensamentos, e ações, e todas as ninharias que, um momento atrás, pululavam. Olho, e vejo que tudo isso existe ainda. Como podeis dizer que o passado desapareceu? Poderá ter detido, momentaneamente, o seu*

movimento...

Krishnamurti: Quando a mente está em silêncio, esse silêncio é uma dimensão nova, e se alguma ninharia subsistir, será instantaneamente dissolvida, porque a mente tem agora uma energia de qualidade diferente, que não é a energia gerada pelo passado. É isto que importa verdadeiramente: ter essa energia que dissipa tudo o que vem do passado. O "transportar" do passado é uma energia de espécie diferente. O silêncio dissolve essa outra energia; o maior absorve o menor e permanece intacto. Semelha o mar, que recebe as águas impuras do rio e permanece puro. Isso é que é importante. Só essa energia pode apagar o passado. Ou temos silêncio, ou temos o barulho do passado. No silêncio, o barulho cessa, e o novo é esse silêncio. Não sois vós que vos tornais novo. Esse silêncio é infinito, e o passado é limitado. Na plenitude do silêncio, o condicionamento do passado cai por terra.[ÍNDICE]

24. CONDICIONAMENTO

Interrogante:*Muito falais sobre condicionamento e dizeis que devemos libertar-nos dessa servidão, para não ficarmos aprisionados para sempre. Uma tal asserção é verdadeiramente escandalosa e inadmissível! Em geral, estamos condicionados muito profundamente e, ao ouvirmos uma declaração dessa espécie, erguemos as mãos para o alto e fugimos de tamanha extravagância! Mas, eu vos levo a sério, porque, afinal de contas, tendes dedicado vossa vida a esse trabalho, não como entretenimento, porém com profunda seriedade. Por essa razão, desejo conversar convosco, para ver até que ponto o ente humano pode descondicionar a si próprio. Isso é realmente possível e, se é, que significa? Tenho alguma possibilidade, eu, que vivo num mundo de hábitos, tradições, aceitação. de teorias ortodoxas sobre tantos assuntos - tenho alguma possibilidade de sacudir de mim esse condicionamento tão profundamente enraizado em mim? Que entendeis, exatamente, por "condicionamento", e que entendeis por "libertação do condicionamento"?*

Krishnamurti: Consideremos antes a primeira pergunta. Nós estamos condicionados - fisicamente, nervosamente, mentalmente - pelo clima em, que vivemos, pelos alimentos que tomamos, pela cultura em que vivemos, pela totalidade de nosso ambiente social, religioso e econômico, por nossa experiência, pela educação e por pressões e influências domésticas. São esses os fatores que nos condicionam. Nossas reações, conscientes e inconscientes, aos desafios de nosso ambiente - intelectuais, emocionais, externos e internos - representam a ação do condicionamento. A linguagem é,condicionamento; todo pensamento é ação, reação do condicionamento.

Vendo-nos condicionados, inventamos um agente divino que, como piamente acreditamos, irá libertar-nos desse estado mecânico. Cremos na sua existência, fora ou dentro de nós - como atman, alma, o Reino dos Céus interior, e sabe Deus o que mais! A essas crenças nos apegamos com todas as forças, sem ver que elas próprias fazem parte do fator condicionante que supostamente irão destruir ou substituir. Assim, sentindo-nos incapazes de nos descondicionarmos, neste mundo, e sem vermos sequer

que o problema é o condicionamento, pensamos que a liberdade se encontra no céu, em Moksha, no Nirvana. No mito cristão do pecado original e na doutrina oriental de Samsara, nota-se que o fator condicionante foi sentido, ainda que um tanto vagamente. Se tivesse sido visto claramente, tais doutrinas e mitos naturalmente não teriam surgido. Atualmente os psicólogos estão também lutando para resolver este problema - e condicionando-nos mais ainda. Assim, os especialistas religiosos nos condicionaram, a ordem social nos condicionou, a família - que dela faz parte - nos condicionou. Tudo isso é o passado, que constitui todas as camadas claras e ocultas da mente. En passant (1), é interessante notar que o chamado indivíduo não existe realmente, porquanto sua mente se abebera no reservatório comum de condicionamento, que ela partilha com todas as demais; por conseguinte, é falsa a divisão entre indivíduo e comunidade; há só condicionamento. Esse condicionamento está em ação em todas as relações - com coisas, pessoas e idéias.

Interrogante:*Que me cabe então fazer para me livrar dele? Viver nesse estado mecânico não é viver realmente, e, todavia, toda ação, toda vontade, todo julgamento é condicionado; assim, nada posso fazer em relação ao condicionamento, nada que não esteja condicionado! Estou de pés e mãos amarrados.*

Krishnamurti: O verdadeiro fator de condicionamento, no passado, no presente e no futuro, é o "eu", que pensa em função do tempo; o "eu" que se esforça, em sua necessidade de libertar-se; assim, a raiz de todo condicionamento é o pensamento, o "eu". O "eu" é a essência mesma do passado, o "eu" é tempo, o "eu" é sofrimento; o "eu" se esforça por libertar-se de si próprio, esforça-se e luta para alcançar, rejeitar, "vir a ser". Essa luta por "vir a ser" é tempo, e nela há confusão e avidez de mais e de melhor. Busca o "eu" a segurança e, não a encontrando, transfere para o Céu o objeto de sua busca; esse mesmo "eu" que, na esperança de perder sua identidade, se identifica com algo maior do que ele - a nação, o ideal ou um Deus - esse mesmo "eu" é o fator de condicionamento.

Interrogante:*Tomastes-me tudo. Que sou eu sem este "eu"?*

Krishnamurti: Se não há "eu", estais descondicionado, quer dizer, sois "nada".

Interrogante:*Pode o "eu" terminar sem esforço do próprio "eu"?*

Krishnamurti: O esforço por tornar-se alguma coisa é a reação, a ação do condicionamento.

Interrogante:*Como pode deter-se a ação do "eu"?*

Krishnamurti: Só poderá deter-se se o virdes em atividade. Se o virdes em ação, ou seja no estado de relação, esse ver será o fim do "eu". Esse ver, não só é uma ação não condicionada, mas também atua no condicionamento.

Interrogante:*Quereis dizer que o cérebro, que é o resultado de uma imensa evolução, com seu infinito condicionamento, pode libertar-se?*

Krishnamurti: O cérebro é resultado do tempo; ele está condicionado para proteger-se fisicamente, mas quando tenta proteger-se psicologicamente, começa então o "eu", e surgem as aflições. Esse esforço para proteger-se psicologicamente é a confirmação do "eu". Tecnologicamente, o cérebro pode aprender, adquirir conhecimentos, mas, quando, psicologicamente, ele adquire saber, esse saber se impõe, nas relações, como "eu", com suas experiências, sua vontade, sua violência. É esse "eu" que introduz, nas relações, a divisão, o conflito e o sofrimento.

Interrogante:*Pode o cérebro quietar-se, e só funcionar quando tem de operar tecnologicamente -- só funcionar quando se requer a ação do conhecimento, como, por exemplo, para aprender uma língua, guiar um carro, ou construir uma casa?*

Krishnamurti: O perigo que há nisso é a divisão do cérebro em "psicológico" e "tecnológico", daí resultando mais uma contradição, um condicionamento, uma teoria. A verdadeira questão é se o cérebro, em sua totalidade, pode tornar-se silencioso, quieto, e "responder" eficientemente só quando tem de fazê-lo, na tecnologia ou no viver. Portanto, não nos interessa o "psicológico" ou o "tecnológico"; queremos apenas saber se essa mente inteira pode ficar silenciosa, e só funcionar quando tem de funcionar. Nós dizemos que pode - pela compreensão da meditação.

***

Interrogante:*Se o permitis, desejo continuar do ponto em que ontem ficamos. Deveis lembrar-vos de que fiz duas perguntas: perguntei o que é condicionamento, e o que é libertação do condicionamento, e dissestes que era melhor considerarmos antes a primeira dessas perguntas. Não tivemos tempo de examinar a segunda e, assim, desejo perguntar-vos, hoje, qual é o estado da mente que se libertou de todo seu condicionamento. Depois de :nossa palestra de ontem, comecei a perceber muito claramente o quanto estou condicionado e descobri - pelo menos creio que descobri uma brecha na estrutura desse condicionamento. Conversei com um amigo sobre o assunto e, considerando certos casos reais de condicionamento, vi, com toda a clareza, quão profundamente as nossas ações são por ele envenenadas. Como dissestes, na conclusão, a meditação é o esvaziar da mente de todo condicionamento, para que não haja deformações ou ilusões. Como se pode ficar completamente livre de toda deformação e ilusão? Que é ilusão?*

Krishnamurti: É tão fácil enganarmos a nós mesmos, tão fácil nos convencermos de qualquer coisa! O sentimento de que devemos "ser alguma coisa" é o começo da ilusão e, naturalmente, essa atitude idealista leva a várias formas de hipocrisia. Qual a causa da ilusão? Um dos fatores é a constante comparação entre "o que é" e "o que deveria ser" ou "poderia ser";, é essa medição entre o "bom" e o "mau" - o pensamento que quer melhorar a si próprio, a memória do prazer, a querer mais prazer, etc. É esse desejo de "mais", essa insatisfação, que nos faz aceitar qualquer coisa, a ter fé em qualquer coisa, e isso há de levar inevitavelmente a toda espécie de engano, de ilusão. São o desejo e o medo, a esperança e o desespero, que "projetam" o alvo, a conclusão que se quer experimentar. Essa experiência, por conseguinte, não tem realidade. Todas as chamadas experiências religiosas seguem esse padrão. O próprio desejo de esclarecimento também gera, forçosamente, a aceitação da autoridade - que é o contrário de esclarecimento. Desejo, insatisfação, medo, prazer, desejo de "mais", ânsia de mudança, tudo isso é medição e constitui a essência da ilusão.

Interrogante:*E vós - não tendes realmente nenhuma ilusão a respeito de coisa alguma?*

Krishnamurti: Eu nunca meço a mim mesmo ou aos outros. Só podemos estar livres dessa medição quando estamos vivendo realmente com "o que é", nem desejando alterá-lo, nem julgando-o "bom" ou "mau". "Viver com uma coisa" não significa aceitação dela: ela é um fato, quer a aceitemos, quer não. "Viver com uma coisa" não significa, tampouco, identificar-se com ela.

Interrogante:*Deixai-me tornar a perguntar o que é essa liberdade que tanto desejamos. Esse desejo de liberdade se expressa em todas as pessoas, às vezes por maneiras as mais estúpidas, mas pode-se dizer que no coração humano há sempre essa profunda ânsia, que nunca se realiza, de libertação; há uma luta incessante por se ser livre. Sei que não sou livre, preso que estou na armadilha de inúmeros desejos e necessidades. Como posso libertar-me, e que significa estar realmente, verdadeiramente livre?*

Krishnamurti: Talvez isto vos ajude a compreendê-lo: a negação total é essa liberdade. Negar tudo o que consideramos positivo, negar toda a moral social, negar toda aceitação psicológica da autoridade, negar tudo o que dissemos ou concluímos a respeito da realidade, negar toda a tradição, todo ensino, todo o saber (exceto o saber técnico), negar toda a experiência, todos os impulsos oriundos de prazeres, lembrados ou esquecidos, negar todos os compromissos de atuarmos de determinada maneira, negar todas as idéias, todos os princípios, todas as teorias. Essa negação é a ação mais positiva e, por conseguinte, é liberdade.

Interrogante:*Se eu quiser apagar tudo isso, pouco a pouco, nesse trabalho me verei empenhado toda a vida e ele próprio se tornará minha servidão. Pode tudo isso esvaecer-se num instante; posso negar toda a ilusão humana, todos os valores e aspirações e padrões, imediatamente? É realmente possível isso? Não se requer uma enorme capacidade, que me falta, uma enorme compreensão, para ver tudo isso num relance e deixá-lo exposto à luz daquela inteligência de que tendes falado? Tenho minhas dúvidas sobre se sabeis o que isso exige de mim. Mandar-me, a mim, um homem comum, educado na maneira comum, mergulhar numa coisa que se me afigura como um incrível vácuo... Posso fazê-lo? Nem sei o que significa um tal mergulho. É o mesmo que me mandar transformar-me subitamente no mais belo, no mais puro, no mais amável dos entes humanos. Como vedes, estou agora realmente assustado, não da mesma maneira que antes; vejo-me agora diante de algo que sei ser verdadeiro, e, todavia, minha total incapacidade para fazê-lo me está prendendo. Vejo quanto é belo ser, real e totalmente, "nada", mas...*

Krishnamurti: É só quando, em nós mesmos, existe vazio, não o vazio de uma mente superficial, porém aquele vazio que vem com a total negação de tudo o que "somos" e "devemos ser" e "queremos ser" - é só quando existe esse vazio que há criação; só nesse vazio alguma coisa nova pode surgir. Medo é o pensamento no desconhecido; por isso, tendes tanto medo de deixar o conhecido - vossos apegos, satisfações, lembranças aprazíveis, a continuidade e a segurança que proporcionam conforto. O pensamento está comparando tudo isso com o que ele considera ser o vazio. Essa imaginação do vazio é medo e, portanto, medo é pensamento. Voltando à vossa pergunta, pode a mente negar tudo o que conhece, o conteúdo total de seu próprio "eu", consciente e inconsciente, que constitui a essência de "vós mesmo"? Podeis negar a "vós mesmo", completamente? Se não puderdes fazê-lo, não haverá

liberdade. Liberdade não significa estar livre de alguma coisa - pois isso é apenas uma reação; a liberdade vem com a negação total.

Interrogante:*Mas, que bem faz essa liberdade? Estais-me pedindo que morra, não?*

Krishnamurti: Exatamente! Eu gostaria de saber que sentido dais à palavra "bem", ao dizerdes "que bem faz essa liberdade?" "Bem", em relação a quê? Ao conhecido? A liberdade é o bem absoluto e sua ação é a beleza da vida de cada dia. Só na liberdade há viver, e sem ela como pode haver amor? Nela, tudo vive e existe. Ela está em toda parte e em parte nenhuma. É sem fronteiras. Podeis morrer agora para tudo o que conheceis, sem esperardes até amanhã? Essa liberdade é eternidade, êxtase - é amor.
[ÍNDICE]

---

(1) "De passagem". - (N. do T.)

25. FELICIDADE

Interrogante:*Que é felicidade? Sempre andei a buscá-la, mas, por alguma razão, jamais a encontrei. Vejo outras pessoas divertirem-se de muitas maneiras diferentes, e muitas das coisas que elas fazem me parecem por demais imaturas e pueris. Creio que essas pessoas são felizes, a seu modo, mas eu desejo outra espécie de felicidade. Em raros momentos têm-me vindo sugestões de que é possível alcançá-la, mas, por alguma razão, ela sempre me fugiu. Eu gostaria de saber o que posso fazer para me sentir real e completamente feliz.*

Krishnamurti: Credes que a felicidade seja um fim em si? Ou vem ela como uma coisa secundária, quando estamos vivendo inteligentemente?

Interrogante:*Eu creio que ela é um fim em si, porque, havendo felicidade, tudo fazemos harmonicamente, sem esforço, facilmente; sem atrito. Tenho certeza de que, com essa felicidade, tudo o que se faz é correto.*

Krishnamurti: É exato isso - a felicidade um fim em si? A virtude não é um fim em si. Se o fosse, se tornaria uma coisa muito insignificante. Pode-se buscar a felicidade? Se o fizerdes, encontrareis, provavelmente, um simulacro dela, em distrações e abusos de toda espécie. Isso é prazer. Que relação há entre prazer e felicidade?

Interrogante:*Nunca fiz a mim mesmo essa pergunta.*

Krishnamurti: O prazer, que todos nós buscamos, é erroneamente chamado "felicidade", mas, pode-se buscar a, felicidade, assim como se busca o prazer? Cumpre-nos, decerto, ver bem claramente se prazer é felicidade. Prazer é satisfação, desregramento, entretenimento, estímulo. Em geral pensamos que prazer é felicidade, e consideramos o máximo de prazer como sendo o máximo de felicidade. E, também, é a felicidade o oposto da infelicidade? Desejais ser feliz porque sois infeliz, porque estais insatisfeito? Tem a felicidade alguma espécie de oposto? Tem o amor algum oposto? Vossa pergunta acerca da felicidade provém de serdes infeliz?

Interrogante:*Como todos os demais, sou infeliz e naturalmente não desejo sê-lo, e é isso que me impele a buscar a felicidade.*

Krishnamurti: Logo, para vós, felicidade é o oposto de infelicidade. Se fôsseis feliz, não estaríeis buscando a felicidade. O importante, pois, não é a felicidade, mas, sim, saber se a infelicidade pode terminar. Não é este o verdadeiro problema? Perguntais o que é felicidade porque sois infeliz, e o perguntais sem terdes averiguado se felicidade é o contrário de infelicidade.

Interrogante:*Se assim o expressais, aceito-o. O que me interessa, portanto, é como livrar-me da aflição em que me vejo.*

Krishnamurti: Que é mais importante, compreender a infelicidade ou buscar a felicidade? Se buscais a felicidade, essa busca é uma fuga da infelicidade e, por conseguinte, esta existirá sempre talvez encoberta, oculta, mas sempre presente, a supurar dentro em vós. Assim, qual é agora vossa questão?

Interrogante:*O que agora pergunto é: Porque sou infeliz? Vós me apontastes muito claramente o meu estado real, mas não me destes a resposta que desejo e, por isso, me vejo agora frente a frente com esta questão: Como posso libertar-me de minha aflição?*

Krishnamurti: Pode algum agente exterior - Deus, um Mestre, uma droga, um salvador - ajudar-vos a libertar-vos de vossa aflição? Ou, pode-se adquirir a inteligência necessária para compreender a natureza da infelicidade e imediatamente resolver este problema?

Interrogante:*Vim procurar-vos porque pensava que podíeis ajudar-me; de modo que poderíeis ser chamado um "agente exterior". Eu desejo ajuda, e não importa quem ma dá.*

Krishnamurti: Esta questão de receber ajuda ou dar ajuda envolve muitas coisas. Se cegamente aceitais essa ajuda, vos vereis aprisionado na armadilha desta ou daquela autoridade, que acarreta vários outros problemas, tais como a obediência e o medo. Assim, se logo de início estais desejando ajuda, não só não a obtereis - porque, afinal de contas, ninguém pode ajudar-vos - mas, além disso, ficareis com toda uma série de novos problemas; estareis mais atolado ainda do que nunca.

Interrogante:*Penso que compreendo o que acabais de dizer, e aceito-o. Nunca refleti sobre isso a fundo e com clareza. De que maneira poderei desenvolver a inteligência necessária para resolver, imediatamente e por meus próprios meios, o problema da infelicidade? Se eu possuísse essa inteligência, então, decerto, não vos estaria pedindo ajuda. O que agora pergunto, portanto, é se tenho possibilidade de adquirir essa inteligência, a fim de resolver o problema da infelicidade e, por conseguinte, alcançar a felicidade.*

Krishnamurti: Com isso estais dizendo que essa inteligência é separada de sua própria ação. A ação dessa inteligência é o ver e o compreender o próprio problema. Essas duas coisas (ver e compreender) não são separadas e sucessivas; não se trata de primeiramente adquirir a inteligência, para depois usá-la, como um utensílio, na solução do problema. É uma das "doenças" do pensar o dizer-se que primeiro se precisa adquirir a capacidade, para depois usá-la; primeiro a idéia, o princípio, depois a aplicação dele. Isso, justamente, é ausência de inteligência e a origem de todos os problemas. É fragmentação. É dessa maneira que vivemos, e por isso falamos em felicidade ou infelicidade, ódio e amor, etc. etc.

Interrogante:*Isso talvez seja inerente à estrutura da linguagem.*

Krishnamurti: Talvez seja, mas será melhor não fazermos tanto caso disso aqui, afastando-nos do ponto mais importante. Estamos dizendo que a inteligência e a ação dessa inteligência - que é ver o problema da infelicidade - são uma unidade indivisível. Também, que ela não está separada da ação de pôr fim à infelicidade ou de adquirir a felicidade.

Interrogante:*Como poderei adquirir essa inteligência?*

Krishnamurti: Compreendestes o que estivemos dizendo?

Interrogante:*Sim, compreendi.*

Krishnamurti: Ora, se compreendestes, deveis estar vendo que esse ver é inteligência. A única coisa que se pode fazer é ver; não se pode desenvolver a inteligência, para ver. O ver não é cultivo da inteligência. Ver é mais importante que inteligência, ou felicidade, ou infelicidade. Só há ver ou não ver. O resto - felicidade, infelicidade e inteligência - são meras palavras.

Interrogante:*Que é então esse ver?*

Krishnamurti: Ver significa compreender que o pensamento cria os opostos. O que o pensamento cria não é real. Ver significa compreender a natureza do pensamento, da memória, do conflito, das idéias; ver tudo isso como um processo total é compreender. Isso é inteligência; ver totalmente é inteligência; ver fragmentariamente é falta de inteligência.

Interrogante:*Estou um pouco confuso. Parece-me que compreendo, porém um tanto vagamente; tenho de ir devagar. O que estais dizendo é isto: vede e escutai totalmente. Dizeis que essa atenção é inteligência e que deve ser imediata. Só se pode ver agora. Não sei se estou vendo agora, ou se tenho de ir para casa refletir sobre o que dissestes, esperando que depois possa ver.*

Krishnamurti: Nesse caso, nunca vereis; pelo refletirdes sobre o que se disse, jamais o vereis, porque o pensamento impede o ver. Nós dois já compreendemos o que significa ver. Esse ver não é uma essência, uma abstração ou idéia. Não se pode ver se não há nada para ver. Tendes agora o problema da infelicidade. Vede-o completamente, inclusive o vosso desejo de ser feliz, e vede como o pensamento cria o oposto. Vede a busca de felicidade, e a busca de ajuda para a obtenção da felicidade. Vede o desengano, a esperança, o temor. Tudo isso deve ser visto completamente, como um todo, e não separada-, mente. Vede tudo agora, prestai-lhe toda atenção.

Interrogante:*Continuo confuso. Não sei se apreendi a essência do que dissestes. Desejo fechar os olhos e penetrar em mim mesmo, para ver se compreendi realmente esta questão. Se a compreendi, nesse caso resolvi o meu problema.*[ÍNDICE]

26. APRENDER

Interrogante:*Tendes falado repetidamente sobre o aprender. Não percebo bem o que entendeis por isso. Somos ensinados na escola e na universidade, e a vida também nos ensina muitas coisas - ajustar-nos ao ambiente e aos nossos vizinhos, a nossa esposa ou marido, a nossos filhos. Parece que aprendemos de quase tudo o que nos cerca, mas com certeza não é bem isso o que entendeis quando falais a respeito do aprender, porque, aparentemente, negais a experiência como mestra. Mas, negando a experiência, não estais negando a possibilidade de aprender? Afinal de, contas, graças à experiência, tanto em matéria técnica como no viver humano de cada dia, aprendemos tudo o que sabemos. Podemos examinar esta questão?*

Krishnamurti: Aprender por meio da experiência é uma coisa - é acumulação de condicionamento; e aprender constantemente, não só a respeito de coisas objetivas, mas também a respeito de nós mesmos, é coisa inteiramente diferente. Há a acumulação que traz condicionamento - como bem sabemos - e há o aprender a que nos referimos em nossas palestras. Esse aprender é observação - observar sem acumulação, observar em liberdade. Essa observação não é dirigida pelo passado. Tenhamos bem claras essas duas coisas.

Que é que aprendemos por meio da experiência? Aprendemos coisas tais como línguas, agricultura, boas maneiras, voar para a Lua, medicina, matemática. Mas, aprendemos alguma coisa a respeito da guerra, fazendo guerra? Aprendemos a tornar a guerra mais mortífera, mais eficiente, mas não

aprendemos a não fazer guerra. Nossa experiência em matéria de guerra está pondo em perigo a sobrevivência da humanidade. Isso é aprender? Podeis construir uma casa melhor, mas a experiência vos ensinou a viver nobremente em seu interior? Pela experiência, aprendemos que o fogo queima, e isso se tornou um condicionamento, mas, também, por meio de condicionamento, aprendemos a considerar o nacionalismo uma coisa boa. Entretanto, a experiência deveria ensinar-nos também que o nacionalismo é uma coisa mortífera, como tudo o prova. A experiência religiosa, baseada em nosso condicionamento, separou o homem do homem. A experiência ensinou-nos a tomar alimentos mais saudáveis, a termos roupas melhores e casas melhores, mas não nos ensinou que a injustiça social impede o relacionamento entre o homem e o homem. A experiência, pois, condiciona e torna mais fortes os nossos preconceitos, nossas peculiares tendências, e nossos dogmas e crenças pessoais. Não aprendemos a ver a estupidez de tudo isso; não aprendemos a viver numa relação correta com os outros homens. Essa relação correta é o amor. A experiência me ensina a fortalecer a família, como unidade oposta à sociedade e às outras famílias. Isso traz luta e divisão, que tornam cada vez mais importante o fortalecimento da família, como medida de proteção; e, desse modo, vai continuando indefinidamente o círculo vicioso. Acumulamos, e a isso chamamos "aprender pela experiência", mas esse aprender acarreta cada vez mais fragmentação, cada vez mais limitação e especialização.

Interrogante:*Estais criando um caso contra o aprender e a experiência, no domínio tecnológico, contra a ciência e todo o saber científico acumulado? Se dermos as costas a essas coisas, volveremos ao estado selvagem.*

Krishnamurti: Não, não estou de modo nenhum criando um caso desses. Parece que não nos estamos entendendo bem. Dissemos que há duas espécies de aprender: Acumular, por meio da experiência, e agir na base dessa acumulação, que é o passado.(1) Essa acumulação é absolutamente necessária toda vez que se requeira a ação do saber. Não somos contra ela; isso seria absurdo!

Interrogante:*Gandhi tentou excluir a máquina da vida, iniciando, na Índia, o movimento a que se deu o nome de "home industries" ou "cottage industries".(2) Entretanto, ele próprio se servia dos modernos meios de transporte. Isso denota a inconsistência e a hipocrisia de sua posição.*

Krishnamurti: Deixemos de fora outras pessoas. Como íamos dizendo, há duas espécies de aprender: uma, o agir na base da acumulação de conhecimentos e de experiência, e a outra, aprender sem acumulação, porém constantemente, no próprio ato de viver. A primeira espécie é absolutamente necessária em coisas técnicas, mas as relações, o comportamento, não são coisas técnicas, porém coisas vivas, e sobre elas é necessário aprender a todas as horas. Se uma pessoa atua segundo o que aprendeu sobre comportamento, esse comportamento se tornará mecânico, e as relações , por conseguinte, se tornarão rotina.

E há, ainda, outro ponto muito importante: no aprender que é acumulação e experiência, o lucro é o critério que determina a sua eficiência. E quando, nas relações humanas, opera esse "motivo" de lucro, são destruídas essas relações, já que ele provoca o isolamento e a divisão. Quando o aprender baseado na experiência e na acumulação invade o domínio do comportamento humano, o domínio psicológico, torna-se inevitavelmente destrutivo. O "egoísmo esclarecido', se por um lado é lucrativo, por outro lado é a própria fonte de muitos males, aflição e confusão. As relações não podem florescer onde há qualquer espécie de interesse egoísta, e essa é a razão por que as relações não podem florescer quando guiadas pela experiência ou pela memória.

Interrogante:*Percebo, mas a experiência religiosa não é diferente? Refiro-me à experiência acumulada e transmitida de geração a geração, em coisas de religião - as experiências dos santos e dos gurus, a experiência dos filósofos. Essa espécie de experiência não nos é benéfica, em nossa ignorância?*

Krishnamurti: De modo nenhum! O santo precisa ser reconhecido como tal pela sociedade e é obrigado a ajustar-se às noções sociais de "santidade"; do contrário, não o chamariam "santo". O guru, igualmente, precisa ser reconhecido como tal por seus seguidores, condicionados pela tradição. Assim, tanto o guru como o discípulo fazem parte do condicionamento cultural e religioso da sociedade em que vivem. Quando eles afirmam ter tido contato com a realidade e que a conhecem, podeis estar certo de que o que conhecem não é a realidade: é sua própria "projeção", baseada no passado. Assim, o homem que diz que sabe, não sabe. Inerente a todas essas chamadas experiências religiosas, há um processo cognitivo de reconhecimento. Só podeis reconhecer uma coisa que conhecestes antes; essa coisa, por conseguinte, vem do passado; é, por conseguinte, temporal, não é atemporal. A chamada experiência religiosa não pode trazer benefícios, porém apenas condicionar-vos, conforme vossa própria tradição, inclinação, tendência e desejo, facilitando, assim, toda espécie de ilusão e de isolamento.

Interrogante:*Quereis dizer que não se pode experimentar a realidade?*

Krishnamurti: O experimentar implica a existência de um experimentador, e o experimentador é a essência de todo condicionamento. O que ele experimenta é o "já conhecido".

Interrogante:*Que entendeis quando falais de "experimentador"? Se não há experimentador, quereis dizer que desaparecemos?*

Krishnamurti: Naturalmente. O "vós" é o passado, e enquanto permanecer o "vós" ou "eu", não pode existir o imensurável. O "eu", com sua mente limitada e superficial, seus limitados e superficiais conhecimentos e experiência, com o coração repleto de ciúme e ansiedade - como pode uma tal entidade compreender aquilo que não tem começo nem fim, que é êxtase? Assim, o começo da sabedoria é a compreensão de vós mesmo. Começai a compreender-vos.

Interrogante:*O experimentador difere daquilo que ele experimenta, o desafio é diferente da reação ao desafio?*

Krishnamurti: O experimentador é a experiência; do contrário, não poderia reconhecer a experiência e chamá-la "uma experiência"; a experiência já existe nele, antes de ele a reconhecer. Assim, o passado está sempre a operar e a reconhecer a si próprio; o novo é absorvido pelo velho. Analogamente, é a reação que determina o desafio; o desafio é a reação, não são duas coisas separadas; sem reação não haveria desafio. Por conseguinte, a experiência de um experimentador, ou a reação a um desafio por parte do experimentador, são velhos, já que determinados pelo experimentador. A palavra "experimentar", se nela refletimos, significa "passar por uma certa coisa" e acabar com ela, não guardá-la; mas, quando falamos em experiência, entendemos exatamente o contrário. Toda vez que se

fala em experiência, fala-se em alguma coisa que foi armazenada e da qual procede a ação, de alguma coisa deleitável que se deseja repetir, ou de alguma coisa desagradável cuja repetição é temida.

Por conseqüência, viver é, com efeito, aprender, sem o processo de acumulação.[ÍNDICE]

---

(1) A "segunda espécie de aprender", aqui omitida, vem mais adiante. - (N. do T.)

(2) "Indústrias domésticas", "indústrias de cabana". - (N. do T.)

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

27. EXPRESSÃO

Interrogante:*A expressão me parece da maior importância. Como artista, tenho necessidade de expressar-me, senão me sentiria sufocado e profundamente frustrado. A expressão faz parte da existência do indivíduo. É tão natural eu me expressar como artista, como um homem expressar o seu amor a urna mulher mediante palavras e gestos. Mas há na expressão uma espécie de dor que não compreendo bem. Creio que a maioria dos artistas concordarão comigo em que há um profundo conflito quando estamos expressando nossos mais íntimos sentimentos pela pintura ou outro meio. Pergunto-me a mim mesmo se terei alguma vez a possibilidade de libertar-me desta dor - ou a expressão é sempre dolorosa?*

Krishnamurti: Que necessidade há de expressão, e que tem o sofrimento a ver com ela? Não estamos sempre tentando expressar-nos, cada vez mais profundamente, com mais profusão, com mais plenitude, e ficamos alguma vez satisfeitos com o que expressamos? O sentimento profundo e a expressão dele não são a mesma coisa; há enorme diferença entre ambos, e há sempre frustração quando a expressão não corresponde ao sentimento profundo. É esta provavelmente uma das causas do sofrimento do artista: o inadequado da expressão que ele dá ao seu sentimento. Nisso há conflito, e esse conflito é um desperdício de energia. Um dado artista tem um sentimento forte e até certo ponto genuíno, e o expressa na tela. Essa "expressão" agrada a certas pessoas, que adquirem os seus trabalhos; o artista ganha dinheiro e fama. Sua expressão chama a atenção do público, torna-se "moda", e ele se põe a aperfeiçoá-la, a cultivá-la, a desenvolvê-la, e passa o resto da vida a imitar a si próprio. Essa expressão se torna "habitual" e estilizada, r torna-se mais e mais importante e, por fim, mais relevante ainda do que o sentimento; este acaba evaporando-se. O artista não sofre apenas as conseqüências sociais de ser um artista consagrado; o "mercado", isto é, o "salão", a "galeria", os apreciadores, os críticos, tornam-no um escravo da sociedade para a qual pinta. O sentimento há muito que morreu e a expressão é uma concha vazia que lhe ficou nas mãos. Conseqüentemente, essa própria expressão acaba perdendo o seu atrativo, por já não haver nada para exprimir; então, já não passa de um gesto, uma palavra sem significação. Esta é uma parte do processo destrutivo da sociedade - a destruição do bom.

Interrogante:*O sentimento não pode permanecer, em vez de se perder na expressão?*

Krishnamurti: Quando a expressão se torna da máxima importância, por ser agradável, satisfatória, lucrativa, abre-se uma brecha entre a expressão e o sentimento. Se o sentimento é a expressão, não há então conflito, porquanto não há contradição. Mas, quando o conflito e o pensamento intervêm, o sentimento se perde por efeito da avidez. A paixão do sentimento é completamente diferente da paixão da expressão, e a maioria das pessoas estão enredadas na paixão da expressão. Há, pois, sempre, essa separação entre o bom e o agradável.

Interrogante:*Posso viver sem estar preso a essa corrente da avidez?*

Krishnamurti: Quando o importante é o sentimento, nunca se fazem perguntas a respeito da expressão. Ou a pessoa tem o sentimento, ou não o tem. Se faz perguntas sobre a expressão, não as faz por interesse na arte, porém com interesse no lucro. A arte é esta coisa que nunca se leva em conta: o viver.

Interrogante:*Que é então "o viver"? Que é existir e ter aquele sentimento que, em si mesmo, é completo? Já compreendi que a expressão está fora de questão.*

Krishnamurti: É viver sem conflito.[ÍNDICE]

28. PAIXÃO

Interrogante:*Que é paixão? Sobre ela tendes falado e decerto lhe dais um significado especial. Desconheço esse significado. Como todo homem, tenho a paixão do sexo e paixão por coisas superficiais, como guiar um carro a toda velocidade ou cultivar um belo jardim. A maioria de nós gosta de entregar-se com paixão a alguma espécie de atividade. Falai a um homem sobre sua paixão especial, e vereis os seus olhos cintilarem. Paixão vem de uma palavra grega que significa sofrimento, porém, o sentimento que experimento quando empregais essa palavra não é de sofrimento, mas o de uma força irresistível, qual a do vento que sopra com violência do oeste, impelindo à sua frente as nuvens e a poeira. Como podemos alcançá-la? Paixão por quê? Que é essa paixão de que falais?*

Krishnamurti: Cumpre ver claramente que desejo e paixão são duas coisas diferentes. O desejo é sustentado pelo pensamento, impelido pelo pensamento, desenvolve-se e ganha substância do pensamento, até explodir - sexualmente ou, se se trata do desejo de poder, em suas formas próprias e violentas de preenchimento. Paixão é coisa inteiramente diversa; não é produto do pensamento, nem a

lembrança de um fato passado; não é impelida por nenhum "motivo" de preenchimento; não é, tampouco, sofrimento.

Interrogante:*A paixão sexual é sempre desejo? A reação sexual nem sempre é resultado do pensamento; pode resultar do contato, como, por exemplo, quando subitamente nos encontramos com alguém cuja beleza nos fascina.*

Krishnamurti: Sempre que o pensamento forma a imagem do prazer, há inevitavelmente o desejo, e não a liberdade própria da paixão. Se o principal "motivo" é o prazer, trata-se então do desejo. Se a paixão sexual nasce do prazer, é desejo. Se nasce do amor, não é desejo, ainda que acompanhada de extraordinário deleite. Aqui temos de ver claramente e de descobrir por nós mesmos se o amor exclui o prazer e o deleite. Quando, ao verdes uma nuvem, apreciais sua vastidão e luminosidade, há naturalmente prazer, mas há mais ainda - muito mais - do que prazer. Não estamos de modo nenhum condenando o prazer. Se voltardes constantemente àquela nuvem, em pensamento ou na realidade, para terdes estímulo, estareis então sendo impelido pela imaginação e a fantasia, e aqui, obviamente, o prazer e o pensamento são os incentivos que estão atuando. Ao olhardes pela primeira vez aquela nuvem e verdes sua beleza, não estava em ação nenhum incentivo de prazer. A beleza do sexo é a ausência do "eu", do "ego", mas o pensamento no sexo é afirmação do "ego" e, portanto, prazer. Esse "ego" está constantemente a buscar o prazer e a evitar a dor, a desejar preenchimento e, conseqüentemente, a atrair a frustração. Aí, o sentimento da paixão está sendo cultivado pelo pensamento e, por conseguinte, já não é paixão, mas prazer. A esperança, o cultivo da paixão lembrada, é prazer.

Interrogante:*Que é então a paixão?*

Krishnamurti: Ela está relacionada com a alegria e o êxtase, que não é prazer. No prazer há sempre unia forma sutil de esforço - um buscar, um esforçar-se, exigir, lutar, por conservá-lo ou por obtê-lo. Na paixão não há exigência e, por conseguinte, não há luta. Na paixão não se encontra a mais leve sombra de preenchimento, por conseguinte não pode haver frustração nem dor. Paixão é o estado livre do "ego", que é o centro de todo preenchimento e dor. A paixão não exige nada, porque ela é (não estou falando sobre uma coisa estática) . Paixão é a austeridade da negação de si mesmo, na qual não existe "vós" nem "eu"; a paixão, por conseguinte, é a essência da vida. Ela é movimento e vida. Mas, quando o pensamento introduz os problemas do ter e do conservar, a paixão deixa de existir. Sem paixão, não é possível criação.

Interrogante:*Que entendeis por "criação"?*

Krishnamurti: Liberdade.

Interrogante:*Que liberdade?*

Krishnamurti: Estar livre do "eu", que depende do ambiente -é produto do ambiente; que é formado pela sociedade e pelo pensamento. Essa liberdade é clareza, a luz que não se acende com a chama do

passado. Paixão é só o presente.

Interrogante:*Isso acendeu em mim um novo e extraordinário sentimento.*

Krishnamurti: Esse sentimento é a "paixão de aprender".

Interrogante:*Que ação especial, no meu viver, garantirá que essa paixão se manterá acesa e em função?*

Krishnamurti: Nada poderá garanti-lo, senão a atenção do aprender, a qual é ação, e existe no agora. Nela se encontra a beleza da paixão, que é o total abandono do "eu" e do tempo.[ÍNDICE]

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

29. ORDEM

Interrogante:*Em vosso ensino há inúmeros detalhes. No meu viver, preciso ser capaz de reduzi-los todos a uma só ação; agora - uma ação que influa em tudo o que eu faça, já que, no meu viver, só tenho, diretamente à minha frente, este único momento (o agora) para agir. Que é essa ação que, no viver diário, pode reunir todos os detalhes de vosso ensino num só ponto, qual uma pirâmide invertida sobre seu vértice?*

Krishnamurti:... perigosamente!

Interrogante:*Ou, por outras palavras, qual a ação que pode focalizar a inteligência total do viver num só instante do presente?*

Krishnamurti: Acho que o que se deve perguntar é como viver uma vida realmente inteligente, equilibrada, ativa, em harmoniosas relações com os outros entes humanos, sem confusão, ajustamento e aflição. Que é esse ato único que pode chamar a inteligência a atuar em qualquer coisa que se esteja fazendo? Há neste mundo muita aflição, pobreza e sofrimento. Que podeis vós, como ente humano, fazer, diante de todos esses problemas humanos? Se os aproveitais como uma oportunidade de prestar ajuda a outros, para vosso próprio preenchimento, vossa ação é então exploração e maleficência. Podemos, portanto, pôr isso de parte, logo de início. A questão real é de saber como poderemos viver uma vida altamente inteligente, ordeira, sem nenhuma espécie de esforço. Em geral nos abeiramos deste problema do exterior, perguntando a nós mesmos: "Que devo fazer em presença dos numerosos problemas da humanidade - os problemas econômicos, sociais, humanos-" - Queremos resolvê-los de acordo com as condições exteriores.

Interrogante:*Não, não vos estou perguntando como atacar ou resolver os problemas econômicos, sociais ou políticos do mundo. Isso seria absurdo! O que desejo saber é como viver virtuosamente neste mundo, tal qual como ele é, porque o mundo é como agora é, diretamente à minha frente, e não posso ordenar-lhe que tome outra forma. Tenho de viver agora neste mundo, como ele é, e, nestas circunstâncias, resolver todos os problemas do viver. Estou perguntando como tornar esse viver uma vida de Dharma (1) - aquela virtude que não é imposta de fora, que não segue nenhum preceito, não é cultivada por nenhum pensamento.*

Krishnamurti: Estais dizendo que desejais ver-vos, imediatamente, subitamente, num estado de graça, ou seja um estado de grande inteligência, inocência, amor; que desejais ver-vos nesse estado, sem passado ou futuro, e que vosso atuar proceda desse estado?

Interrogante:*Isso mesmo, exatamente!*

Krishnamurti: Esse estado não tem nada que ver com realização, sucesso ou malogro. Deve haver, decerto, uma única maneira de viver; qual é?

Interrogante:*É o que estou perguntando.*

Krishnamurti: É ter, dentro em si, aquela luz que não tem começo nem fim, que não é acendida pelo desejo, que não é vossa nem de ninguém mais. Quando há essa luz interior, tudo o que se faz é sempre justo e verdadeiro.

Interrogante:*Como obterei essa luz agora, sem toda esta luta, este buscar, ansiar, indagar?*

Krishnamurti: Só se tiverdes morrido completamente para o passado, e isso só é possível quando há ordem completa no cérebro. O cérebro não tolera a desordem. Se há desordem, todas as suas atividades serão contraditórias, confusas, aflitivas, e ele criará malefícios em si próprio e em torno de si. Essa ordem não é produto do pensamento, produto da obediência a um princípio, à autoridade, ou a uma certa forma imaginária de bondade. É a desordem no cérebro que gera o conflito; surgem então as diferentes formas de resistência cultivadas pelo pensamento - religiosas e de outra natureza.

Interrogante:*Como pode ser criada essa ordem num cérebro que se acha em desordem, que, em si mesmo, é contraditório?*

Krishnamurti: Por meio da vigilância, em todo o correr do dia e, depois, antes de dormir, coordenando-se tudo o que se esteve fazendo durante o dia. Dessa maneira, o cérebro não vai dormir em desordem. Isso não significa que o cérebro hipnotize a si próprio, para se pôr em ordem, quando, na realidade, tudo está em desordens, dentro e ao redor dele. Deve haver ordem durante o dia; e recapitular essa ordem antes de dormir é encerrar o dia harmoniosamente. Isso é proceder como o contador que, à noite, faz o balanço exato das contas, para começar o dia seguinte de maneira nova,

indo portanto dormir com a mente quieta, vazia, despreocupada, livre de confusão, de ânsia ou medo. Ao despertar-se, na manhã seguinte, há aquela luz que não é produto do pensamento ou do prazer. Essa luz é inteligência e amor. É negação da desordem criada pela moralidade em que fomos educados.

Interrogante:*Posso receber imediatamente essa luz? Foi esta a pergunta que fiz logo no início, só que a formulei diferentemente.*

Krishnamurti: Pode-se recebê-la imediatamente quando não existe "eu". Deixa o "eu" de existir quando, por si próprio, reconhece que ele precisa acabar; o ver é a luz da compreensão.[ÍNDICE]

---

(1) Dharma: (hinduísmo) Lei religiosa, ou observância dela; virtude. (Dic. "Webster"). - (N. do T.)

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

30. O INDIVIDUO E A COLETIVIDADE

Interrogante:*Não sei exatamente como formular esta pergunta, mas tenho o forte sentimento de que as relações entre o indivíduo e a coletividade - duas entidades opostas - têm sido, até hoje, um longo desfile de males. A história do mundo, do pensamento, da civilização é, afinal de contas, a história das relações entre essas duas entidades opostas. Em todas as sociedades, o indivíduo é mais ou menos suprimido; ele, tem de obedecer e adaptar-se ao padrão que os teóricos determinaram. O indivíduo está sempre tentando libertar-se desses padrões, e o resultado é uma batalha contínua entre ambas as entidades. As religiões falam da alma individual como coisa separada da alma coletiva. Põem em relevo o indivíduo. Na moderna sociedade-que se tornou tão mecânica e padronizada, e coletivamente atuante - o indivíduo anda à procura de sua própria identidade, a indagar o que é ele, a afirmar-se. A luta nunca leva a parte alguma. O que pergunto é: Que é que está errado em tudo isso?*

Krishnamurti: A única coisa que realmente importa é que, no viver, haja uma ação proveniente da bondade, do amor e da inteligência. A bondade é individual ou coletiva, o amor pessoal ou impessoal, a inteligência vossa, minha ou de outro? Se é vossa ou minha, nesse caso não é inteligência, nem amor, nem bondade. Se a bondade é uma coisa relacionada com o indivíduo ou com a coletividade, conforme a preferência ou o julgamento pessoal de cada um, então já não é bondade. A bondade não se encontra no quintal do indivíduo, nem no vasto campo da coletividade; a bondade só floresce livre de ambos. Quando há essa bondade, esse amor e essa inteligência, a ação não tem então referência ao indivíduo ou à coletividade. Como nos falta a bondade, dividimos o mundo em indivíduo e coletividade, dividindo ainda a coletividade em inumeráveis grupos, conforme a religião, a nacionalidade e a classe. Depois de criarmos essas divisões, tentamos promover a união mediante a formação de novos grupos que, por sua vez, são separados de outros grupos. Supõe-se que as grandes religiões existem para promover a

fraternidade humana; entretanto, na realidade, a impedem. Estamos sempre tentando reformar o que já se acha corrompido. Não erradicamos a corrupção fundamentalmente mas tratamos, simplesmente, de reajustá-la.

Interrogante:*Quereis dizer que não devemos desperdiçar tempo em intermináveis especulações sobre o indivíduo e a coletividade, ou em provar que são entidades diferentes ou idênticas? Quereis dizer que só a bondade, o amor e a inteligência são importantes e se encontram fora da esfera do indivíduo ou da coletividade?*

Krishnamurti: Exatamente.

Interrogante:*A verdadeira questão parece ser, então: Como podem o amor, a bondade e a inteligência atuar no viver de cada dia?*

Krishnamurti: Se atuam, então a questão do indivíduo e da coletividade é acadêmica.

Interrogante:*Como podem atuar?*

Krishnamurti: Só podem atuar no estado de relação. Toda existência é relação. O principal, portanto, é nos tornarmos cônscios de nossas relações com todas as coisas e pessoas e vermos como, nessas relações, o "eu" nasce e atua. Esse "eu" tanto é coletivo como individual. É o "eu" que separa; é o "eu" que atua, coletivamente ou individualmente; o "eu" que cria o céu e o inferno. Estar cônscio dele é compreendê-lo. E a compreensão dele é o seu fim. Seu findar é bondade, amor, e inteligência.[ÍNDICE]

31. MEDITAÇÃO E ENERGIA

Interrogante:*Desejo nesta manhã penetrar o significado ou sentido mais profundo da meditação. Pratiquei muitas das for. mas de meditação, inclusive um pouco de Zen. Há várias escolas que ensinam percebimento, mas todas elas parecem um tanto superficiais; assim, não seria melhor deixá-las de parte, para entrarmos na matéria mais profundamente?*

Krishnamurti: Devemos também deixar de parte a importância que atribuímos à autoridade, porque, na meditação, qualquer forma de autoridade, seja nossa própria, seja de outrem, se torna um empecilho, um obstáculo à liberdade, ao novo. Assim, a autoridade, o ajustamento e a imitação devem ser postos de parte completamente. De outro modo, ficaremos meramente imitando, seguindo o que se disse, e isso torna a mente muito embotada e inerte. Nisso não há liberdade. A experiência do passado poderá

guiar-vos, dirigir-vos ou abrir-vos um novo caminho, mas, ainda assim, deve ser posta de parte. Só então é possível penetrar-se nesta coisa tão profunda e importante que se chama "meditação". A meditação é a essência da energia.

Interrogante:*Há muitos anos que procuro não me tornar uni escravo da autoridade de alguém ou de algum padrão. Naturalmente, estou exposto ao perigo de enganar a mim próprio, mas, provavelmente, à medida que formos prosseguindo, conseguirei esclarecer-me. Entretanto, quando dizeis que a meditação é a essência da energia, que entendeis pelas palavras "energia" e "meditação"?*

Krishnamurti: Todo movimento de pensamento, toda ação exige energia. Tudo o que fazeis ou pensais requer energia, e essa energia pode dissipar-se por efeito do conflito, de pensamentos desnecessários e atividades sentimentais e emocionais. A energia se dissipa com o conflito, que surge na dualidade, no "eu" e "não eu", na separação entre o observador e a coisa observada, entre o pensador 'e o pensamento. Quando cessa o desperdício, há uma qualidade de energia que se pode chamar "percebimento" - percebimento sem avaliação, julgamento, condenação ou comparação; uma atenta observação, um ver as coisas exatamente como são, tanto interior como exteriormente, sem a interferência do pensamento, que é o passado.

Interrogante:*Isso é muito difícil de compreender. Se não houvesse pensamento, poderia eu reconhecer uma árvore, minha esposa, meu vizinho? O reconhecimento é necessário, pois não? - quando olhamos uma árvore ou a mulher que mora ao lado.*

Krishnamurti: Quando observais uma árvore, é necessário o reconhecimento? Quando olhais aquela árvore, dizeis que é uma árvore ou, apenas, a olhais? Se começais a reconhecê-la, como um olmo, um carvalho ou uma mangueira, então o passado está interferindo na observação direta. Da mesma maneira, quando olhais vossa esposa, se olhais com lembranças de aborrecimentos ou prazeres, não a estais olhando realmente, porém estais olhando a imagem que em vossa mente tendes a respeito dela. Essa imagem impede a percepção direta; a percepção direta não tem necessidade do reconhecimento. O reconhecimento externo de vossa esposa, de vossos filhos, de vossa casa ou de vosso vizinho é naturalmente necessário, mas porque deve haver interferência do passado, nos olhos, na mente e no coração? Essa interferência não nos impede de ver claramente? Quando condenais uma coisa ou sobre ela tendes uma opinião, essa opinião ou preconceito deforma a observação.

Interrogante:*Sim, percebo. De fato, essa forma sutil de reconhecimento desfigura o que vemos. Dizeis que todas essas interferências do pensamento são desperdício de energia. Recomendais observar sem nenhuma forma de reconhecimento, de condenação, de julgamento; observar sem dar nome, porque o dar nome, o reconhecimento, a condenação, são desperdício de energia. Isso é real e logicamente compreensível. Depois, temos o segundo ponto, que é a divisão, a separação ou, melhor, como tendes repisado em vossas palestras, o espaço existente entre o observador e a coisa observada, o qual cria dualidade; dizeis que isso é também um desperdício de energia e causa conflito. Acho muito lógico o que dizeis, mas parece-me dificílimo remover esse espaço, estabelecer a harmonia entre o observador e a coisa observada. Como é possível isso?*

Krishnamurti: Não há nenhum "como". O "como" significa sistema, método, uma prática que se torna

mecânica. Repito, precisamos deixar de dar importância à palavra "como".

Interrogante:*É isso possível? Sei que a palavra "possível" supõe um futuro, um esforço, um lutar para estabelecer a harmonia, mas temos de empregar certas palavras. Espero possamos transcendê-las e, assim, pergunto: É possível estabelecer a união entre o observador e a coisa observada?*

Krishnamurti: O observador está sempre a projetar a sua sombra naquilo que observa. Assim, temos de compreender a estrutura e a natureza do observador, e não cons.o estabelecer a união dos dois. Temos de compreender o movimento do observador, porque, com essa compreensão, talvez o observador deixe de existir. Temos de examinar o que é o observador: ele é o passado com todas as suas memórias, conscientes e inconscientes, sua herança racial, sua experiência acumulada, chamada "conhecimento", suas reações. O observador é, com efeito, a entidade condicionada. É ele quem afirma que "ele é" e "eu sou". Protegendo-se, resiste, domina, busca conforto e segurança. O observador se separa como coisa diferente daquilo que observa, interior ou exteriormente. Isso origina uma dualidade, e dessa dualidade vem conflito, desperdício de energia. Para nos mantermos cônscios do observador, de seu movimento, de sua atividade egocêntrica, suas asserções, seus preconceitos, devemos perceber todos esses movimentos inconscientes que criam o sentimento "separatista", o sentimento de diferença. Cumpre observá-lo sem nenhuma espécie de avaliação, sem "gostar" nem "não gostar"; observá-lo, simplesmente, na vida diária, nas suas relações. Quando essa observação é clara, não se está então livre do observador?

Interrogante:*Estais dizendo, senhor, que o observador é, na realidade, o "ego"; estais dizendo que o "ego", enquanto existe, tem de resistir, de dividir, de separar-se, porquanto nessa separação, nessa divisão, ele se sente vivo. Ela lhe dá vitalidade para resistir, para lutar, e ele já se acostumou a essa batalha; é sua maneira de viver. Não estais dizendo que esse "ego", esse "eu", deve dissolver-se mediante a observação, sem nenhuma tendência para "gostar" ou "não gostar", sem opinião ou julgamento: unicamente a observação desse "eu" em ação? Mas, isso é possível? Posso olhar-me tão completa e verdadeiramente, sem nada deformar? Dizeis que quando estou olhando a mim mesmo com essa clareza, não há nenhum movimento por parte do "eu". E dizeis que isso faz parte da meditação.*

Krishnamurti: Naturalmente. Isso é meditação.

Interrogante:*Essa observação, sem dúvida, requer extraordinária autodisciplina.*

Krishnamurti: Que entendeis por "autodisciplina"? Entendeis "disciplinar o "eu", metê-lo numa camisa de força", ou entendeis "aprender a respeito do "eu", o "eu" que afirma, que domina, que é ambicioso, violento, etc. - aprender a respeito dele"? O aprender, em si, é disciplina. A palavra "disciplina" significa "aprender", e quando há aprender, e não, acumular, quando há o verdadeiro aprender, que requer atenção, esse aprender cria sua disciplina própria, sua própria atividade, suas próprias dimensões; não há, pois, disciplina, como coisa imposta. Quando há aprender, não há imitação, nem ajustamento, nem autoridade alguma. Se é isso o que entendeis pela palavra "disciplina", então, por certo estais livre para aprender.

Interrogante:*Estais-me levando para muito longe e, talvez, muito fundo, e não posso acompanhar-vos bem, no que respeita a esse aprender. Vejo muito claramente que o "ego", na qualidade de observador, deve desaparecer. Logicamente assim deve ser, para que não haja conflito algum. Isso está perfeitamente claro. Mas, dizeis que essa própria observação é "aprender"; ora, no aprender há sempre acumulação, que se torna "o passado". Aprender é um processo de acrescentamento, mas aparentemente estais dando a esta palavra um significado todo diferente. Pelo que compreendi, estais dizendo que aprender é um movimento constante, sem acumulação. E exato isso? Pode haver aprender sem acumulação?*

Krishnamurti: O aprender, em si próprio, é ação. O que em geral acontece é que, depois de aprendermos, atuamos com base no "aprendido". Há, portanto, separação entre o passado e a ação e, por conseguinte, conflito entre o que "deveria ser" e "o que é", ou entre "o que foi" e "o que é". O que dizemos é que pode haver ação no próprio movimento do aprender; que aprender é atuar: não é "ter aprendido" e, depois, atuar. Muito importa compreender isso, porque o "ter aprendido" e o atuar na base dessa acumulação é a essência mesma do "eu", do "ego", ou o nome que preferirdes. O "eu" é a própria essência do passado, e o passado invade o presente e, portanto, o futuro. Nisso, há constante divisão. Onde há aprender, há movimento constante; não há a acumulação que se torna "eu".

Interrogante:*Mas, no campo tecnológico tem de haver conhecimento acumulado. Não se pode atravessar de avião o Atlântico ou dirigir um automóvel, ou mesmo fazer a maioria das coisas triviais de cada dia, sem esse conhecimento.*

Krishnamurti: Decerto que não, senhor; esse conhecimento é absolutamente necessário. Mas, estamos falando a respeito do campo psicológico, onde opera o "eu". O "eu" pode servir-se do conhecimento tecnológico para conseguir alguma coisa - um emprego ou prestígio; o "eu" pode servir-se desse conhecimento para funcionar, mas se, nesse funcionar, o "eu" interfere, as coisas começam a andar mal, porque, por meio da técnica, o "eu" está buscando posição. Assim, no campo científico, o "eu" não está interessado apenas no conhecimento; dele se está servindo para obter outra coisa. É como o músico que se serve do piano para tornar-se famoso; o que lhe interessa é a fama, e não a beleza da música em si própria ou por si própria. Não estamos dizendo que devamos lançar fora o conhecimento tecnológico; pelo contrário, quanto mais conhecimento tecnológico houver, tanto melhores serão as condições de vida. Mas, assim que o "eu" começa a utilizar-se dele, as coisas passam a andar mal.

Interrogante:*Creio que começo a compreender-vos. Estais dando um significado e uma dimensão completamente diferentes à palavra "aprender" - um significado maravilhoso. Começo a percebê-lo. Estais dizendo que a meditação é um "movimento de aprender", e que nela há liberdade para aprender a respeito de qualquer coisa - não só a respeito da meditação, mas também a respeito de nossa maneira de viver, de conduzir um automóvel, de comer, de falar, de tudo, enfim.*

Krishnamurti: Como dissemos, a essência da energia é a meditação. Por outras palavras: enquanto existir meditador, não haverá meditação. Se o meditador tenta alcançar um estado descrito por outros, uma certa e fugaz experiência...

Interrogante:*Se me permitis a interrupção, senhor, estais dizendo que o aprender deve ser constante, um fluir, uma linha ininterrupta, de modo que aprender e agir são uma só coisa ou um movimento constante? Não sei que palavra empregar, mas certamente compreendeis o que quero dizer. No momento em que ocorre uma quebra da continuidade entre o aprender, a ação e a meditação, essa quebra é uma desarmonia, é conflito. Nessa quebra, torna-se existente o observador e a coisa observada e, daí, todo o desperdício de energia; é isso que quereis dizer?*

Krishnamurti: Sim, é isso. A meditação não é um estado; é um movimento, assim como a ação é movimento. E, como acabamos de dizer, quando separamos a ação do aprender, o observador se intromete entre o aprender e a ação; então, ele se torna importante;' então, ele se serve da ação e do aprender por motivos outros. Quando o aprender é claramente compreendido como um movimento harmônico do agir, do aprender . e da meditação, não há desperdício de energia, e esta é que é a beleza da meditação. O aprender é muito mais importante do que a meditação ou a ação. Para aprender, necessita-se de liberdade completa, não só conscientemente, mas profundamente, interiormente - liberdade total. E, na liberdade, verifica-se esse movimento do aprender, agir, meditar, como um todo harmônico. A meditação é realmente uma coisa sagrada, e sua beleza reside nela própria e não fora dela.
[ÍNDICE]

32. CESSAÇÃO DO PENSAMENTO

Interrogante:*Desejo saber o que entendeis por "cessação do pensamento". Sobre o assunto conversei com um amigo e disse-me ele que isso deve ser alguma extravagância oriental. Para ele, o pensamento é a mais alta forma da inteligência e da ação, o próprio sal da vida, uma coisa indispensável. Ele criou a civilização e nele estão baseadas todas as relações. Isso todos nós admitimos, do mais sublime pensador ao mais humilde trabalhador. Se não estamos pensando, estamos dormindo, vegetando, ou sonhando acordados; somos vazios, insensíveis, estéreis; mas, quando despertos, estamos pensando, atuando, vivendo, disputando. São esses os dois únicos estados que conhecemos. Dizeis que devemos transcender ambas as coisas - o pensamento e a vazia inatividade. Que quereis dizer com isso?*

Krishnamurti: Para dizê-lo com muita simplicidade, o pensamento é a reação da memória, do passado. O passado é uma infinidade ou um segundo atrás. Quando o pensamento atua, é o passado que está a atuar, como memória, como experiência, como conhecimento, como oportunidade. A vontade é o desejo baseado nesse passado e dirigido para o prazer ou para a -fuga à dor. Quando o pensamento está funcionando, ele é o passado e, por conseguinte, não há um viver novo; o passado é que está vivendo no presente, modificando a si próprio e ao presente. Dessa maneira, não há nada novo na vida e, quando se quer descobrir alguma coisa nova, o passado deve estar ausente, a mente não deve estar atravancada de pensamentos, medo, prazer, etc. Só quando a mente se acha desimpedida, pode surgir o novo, e por essa razão dizemos que o pensamento deve manter-se quieto, funcionando apenas quando deve funcionar - objetivamente, eficazmente. Toda continuidade é pensamento; quando há continuidade, não há nada novo. Percebeis quanto isso é importante? É uma questão que concerne à própria vida. Ou

uma pessoa vive no passado, ou vive de maneira totalmente diferente; eis o ponto essencial.

Interrogante:*Creio que percebo o que quereis dizer, mas, de que maneira posso pôr fim ao pensamento? Quando ouço o melro cantar, o pensamento me diz que o melro está cantando; quando percorro a rua, o pensamento me diz que estou percorrendo a rua e me informa de tudo o que vejo e reconheço; quando me ocupo com a idéia de "não pensar", é ainda o pensamento quem faz esse jogo. Tudo o que tem significação, toda. compreensão, toda, comunicação é pensamento. Até quando não estou em comunicação com outra pessoa, estou em comunicação comigo mesmo. Quando estou desperto, penso, quando durmo, penso. Toda a estrutura de meu ser ,é pensamento. Suas raízes são muito mais profundas do que sei. Tudo o que penso e faço, e tudo o que sou, é pensamento - o pensamento a criar prazer e dor, apetites, "ânsias, resoluções, conclusões, esperanças, temores e questões. O pensamento assassina e o pensamento perdoa. Como posso transcendê-lo? Não é ainda o pensamento que quer transcender a si próprio?*

Krishnamurti: Ambos dissemos que, quando o pensamento está quieto, algo de novo pode existir. Vimos claramente este ponto, e compreendê-lo claramente é a cessação do pensamento.

Interrogante:*Mas essa compreensão é também pensamento.*

Krishnamurti: De fato? Supondes que é pensamento, mas é realmente?

Interrogante:*É um movimento mental que tem significação, uma comunicação a nós mesmos.*

Krishnamurti: Se é uma comunicação a nós mesmos, é pensamento. Mas a compreensão é um movimento mental com significação?

Interrogante:*É.*

Krishnamurti: A significação da palavra e a compreensão dessa significação é pensamento. Ele é necessário, na vida. Na vida, o pensamento deve funcionar eficientemente, isto é, no domínio tecnológico. Mas vós não estais perguntando isso. Estais perguntando como pode o pensamento, que, como o entendeis, é o próprio movimento da vida, terminar. Só pode ele terminar quando morremos? Esta é, com efeito, a vossa pergunta, não?

Interrogante:*É.*

Krishnamurti: É a pergunta correta. Deveis morrer! Morrer para o passado, para a tradição.

Interrogante:*Mas, como?*

Krishnamurti: O cérebro é a fonte do pensamento. O cérebro é matéria e o pensamento é matéria. Pode o cérebro, com suas reações e "respostas" imediatas a todo desafio e exigência - pode esse cérebro ficar muito quieto? Não se precisa saber "como' pôr fim ao pensamento, mas, sim, se o cérebro pode tornar-se completamente quieto. Pode ele atuar com o máximo de capacidade quando necessário, e a outros respeitos manter-se quieto? Essa quietude não é a morte física.

Vede o que acontece quando o cérebro fica completamente quieto.

Interrogante:*Naquele espaço (de tempo) havia um melro, a verde árvore, o céu azul, um homem a martelar na casa vizinha, o som do vento entre as árvores, o pulsar de meu próprio coração, a total quietação do corpo. Nada mais.*

Krishnamurti: Se houve reconhecimento do melro a cantar, então o cérebro estava ativo, interpretando. Não estava quieto. Isso exige realmente extraordinária vigilância e disciplina, a observação que traz sua disciplina própria, não imposta nem criada por vosso próprio e inconsciente desejo de alcançar um resultado ou uma agradável experiência nova. Por essa razão, durante o dia o pensamento deve funcionar eficientemente, sãmente, e também observar a si próprio.

Interrogante:*Isso é fácil, mas - como transcendê-lo?*

Krishnamurti: Quem está fazendo essa pergunta, é o desejo de experimentar alguma coisa nova ou é o interesse em investigar? Se é o interesse em investigar, deveis então investigar toda a atividade do pensamento, com ele vos familiarizar, conhecer-lhe todos os artifícios e sutilezas. Se fizestes isso, deveis saber que a pergunta "como ultrapassar o pensamento?" é uma pergunta vazia. Ultrapassar o pensamento é saber o que ele é.[ÍNDICE]

33. O NOVO ENTE HUMANO

Interrogante:*Sou reformista, um obreiro social. Ante a monstruosa injustiça que prevalece no mundo, toda a minha vida tem sido dedicada à reforma. Fui comunista, mas já não posso seguir o caminho do comunismo, que deu, afinal, em tirania. Todavia, continuo dedicado a reformar a sociedade, a fim de que o homem possa viver com dignidade, beleza e liberdade, e realizar o potencial que a natureza lhe deu e que ele próprio está sempre destruindo em seus semelhantes. Na América, observa-se uma certa liberdade, mas lá a propaganda e a padronização são muito fortes; a "comunicação em massa" está exercendo uma tremenda pressão na mente. Essa coisa poderosa que é a televisão - uma coisa mecânica inventada pelo homem - parece ter desenvolvido sua personalidade própria, sua própria vontade e "ímpeto" (momentum), e embora,*

provavelmente, ninguém - talvez nem mesmo algum grupo - a esteja utilizando deliberadamente para influir na sociedade, suas tendências estão moldando até as almas de nossos filhos. E o mesmo acontece, em diferentes graus, em todas as democracias. Na China, parece não haver mais esperança de salvação da dignidade do homem e da liberdade, e, na Índia, o governo é fraco, corrupto e inepto. Acho que toda a injustiça social prevalecente no mundo deve ser radicalmente alterada. Desejo, apaixonadamente, fazer alguma coisa nesse sentido, mas não sei por onde começar.

Krishnamurti: Toda reforma exige nova reforma, e isso é um processo interminável.

Assim, consideremos a questão de maneira diferente. Deixemos de parte toda idéia de reforma; eliminemo-la de nosso sangue. Esqueçamos de todo essa idéia de reformar o mundo, e vejamos claramente o que de fato está ocorrendo em todo o mundo. Os partidos políticos têm sempre um programa limitado, o qual, mesmo que se realize, acarreta males inevitáveis, que, por sua vez, têm de ser corrigidos. Estamos sempre a falar na ação política, como se ela fosse a mais importante de todas as ações, mas a ação política não constitui a solução correta. Ponhamo-la fora de cogitação. Todas as reformas sociais e econômicas entram nessa categoria. E temos também a fórmula religiosa da ação baseada na crença, no idealismo, no dogmatismo, na observância de uma certa receita considerada "divina". Isso supõe a autoridade e a aceitação, a obediência e a total negação da liberdade. Embora preguem a paz sobre a Terra, as religiões contribuem para a desordem, porque são um fator de divisão. E, também, as igrejas sempre assumiram uma certa posição política em tempos de crise e, por conseguinte; são, em verdade, grupos políticos - e já vimos que toda ação política é divisória. As igrejas nunca negaram realmente a guerra; pelo contrário, apóiam a guerra. Assim, rejeitadas as receitas religiosas, e bem assim as fórmulas políticas - que resta, e que cumpre fazer? Naturalmente a ordem cívica deve ser mantida; é preciso haver água nas torneiras. Se se destruísse a ordem cívica, tudo teria de ser recomeçado, da estaca zero. Assim, que cumpre fazer?

Interrogante:*É isso mesmo que estou perguntando.*

Krishnamurti: Interessai-vos na mudança radical, na revolução total. A única revolução é a revolução nas relações entre o homem e o homem, entre os entes humanos. E s6 esta que nos interessa. Nessa revolução, não há planos preestabelecidos, nem ideologias, nem utopias conceptuais. Cumpre-nos considerar as atuais relações entre os homens e transformá-las radicalmente. Esta é a verdadeira revolução. E ela deve ser imediata, não exigir tempo. Ela não pode realizar-se por meio da evolução, que é temporal.

Interrogante:*Que estais dizendo? Todas as mudanças históricas se realizaram no tempo; nenhuma foi imediata. Estais propondo uma coisa verdadeiramente inconcebível.*

Krishnamurti: Se necessitais do tempo para efetuar a mudança, supondes que a vida ficará em suspenso, durante o tempo necessário para efetuá-la? Não ficará em suspenso. Tudo o que tentardes para realizar a mudança estará sendo modificado e perpetuado pelo ambiente, pela própria vida. Esse trabalho, portanto, nunca terá fim. E o mesmo que querer purificar a água de um tanque que se está enchendo constantemente de água suja. O tempo, por conseguinte, está fora de cogitação.

Ora, que é que poderá efetuar essa mudança? Não pode ser a vontade, ou a determinação, ou a escolha, ou o desejo, porque tudo isso faz parte da entidade que queremos modificar. Cumpre-nos, pois, averiguar o que se pode fazer, prescindindo da ação da vontade e da determinação, que sempre gera conflito.

Interrogante:*Existe alguma ação que não seja da vontade e da determinação?*

Krishnamurti: Em vez de fazermos essa pergunta, penetremos muito mais profundamente. Vejamos que, na realidade, é só a ação da vontade e da determinação que requer mudança, porque o único mal existente nas relações é o conflito entre os indivíduos ou dentro dos indivíduos, e esse conflito resulta da ação da vontade e da determinação. Viver sem essa ação não significa vegetar. O que principalmente nos interessa é o conflito. Todos os males sociais que citastes são a projeção desse conflito no coração de cada ente humano. A única mudança possível é a radical transformação de vós próprio, em todas as vossas relações, agora mesmo, e não num vago futuro.

Interrogante:*Mas, como posso erradicar completamente, dentro em mim, este conflito, esta contradição, esta resistência, este condicionamento? Intelectualmente, compreendo o que estais dizendo, mas só se o sentir apaixonadamente poderei mudar. Mas eu não o sinto apaixonadamente. Para mim, isso é uma mera idéia; não o vejo com o coração. Se eu tentar agir na base dessa compreensão intelectual, ficarei em conflito com uma outra parte, mais profunda, de mim mesmo.*

Krishnamurti: Se puderdes ver, real e apaixonadamente, essa contradição, esse próprio percebimento será a revolução. Se virdes, em vós mesmo, a separação entre a mente e o coração, se a virdes realmente e não apenas a conceberdes teoricamente, o problema deixará de existir. O homem realmente apaixonado em relação ao mundo e à necessidade de mudança deve estar livre da atividade política, do conformismo religioso e da tradição - quer dizer, livre do peso do tempo, livre da carga do passado, livre da ação da vontade. Este é o novo ente humano. Eis a única revolução social, psicológica, e mesmo política.

A LUZ QUE NAO SE APAGA
por J. Krishnamurti